

ORDEM FRANCISCANA
SECULAR DO BRASIL

Livro de Formação para
Iniciandos e Iniciandas
à Vida Franciscana Secular

3ª Edição
2011

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL

LIVRO DE FORMAÇÃO PARA INICIANDOS E INICIANDAS À VIDA FRANCISCANA SECULAR

Equipe de Coordenação, Montagem e Revisão da 1ª Edição - 2000

Maria Aparecida Crepaldi OFS - Ministra Nacional, triênio 1997-2000

Rosalva do E. Costa OFS - Coordenadora Nacional de Formação, 1997-2000

Rosalvo Gonçalves Mota OFS - Conselheiro da Presidência do CIOFS e membro do Conselho Nacional, triênio 1997-2000

Antonio Alves Monteiro OFS - Formador do Regional NE I

Terezinha Alves de Mello OFS - Secretária Executiva da Região Centro

Teresinha Neotti Bandeira OFS - Formadora do Regional Sul I

Fr Alberto Beckhäuser OFM - Assistente Espiritual Nacional, 1997-2000

Coordenação, Montagem e Revisão da 3ª Edição - 2011

Antonio Benedito de Jesus da Silva Bitencourt OFS - Ministro Nacional, triênio 2009-2012

Verônica Basso Trevisan OFS - Coordenadora Nacional de Formação, triênio 2009-2012

Maria Aparecida Crepaldi OFS - Conselheira do CIOFS para Língua Portuguesa

Daisy Lúcia Martins Ferreira OFS - Equipe de Formação Nacional -

Coordenadora de Formação do Regional Sudeste II, triênio 2010-2013

Dalvo Correia Torres OFS - Coordenador do SEI do Regional Sudeste II, triênio 2010-2013

Terezinha Alves de Mello OFS - Coordenadora de Formação do Regional Centro

Fr Almir Rbeiro Guimarães OFM - Assistente Espiritual Nacional, 2009-2012

ÍNDICE

I – APRESENTAÇÃO	5
II – INTRODUÇÃO	7
III – SIGLAS E ABREVIACÕES	9
IV – CRONOLOGIA DE SÃO FRANCISCO	11
V – TEMAS PRINCIPAIS	
01 - A Vida de São Francisco de Assis - I parte	20
02 - A Vida de São Francisco de Assis - II parte.....	30
03 - A Vida de São Francisco de Assis - III parte	42
04 - A Vida de São Francisco de Assis - IV parte	50
05 - A Família Franciscana.....	63
06 - A Ordem Franciscana Secular.....	69
07 - A Organização da Ordem Franciscana Secular.....	79
08 - A Vocação Franciscana Secular	89
09 - O Evangelho na Vida de São Francisco de Assis	98
10 - Apresentação da Regra e sua Evolução nos Séculos	103
11 - A Fraternidade-Comunidade	109
12 - Deus se Revela a Nós - Deus Pai, o Criador.....	116
13 - Jesus, o Salvador - Deus Filho, o Redentor	122
14 - Vida Nova - Deus Espírito Santo, o Santificador	130
15 - Cristologia	135
16 - A Oração.....	142
17 - Rito de Admissão à Ordem Franciscana Secular.....	150
VI – TEMAS COMPLEMENTARES	
01 - Um Pouco da Nossa História.....	156
02 - Os Mandamentos de Deus e da Igreja.....	162
03 - Bíblia e Tradição.....	176
04 - Francisco, Modelo de Amor, de Amizade e de Fraternidade ...	183
VII – BIBLIOGRAFIA.....	195



Apresentação

O projeto de trabalhar livros de formação para a OFS do Brasil ficou fortalecido na gestão 1997 a 2000, tendo em vista que a organização básica da Fraternidade Nacional já havia sido concluída no governo anterior.

Nesse período, então, era necessário solidificar a espiritualidade de franciscanos e franciscanas seculares, os fundamentos de sua vida no meio do mundo, considerando também a exigência de um constante acompanhamento, devido às grandes transformações que nos mostram os sinais dos tempos.

Diante disso e para criar um espírito de unidade, ao mesmo tempo de liberdade, respeitando as diferenças regionais, reunimos temas e pessoas de todas as partes do país e conseguimos em conformidade com as Diretrizes de Formação da OFS do Brasil, reunir esse material que, certamente, será muito útil e precioso a todos aqueles e aquelas que desejarem preparar-se para assumir a vocação franciscana secular.

Temos confiança de que um estudo sério e uma reflexão bem feita ajudarão muito cada um(a), bem como ao futuro da Ordem Franciscana Secular, que requer cada vez mais cristãos e cristãs bem conscientes e preparados para sua importante missão.

“Os leigos são especialmente chamados para tornarem a Igreja presente e operosa naqueles lugares e circunstâncias onde, apenas através deles, ela pode chegar como sal da terra. Assim todo leigo, em virtude dos próprios dons, que lhe foram conferidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da própria missão da Igreja, na medida do dom de Cristo... A todos os leigos, portanto, incumbe o preclaro ônus de trabalhar para que o plano divino de salvação atinja sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares da terra. Consequentemente sejam-lhe dadas amplas oportunidades para que ... participem ativamente na obra salvífica da Igreja, de acordo com suas forças e as necessidades dos tempos” (LG 33).

Por outro lado, formadores(as) precisam empenhar-se não só pelo conteúdo desse livro, mas por estarem dispostos a frequentar cursos que

lhes são destinados; a cuidar da autoformação e a deixar-se penetrar do espírito que norteia toda a formação na Ordem Franciscana Secular: o seguimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, à maneira de São Francisco de Assis, “... *que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens*” (Regra da OFS, 4).

Não basta, contudo, o conhecimento e o esforço humano de ambos, formadores(as) e iniciandos (as), se não buscarem, diariamente, a graça divina, por meio da comunhão com Deus: o seu Santo Espírito e o seu santo modo de agir.

Agradecemos a todas as pessoas que colaboraram: às Equipes de Coordenação, Montagem e Revisão e outras que, direta ou indiretamente, contribuíram e fazemos votos que o fruto desse trabalho seja fecundo para todos que dele se aproveitarem.

Maria Aparecida Crepaldi, OFS
Conselheira do CIOFS p/ Língua Portuguesa

Introdução

Prezados irmãos iniciandos e irmãs iniciandas à vida franciscana secular.

Paz e Bem!

A todos aqueles e aquelas que desejam viver o Evangelho à maneira de São Francisco de Assis, na secularidade, assim se refere à Encíclica *Lumen Gentium* 31: *“A índole secular caracteriza especialmente os leigos ... É específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no século, isto é, em todos e em cada um dos ofícios e trabalhos do mundo. Vivem nas condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como que tecida. Lá são chamados por Deus para que, no exercício do próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, contribuam, de dentro, como fermento na massa, para a santificação do mundo”*.

Deus ama a todos incondicionalmente. Conhece nossas fraquezas, nossos pecados, nossas infidelidades e mesmo assim nos chama de filhos, atende nossas orações, nos abençoa, nos perdoa! Convida-nos para desenvolvermos os dons, que a nós foram emprestados, convida-nos a dizermos sim. Um sim doação, um sim batismal consciente, um sim que se reveste de esforço contínuo, de estudos, vivência, dedicação e amor transformador dos nossos corações à semelhança do nosso mestre e Senhor Jesus Cristo. Ele mesmo rezou por nós em sua oração sacerdotal: *“Eu já não estou mais no mundo, mas eles estão ainda no mundo... Dei-lhes a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal”* (Jo 17, 11.14-15).

Com o objetivo de ajudar iniciandos (as) e mestres no conhecimento e crescimento vocacional para sua admissão à Ordem Franciscana Secular e também para sanar as dificuldades em alguns Regionais quanto à insuficiência e ou organização do material de formação, o Conselho Nacional resolveu unificar, em todo o Brasil, o conteúdo básico exigido

pelas Diretrizes de Formação da OFS, oferecendo temas que poderão auxiliar o despertar para a vocação franciscana secular.

O livro *Formação para Iniciandos e Iniciandas à Vida Franciscana Secular* foi elaborado como material básico de estudo e consulta, atendendo às Diretrizes de Formação da OFS do Brasil. Portanto, todos, iniciandos(as) e formadores(as) devem tê-lo em mãos, pois o preparo para a vivência da vocação requer interesse, empenho e busca permanente, e já desde o início, é um incentivo a autoformação.

Convidamos todos a ler, estudar, rezar e pôr em prática os ensinamentos aqui contidos com grande abertura de coração, para deixarem-se conduzir pelo Espírito do Senhor, pois *Aquele que iniciou em nós sua obra, há de levá-la ao término.*

Na primeira parte (*Temas Principais*) o Livro contém o Programa de Formação reelaborado, conforme o espírito e o contexto das Constituições Gerais, bem como do “Subsídio de Formação do Conselho Internacional da OFS - CIOFS”.

Na segunda parte (*Temas Complementares*), o Livro oferece aos iniciandos(as) alguns temas que complementam sua formação inicial e são subsídios importantes e básicos para todo cristão e cristã, especialmente, para os que desejam seguir o carisma franciscano.

Nesse caminho, seguindo sempre ao encontro da fraternidade, estaremos irmanados no mesmo ideal, experimentado e vivido por São Francisco de Assis, Santa Clara e tantos outros, para chegarmos ao nosso desenvolvimento integral como pessoa humana, feita nova criatura pelo Espírito Santo, na participação da vida de Deus em Cristo e na sua missão salvífica, como membros de seu corpo, a Igreja.

“A formação cristã é um contínuo processo pessoal de maturação na fé e de configuração com Cristo, segundo a vontade do Pai, sob a guia do Espírito Santo” (CL 57).

Equipe Nacional de Formação

Siglas e Abreviações

DOCUMENTOS DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR E OUTROS

Regra da OFS	Regra da Ordem Franciscana Secular
CCGG	Constituições Gerais da Ordem Franciscana Secular
CIOFS	Conselho Internacional da Ordem Franciscana Secular
SEI	Serviço aos Enfermos e Idosos
CODHJUPIC	Coordenadoria dos Direitos Humanos, Justiça, Paz e Ecologia e Integridade da Criação
ISF	Institutos Seculares Franciscanos
TOR	Terceira Ordem Regular
aC	Antes de Cristo
dC	Depois de Cristo
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
JUFRA	Juventude Franciscana
EAE	Estatuto da Assistência Espiritual

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS

Editora Vozes-Família Franciscana do Brasil.

1Cel	Tomás de Celano, Vida I
2Cel	Tomás de Celano, Vida II
1Ct	Carta aos Custódios (primeira recensão)
1EP	Espelho da Perfeição (menor)
2EP	Espelho da Perfeição (maior)
1Fi	Carta aos fiéis (primeira recensão)
2Fi	Carta aos fiéis (segunda recensão)
Ad	Admoestações
Ant	Carta a Santo Antonio de Pádua

BnL	Bênção a Frei Leão
CA	Compilação de Assis
Cnt	Cântico do Irmão Sol
CSE	Considerações sobre os Estigmas
Fior	Fioretti
Gv	Carta aos Governantes
Le	Carta a Frei Leão
LM	Legenda Maior, de São Boaventura
LTC	Legenda dos Três Companheiros
Ord	Carta a toda Ordem
RB	Regra Bulada
RnB	Regra não Bulada
SM	Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria
Test	Testamento de São Francisco
TestS	Testamento de Sena
UV	Última Vontade a Santa Clara

DOCUMENTOS DA IGREJA

CL	Christifideles Laici
Cat / CIC (Brasil)	Catecismo da Igreja Católica
DV	Dei Verbum
GS	Gaudium et Spes
GE	Gravissimum Educationis
LG	Lumen Gentium
PB	Puebla
SC	Sacrosantum Concilium

Cronologia de São Francisco

- 1181-1182 - Nasce em Assis o filho de Pedro Bernardone e de Dona Joana (provável nome da mãe, conhecida pelo cognome de Pica). No batismo recebeu da mãe o nome de João. Ao regressar de uma viagem, o pai deu-lhe o nome de Francisco.
- 1194 - Nasce Clara, filha da nobre família dos Favarone, numa casa situada na praça da catedral, em Assis.
- 1198 - Devido a um conflito entre a nobreza (*maiores*) e a burguesia (*minores*), as famílias nobres de Assis se veem forçadas a refugiar-se em Perúgia. Também a família de Clara (palácio Coccorano).
- 1202 - Guerra entre os nobres de Assis aliados com Perúgia e os burgueses de Assis. A batalha tem lugar em Collestrada. Francisco participa da guerra. Assis é vencida e Francisco é feito prisioneiro. Após um ano de prisão, acometido por uma doença, Francisco é resgatado pelo pai.
- 1204 - Francisco passa por longa doença.
Fim de 1204 ou início de 1205 - Francisco parte para a guerra na Apúlia. Em Espoleto, tem uma visão e volta para Assis. É o início de sua conversão.
- 1205 - Entre setembro e dezembro, mensagem do crucifixo de São Damião.
- 1206 - Entre janeiro e fevereiro, Francisco despoja-se diante do Bispo Guido II. Entre março e junho, em Gubbio, presta seus serviços aos leprosos. Em julho, volta para Assis, veste um hábito de eremita e inicia o trabalho de restauração da igrejinha de São Damião. Pede pedras para essa igreja e profetiza sobre as Damas Pobres. Até janeiro ou fevereiro de 1208, trabalha na restauração de três igrejinhas: a de São Damião, a de São Pedro e a da Porciúncula.
- 1208 - 24 de fevereiro: festa de São Matias. Francisco ouve na Porciúncula o Evangelho do envio apostólico. Troca as vestes de eremita por

um hábito rude e torna-se pregador itinerante. É o início da vida propriamente franciscana.

No dia 16 de abril, recebe como companheiros Frei Bernardo de Quintavalle e Frei Pedro Cattani e, no dia 23 do mesmo mês, recebe Frei Egídio.

Entre março e junho: A primeira missão. Francisco e Egídio vão à Marca de Ancona e acolhem mais três companheiros, entre os quais Filipe Longo.

Entre setembro de 1208 e março de 1209, a segunda missão. Todos se dirigem a Poggiobustone. Francisco certifica-se do perdão dos pecados. Depois de receber mais um companheiro, envia todos para a terceira missão, dois a dois, pelas quatro direções do mundo. Bernardo e Egídio vão para Florença.

1209 - Ainda no início do ano, todos estão de volta à Porciúncula. Unem-se a eles mais quatro.

Entre março e junho, Francisco escreve uma breve Regra e vai a Roma com os onze companheiros. Obtém a aprovação oral desta primeira Regra. Ao retornarem a Assis, estabelecem-se em Rivortorto, num tugúrio abandonado.

Aos 4 de outubro, Oto IV é coroado imperador em Roma e está em Assis entre dezembro de 1209 e janeiro de 1210. Seu cortejo passa perto de Rivortorto, mas não se sabe se antes ou depois da coroação. Ainda em fins de 1209 ou início de 1210, os frades deixam Rivortorto e voltam para a Porciúncula. A Porciúncula pertencia aos beneditinos cluniacenses, que a alugaram por um preço simbólico a Francisco. Esta igreja se tornou o berço da Ordem.

1210 - Rufino, primo de Clara, associa-se a Francisco. Possivelmente, na quaresma desse ano, Francisco prega a quaresma na catedral de São Rufino. Iniciam-se também os diálogos secretos entre Clara e Francisco.

1211 - Entre junho e setembro, Francisco vai à Dalmácia e retorna.

1211/1212- No dia 18/19 de março, na noite de Domingo de Ramos para segunda-feira, Clara foge da casa paterna e é acolhida por Francisco e

pelos demais irmãos na Porciúncula, onde ela se consagra ao Senhor. Francisco, logo a seguir, a conduz ao mosteiro das beneditinas de São Paulo de Bastia. Após alguns dias, a transfere a Sant'Angelo de Panzo. No dia 4 de abril, apenas quinze dias após sua fuga, já em Sant'Angelo, Francisco recebe Inês, irmã de Clara, que também havia fugido de casa. Pouco depois, Francisco faz umas adaptações em São Damião para as irmãs e transfere-as para lá. Outras irmãs se unem a elas, e Francisco se encarrega da formação espiritual delas.

- 1213 - No dia 8 de maio, em São Leão, perto de San Marino, o senhor Orlando Cattani, conde de Chiusi, oferece a Francisco o Monte Alverne, perto de Arezzo, para servir aos irmãos como eremitério.
- 1213 ou 1214-1215 - Francisco dirige-se a Marrocos para pregar aos sarracenos. Chegando à Espanha, adoece gravemente, devendo retornar logo à Itália. Logo que volta, Tomás de Celano é recebido com muitos outros nobres e letrados à Ordem.
- 1216 - Francisco obtém do Papa Honório III a indulgência da Porciúncula.
- 1217 - No dia 5 de maio: Capítulo geral na Porciúncula. A Ordem é estruturada em províncias. Primeira missão além dos Alpes e além-mar. Frei Egídio vai para Túnis, Frei Elias para a Síria, Francisco pretende viajar para a França, mas o Cardeal Hugolino, legado papal na Toscana, dissuade-o da viagem. O Cardeal Hugolino escreve a Honório III, propondo tomar as Damas Pobres sob sua proteção. A resposta do papa é o primeiro documento do *Bullarium Franciscanum*.
- 1219 - No dia 26 de maio: Capítulo geral. Grandes missões ao exterior: Alemanha, França, Hungria, Espanha, Marrocos. Em junho, Francisco parte de Ancona para o Oriente. Os que vão para a Alemanha, França e Hungria sofrem desconfiança e maus-tratos. Os que vão para Marrocos sofrem o martírio. Motivado por este martírio, Santo Antônio pede admissão na Ordem Franciscana. Entre setembro e dezembro, Francisco chega ao acampamento do Sultão do Egito, Malek-el-Kamel (1218-1238).

- 1220 - No início do ano, Francisco dirige-se a São João d’Acre (Acco), onde havia uma fortaleza dos cruzados, e daí vai à Terra Santa. Na sua ausência da Itália, nomeara dois vigários que começaram a introduzir novidades na Ordem, instituindo novos dias de jejum e abstinência. A Ordem entra em processo de crise. Entre março e setembro, Francisco retorna à Itália. Pede ao papa que nomeie Hugolino como cardeal protetor da Ordem. Reorganiza a Ordem.
- 1220 - Francisco nomeia frei Pedro Cattani como seu vigário.
- 1221 - Morre frei Pedro Cattani em março. Em maio: Capítulo Geral. Frei Elias é nomeado vigário em lugar de frei Pedro Cattani. A Regra, adornada com citações do Evangelho por frei Cesário de Espira, chega à sua plena evolução. No fim do Capítulo, organiza-se nova missão à Alemanha. Dirigida, desta vez, por um alemão, frei Cesário de Espira, a missão teve sucesso.
- 1221 - O Papa Honório III aprova a Regra da Ordem Terceira. (Irmãos e Irmãs da Penitência)
- 1222 - Na festa da Assunção, Francisco prega em Bolonha, na sede dos estudos jurídicos, visando extinguir inimizades e reformar os pactos de paz. Muitas famílias fizeram pacto de paz.
- 1223 - Início do ano: Francisco redige a Regra definitiva em Fonte Colombo. A nova redação foi apresentada e discutida no Capítulo Geral, em junho. Aos 29 de novembro, o Papa Honório III aprova-a com bula. O texto original encontra-se como relíquia no Sacro Convento de Assis.
Na noite de Natal, Francisco celebra, em Greccio, o nascimento de Jesus Cristo, diante de um presépio.
- 1224 - Segue uma missão de frades para a Inglaterra. A missão foi bem-sucedida.
No final do mês de julho ou início de agosto, frei Elias é advertido em sonho ou visão de que Francisco terá apenas mais dois anos de vida.
Entre 15 de agosto e 29 de setembro, Francisco dirige-se ao Alverne com frei Leão e frei Rufino a fim de fazer uma quaresma de oração e

jejum em honra de São Miguel. Na proximidade de 14 de setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, Francisco tem a visão do Serafim alado e crucificado e recebe os estigmas.

Em outubro ou início de novembro, retorna à Porciúncula, passando por Borgo San Sepolcro, Monte Casale e Città di Castello.

Em dezembro de 1224 ou janeiro-fevereiro de 1225, Francisco faz um giro de pregações pela Úmbria e Marca de Ancona.

1225 - Mês de março: Francisco visita Santa Clara em São Damião. A enfermidade dos olhos piora. Ele fica numa cela ou casa do capelão. Frei Elias insiste em que ele deve fazer um tratamento, e ele consente.

Abril ou maio: Francisco recebe o tratamento, mas de nada adianta. Depois de uma noite de tormentos pela dor e pelos ratos, compõe o *Cântico do Irmão Sol*.

Junho: acrescenta ao *Cântico* a estrofe sobre a paz, para a reconciliação entre o bispo e o *podestà*.

Aconselhado por uma carta do Cardeal Hugolino, Francisco deixa São Damião e dirige-se para Rieti, onde havia os melhores médicos dos olhos.

Início de julho: Francisco é acolhido em Rieti pelo Cardeal Hugolino e pela corte papal; vai submeter-se a um tratamento com os médicos da corte pontifícia. É conduzido a Fonte Colombo para o tratamento, mas adia, devido à ausência de frei Elias.

Julho ou agosto: cauterização do nervo ótico, estendendo-se da orelha ao supercílio; sem resultado.

Setembro: Francisco vai a São Fabiano (La Foresta) para um tratamento com outro médico. Restaura a vinha do sacerdote danificada pelos visitantes.

De outubro de 1225 aos primeiros meses de 1226, Francisco está ora em Rieti, ora em Fonte Colombo.

Os Frades Menores chegam a Praga.

1226 - Abril: Francisco vai a Sena para outro tratamento dos olhos.

Maio ou junho: volta para a Porciúncula, via Cortona.

Julho-agosto: é levado para Bagnara, perto de Nocera.

Fim de agosto ou início de setembro: piora o estado de saúde e ele é conduzido ao palácio do bispo de Assis. Sentindo iminente a morte, pede para ser transportado para a Porciúncula. Na planície, abençoa a cidade de Assis.

Nos últimos dias de vida, dita o Testamento.

Na proximidade da morte, pede para ser colocado nu sobre a terra nua. Aceita de empréstimo um hábito do guardião. Lê o Evangelho da Última Ceia e abençoa os irmãos presentes e futuros.

1226 - Dia 3 de outubro, à tarde: Francisco morreu cantando o salmo. No dia seguinte, domingo, foi sepultado na igreja de São Jorge, mas antes o cortejo fúnebre passou por São Damião, para a despedida de Clara e suas irmãs.

1227 - Reinaldo de Segni é nomeado cardeal protetor dos Menores e das Damas Pobres.

1228 - 16 de julho: Canonização de São Francisco.

1230 - 25 de maio: transladação dos restos mortais de Francisco para a basílica que estava sendo construída em sua honra.

8. Para esta Cronologia tomamos por base, ora resumindo, ora acrescentando alguma nota, as cronologias já publicadas nas seguintes obras: São Francisco de Assis - Escritos e biografias de São Francisco de Assis, Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano, Petrópolis, Vozes/Cefepal, 1981; Fontes Clarianas, ed. José Carlos Corrêa Pedroso, Petrópolis, Vozes/Cefepal, 1993; Fernando Uribe, Introducción a las Hagiografías de San Francisco y Santa Clara de Asís (siglos XIII y XIV), Murcia 1999.

(Extraído do livro Fontes Franciscanas - Editora Vozes/FFB - 2004)

A Vida de São Francisco





Palavras Iniciais

Irmão e irmã, não se admire por chamá-los assim: para São Francisco todos eram irmãos. Também você.

Talvez seja esta a primeira vez que você está lendo alguma coisa sobre São Francisco, será então uma descoberta para você. Poderá encontrar o amigo, que talvez inconscientemente, há tempo, você desejava conhecer: uma pessoa como você mesmo, e, no entanto, muito diferente. Uma diferença que é um convite, mas também um dom de amizade.

Em Assis, há oito séculos, passou-se uma aventura, das mais maravilhosas que o mundo viveu.

Um jovem tido pelos amigos como o mais feliz, porque era rico e despreocupado, ouviu certo dia a voz de Deus que o convidava a segui-lo: *“Francisco, vai e reconstrói a minha Igreja, que está caindo em ruínas”*.

O jovem compreendeu que o convite incluía uma mudança total de vida. Vacilou, tentou fugir, mas enfim acolheu o convite. Distribuiu as suas riquezas aos pobres, vestiu-se de saco, andou pelo mundo pregando o bem e a paz e percebeu, com surpresa, que tinha encontrado o segredo da verdadeira felicidade.

Conseguir descobrir o segredo de Francisco e possuí-lo é uma conquista para cada criatura.

É o que desejo também para você, caro irmão e cara irmã.

Que São Francisco ajude você e o guie no caminho do bem !

Frei Pedro Rossi OFM.

Parma, 1977

01 - A Vida de São Francisco de Assis

(I PARTE)

EXPOSIÇÃO

Francisco nasceu em Assis e viveu 44 ou 45 anos, provavelmente de 26 de setembro de 1182 a 03 de outubro de 1226, e trouxe uma primavera de vida nova para a Igreja. Paulo Sabatier o chamou de: “*O maior santo que a Igreja católica produziu em todos os séculos*”. Gandhi afirmou dele: “*Precisaríamos de um São Francisco em cada cem anos e a salvação do gênero humano estaria garantida*”.

A CORTESIA DE SÃO FRANCISCO

De sua mãe recebeu uma esmerada educação civil e religiosa: a cortesia e a bondade foram as suas características¹. De seu pai, Pedro de Bernardone, aprendeu a arte do comércio. Mas Francisco preferia a vida despreocupada, a companhia dos amigos, os passeios alegres, os cantos. Rico e criativo tinha diante de si um futuro esplêndido. Os seus contemporâneos logo notaram essas qualidades, agruparam-se ao redor dele com um afeto e uma admiração sem limites e o proclamaram rei de suas festas.

O IDEAL DE CAVALEIRO

Nos tempos de Francisco, a juventude de toda a Itália estava fascinada pelos ideais da cavalaria. Em toda parte cantavam-se os feitos dos heróis e se contavam as aventuras do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda. Francisco era extremamente vulnerável às influências destes ideais, pois a mãe dele, Joana Pica, era provençal. Aos vinte anos, sua vida era um grande desabrochar de sonhos e esperanças.

COMO FOI PRESO EM PERUSA

“No tempo em que houve a guerra entre Perúgia e Assis, Francisco foi capturado com muitos concidadãos seus e encarcerado em Perúgia, mas, porque era nobre de costumes, foi colocado como prisioneiro com os cavaleiros.

Num dia em que seus companheiros de prisão estavam tristes, ele, que naturalmente era sorridente e jovial, não parecia entristecer-se, mas de certo modo [parecia] alegrar-se. Por causa disso, um dos companheiros

o repreendeu como a um louco, porque, mesmo lançado no cárcere, se alegrava. Ao que respondeu com voz vigorosa: ‘Que pensas de mim? Ainda serei venerado por todo o mundo’. E como um dos cavaleiros aos quais estava ligado dirigisse uma injúria a um dos companheiros de prisão e por causa disso todos os outros quisesses isolá-lo; somente Francisco não lhe nega companhia, mas exorta também outros a [fazerem] o mesmo.

Terminado o ano, e restabelecida a paz entre as mencionadas cidades, Francisco voltou a Assis com seus companheiros de prisão” (LTC 4).

PARTE PARA A APÚLIA

A notícia de que Guálter de Brienne preparava-se para ir a Apúlia, lutar sob a bandeira do Papa, inflamou o ânimo de Francisco que resolveu segui-lo, esperando cobrir-se de glória. Mandou preparar para si uma armadura esplêndida e, com um pelotão de jovens, foi em direção ao sul. Mas depois de poucos quilômetros, em Espoleto, ficou doente.

A VOZ DO SENHOR

Obrigado a parar, de noite, em sonho, ouviu uma voz: “*Quem poderia ser-te mais útil, o servo ou o senhor?*” Francisco disse: “*O Senhor*”. E ele disse “*Então, por que buscas o servo em lugar do senhor?*” E Francisco perguntou: “*Senhor, que quereis que eu faça?*” E o Senhor disse-lhe: “*Volta para a terra de teu nascimento porque o cumprimento espiritual de tua visão acontecerá por meio de mim*” (2Cel II, 6, 8).

De manhã, Francisco despediu-se dos seus companheiros e, ainda com febre, pegou o caminho de volta.

O ENCONTRO COM O LEPROSO

Em Assis, num certo dia, andava a cavalo fora dos muros da cidade e se encontrou com um leproso. Sua reação instintiva foi de fugir; mas parou o cavalo, olhou com ternura para aquele ser repugnante, apeou do cavalo, foi ao encontro dele, abraçou-o carinhosamente e lhe deu um beijo.

Com este ato, Francisco vencera a sua maior batalha, começou a vencer a si mesmo. Agora, sentia-se outra pessoa. Compreendeu que debaixo das feridas malcheirosas daquele leproso revelava-se Jesus sofredor.

Francisco teve uma predileção pelos leprosos. Escreveu no seu Testamento: “*Foi assim que o Senhor concedeu a mim, frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me*

sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fez misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo” (Test 1-3).

O CRUCIFIXO DE SÃO DAMIÃO

A voz do Senhor não demorou fazer-se ouvir de novo. Certa manhã estava absorto em oração na igrejinha de São Damião, diante de um crucifixo antigo. No silêncio profundo ouviu uma voz: *“Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída”* (2Cel VI, 10, 4).

Francisco interpretou o convite do Senhor ao pé da letra. Correu para casa, vendeu alguns tecidos e, com o dinheiro apurado, começou a restaurar uma, depois da outra, três igrejinhas abandonadas: São Damião, São Pedro e, mais tarde, a Porciúncula.

A VERDADEIRA LIBERDADE

Seu pai, Pedro Bernardone, sentiu-se ofendido e prejudicado; instaurou um processo contra o filho junto às autoridades da cidade. Mas Francisco apelou ao bispo de Assis, e, na praça principal, diante do povo da cidade, renunciou a todo direito de família e restituiu ao pai até a sua roupa dizendo: *“Agora direi livremente: Pai-nosso, que estais nos céus, não pai Pedro Bernardone...”* (2Cel VII, 12, 5). Com este ato, cheio de significado, Francisco conquistava a liberdade: a liberdade dos filhos de Deus. Num ímpeto de alegria elevou o olhar ao céu e começou a mais bonita das orações: *“Pai-nosso que estais no céu...”*

PEREGRINO SEM RUMO CERTO

Um empregado do Bispo, com pena de Francisco deu-lhe uma camisa e um manto comprido. Por alguns dias, ele vagueou pelos arredores de Assis, depois, dirigiu-se para Gúbio. Estava com fome e fazia frio; mas andava contente e exprimia a sua alegria cantando em provençal³.

Pelo caminho encontrou-se com bandidos que o seguraram e perguntam-lhe, quem era. Respondeu-lhes: *“Sou o arauto do grande Rei”* (1Cel 16,2). Esperavam poder roubar-lhe alguma coisa, mas não tinha nada. Frustrados, maltrataram-no e o jogaram numa fossa cheia de neve, gritando: *“Fica aí, ó grosseiro arauto de Deus”* (1Cel VII, 16,3).

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS APOSTÓLICAS

Francisco logo se reanimou, e de novo se pôs a caminho cantando os louvores de Deus. Cansado, chegou a Gúbio, onde começou a sua primeira experiência apostólica. De dia ajudava os camponeses nos seus trabalhos, cuidava dos leprosos e se aproximava dos pobres; de noite se recolhia nas grutas e nos paióis de feno para rezar e meditar. Não se preocupava com o sustento, mas aceitava o que lhe era espontaneamente oferecido em pagamento do trabalho ou como esmola.

Depois de alguns meses voltou para Assis; estava magro e com as roupas esfarrapadas. *“Tendo-o visto, todos os que o conheceram, confrontando as novas circunstâncias com as antigas, começaram a insultá-lo miseravelmente e, aclamando-o como insano e demente, atiram contra ele pedras e lama das praças”* (1Cel V, 11,2). Ele não reagia aos insultos. Mas, *“trajava um hábito eremítico e, trazendo um cajado na mão, andava com calçado nos pés e cingido por uma correia”* (LTC 25, 1), ia de rua em rua falando a todos sobre a bondade de Deus e o amor ao próximo.

PREGADOR DO EVANGELHO

Um dia desceu à Porciúncula para participar da missa. Era a festa do apóstolo São Matias. Na hora do Evangelho, ouviu as palavras de Jesus: *“Ide e pregai o Evangelho; não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem mochila para a viagem, nem duas túnicas, nem calçado e nem bastão”* (cf. Mt 10, 9 – Mc 6, 8 – Lc 9, 3;10, 4).

Depois da explicação do sacerdote, repleto de indizível júbilo, disse: *“É isto que eu desejo cumprir com todas as minhas forças”* (LTC 25, 3).

Acolheu essas palavras como se fossem dirigidas a ele; compreendeu que o Senhor não o queria como restaurador material de igrejas, mas pregador do Evangelho. Sem hesitar um só instante, jogou fora a mochila, o bastão e o calçado; e depois de conseguir, do bispo de Assis, a licença para pregar, começou a percorrer os campos e as regiões vizinhas, espalhando o Evangelho⁴.

OS PRIMEIROS IRMÃOS

Sua palavra era atraente e persuasiva porque era reforçada pelo testemunho de sua vida. Os ouvintes iam aumentando dia a dia. Alguns jovens resolveram segui-lo, Francisco disse-lhes: *“Se querem seguir-me, vão, vendam tudo que vocês têm e distribuam o fruto da venda aos pobres”* (cf.1Cel XVI, 24).

O primeiro a segui-lo foi Bernardo de Quintavale. Era um dos homens mais nobres e ricos de Assis. Para distribuir os seus grandes bens aos pobres foram necessários alguns dias. Na praça de Assis, longas filas de pobres receberam dele “*um punhado de moedas, um sorriso e uma palavra fraterna*” (Fior 2).

Vieram juntar-se outros a Bernardo: primeiro Pedro de Cattani, depois Egídio de Assis, Silvestre, Rufino, João de Cappella, Leão, Junípero, Sabbatino, Maseo, Angelo Tancredi e Mórico. Entre eles havia ricos burgueses, camponeses, cavaleiros, artesãos e dois padres. Formaram, ao redor de Francisco, uma pequena coroa de amigos, empenhados como ele mesmo, na causa do Senhor.

FRADES MENORES

O povo começou a conhecê-los e estimá-los; chamava-os de “*Penitentes de Assis*” (cf. LTC 37, 7). Mas este nome não agradava a Francisco, porque não exprimia o seu ideal de vida simples, alegre e fraterna. Preferiu que fossem chamados de “*Frades Menores*” (1Cel XV, 38, 3), quer dizer aqueles que não têm nada, os últimos, submissos a todos. De fato, resolveram participar da condição dos pobres, de pôr-se a serviço deles, como Jesus fizera, que sendo rico se fez pobre, isto é, o mais pobre e humilde entre os pobres.

A PRIMEIRA MORADA

Como lugar para habitualmente morarem, escolheram uma choupana abandonada, num lugar chamado Rivotorto. Ali, se encontravam a cada noite, rezavam juntos, comiam a sua refeição de pobres e depois se deitavam no chão para dormir. A palhoça era desprovida de tudo, e, no entanto, ali os frades sentiam-se bem, como num palácio: a mansão da Senhora Pobreza. Francisco preparou logo uma regra de vida para os seus frades, resumindo-a na observância do santo Evangelho: “*A Regra e a vida dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade*” (RB I, 2).

“*E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou. E aqueles que vinham para assumir esta vida davam aos pobres tudo o que podiam*”

ter; e estavam contentes, com uma só túnica, remendada por dentro e por fora, com o cordão e calções. E mais não queríamos ter. E nós, clérigos, rezávamos o ofício como os outros clérigos, os leigos diziam os Pai-nossos; e de boa vontade ficávamos nas igrejas. E éramos iletrados e submissos a todos” (Test 14-19).

NOTAS:

01. O primeiro biógrafo afirma: Era sereno por natureza, de trato amável, tinha o rosto alegre, sutil no falar; paciente com os outros, rigoroso consigo mesmo, em tudo cheio de elegância (cf. 1Cel 83).

Um dos últimos biógrafos escreveu: “O santo era um aristocrata do sentimento e do pensamento, isto é, democrata daquela verdadeira democracia, que é elevação e enriquecimento interior” (B. Sammaciccia, “Il verso San Francisco Assis” 1974).

02. A vocação de São Francisco foi extraordinária. Ordinariamente o Senhor chama na oração, com boas inspirações e por meio de causas segundas, como: a leitura de um bom livro, assistência a um bom filme, o convite de um amigo, a pregação de um sacerdote, etc. Um dos meios mais eficazes é a vida exemplar dos pais, especialmente da mãe. Quando eu parti para ser frade, as últimas palavras de minha mãe, franciscana secular, foram essas: “Confio-te a São Francisco”.

03. Provençal - Língua Românica falada no sul da França desde os fins do século XI. Sua forma literária serviu de expressivo instrumento para os trovadores.

04. São Francisco foi o primeiro leigo a receber, da autoridade eclesiástica, a licença para pregar. Naquele tempo apenas os bispos podiam pregar. Também os sacerdotes precisavam de uma licença especial.

REFLEXÃO

01 – Quais os momentos fortes em que Francisco descobriu a sua vocação?

02 – Quais foram os primeiros irmãos de São Francisco?

03 – Por que você quer conhecer Francisco de Assis?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Preencha o diagrama buscando palavras no texto “O encontro com o leproso”:

 — C —————
 — O —
 — R —————
 — T —————
 — E —————
— S —
 — I —————
 — A ———

02 - Pesquise e responda:

01 - Quantos anos viveu Francisco?

02 - Quando e onde nasceu? Quando e onde morreu?

03 - Qual título foi dado a Francisco por seus amigos na juventude?

04 - Como se chamavam seus pais?

05 - Quando estava em Espoleto ficou doente, em sonho ouviu uma voz e aconteceu um diálogo. Que diálogo foi esse?

06 - Quando Francisco beijou o leproso o que sentiu?

07 - Por que Francisco se sentiu feliz ao beijar o leproso?

08 - Que disse a voz do crucifixo de São Damião a Francisco?

09 - Quais as três igrejas que Francisco restaurou?

10 - Quando o pai de Francisco instaurou um processo contra ele, Francisco recorreu ao Bispo de Assis. O que disse Francisco diante do povo nessa ocasião?

11 - No caminho para Gúbio, Francisco encontrou-se com bandidos que o seguraram e perguntaram-lhe, quem era. O que Francisco respondeu?

12 - Quais foram as primeiras experiências apostólicas de Francisco?

13 - Quando voltou a Assis, magro e esfarrapado o que aconteceu?

14 - Francisco não reagia aos insultos, mas ia de rua em rua falando sobre o que?

15 - Quais as palavras do Evangelho, que Francisco ouviu na missa do dia de São Matias?

16 - Depois de acolher estas palavras e para colocá-las em prática, o que ele pediu ao bispo de Assis?

17 - O que Francisco disse aos que queriam segui-lo?

18 - Bernardo de Quintavale foi o primeiro a segui-lo. Quais são os outros?

19 - Como Francisco designou a si e a seus companheiros? Por que ele preferiu este nome ao de Penitentes de Assis?

20 - Onde foi a primeira morada dos Irmãos Menores?

21 - Em Rivortorto encontravam-se para rezar, comer e dormir. Ali Francisco escreveu uma regra de vida para si e seus companheiros. O que dizia esta regra?

VIVÊNCIA

01 - Pedir a Deus na oração a descoberta da própria vocação.

02 - Ler 1Sm 3,1-10 e Mt 4, 18-22

ORAÇÃO

Oração diante do crucifixo

Altíssimo, glorioso Deus, iluminai as trevas do meu coração, dai-me uma fé reta, uma esperança certa e caridade perfeita. Sensibilidade e conhecimento, ó Senhor, a fim de que eu cumpra o vosso santo e veraz mandamento.

(Devocionário Francisco - p. 45 e 432)

02 - A Vida de São Francisco de Assis

(II PARTE)

EXPOSIÇÃO

A REGRA

Era um programa de vida que, para ser vivido, exigia uma generosidade de herói. Mas era também um programa que abria horizontes vastos à livre iniciativa dos frades. Era ascetismo contemplativo e apostolado ardente, ardor de êxtase na solidão com Deus e explosão de caridade e de zelo para com os irmãos⁵.

Para a regra ter validade precisava-se da aprovação do sumo Pontífice. Por isso, Francisco decidiu ir a Roma junto com seus frades. Uma estranha comitiva essa, que no ano de 1209, pôs-se a caminho: eram doze miseráveis maltrapilhos que caminhavam pregando e cantando alegremente. Nada os perturbava e nem preocupava, de seus rostos transpirava a serenidade de ânimo.

ACOLHIDO PELO PAPA

Em Roma foram acolhidos pelo Papa Inocêncio III. Ouviu-os, mas antes de aprovar a Regra, pediu alguns dias para pensar. Ele teria preferido que Francisco tivesse adotado a regra monástica de Santo Agostinho ou São Bento. Mas, o santo já havia feito a sua escolha: quis o santo Evangelho como regra para si e seus irmãos. Durante a noite, o Pontífice teve uma visão: viu em sonho a basílica de Latrão que estava para cair. Aterrorizado, ele assistia à iminente ruína, quando apareceu um homem, pequeno de estatura, descalço e pobrememente vestido, que se aproximou da basílica e ofereceu o seu ombro para sustentá-la. Quando ele a tocou, como que por encanto, tudo ficou tranquilo⁶ (cf LM III, 10).

A REGRA É APROVADA

Naquele pobre, Inocêncio III reconheceu Francisco. Então, compreendeu o sentido do sonho: Deus se serviria dos frades menores para salvar a sua igreja. Na manhã seguinte, mandou chamar Francisco e seus frades, abraçou-os um por um, com todo o carinho, aprovou-lhes a Regra e se despediu deles abençoando-os paternalmente⁷.

Francisco e seus companheiros voltaram imediatamente. Ao longo da estrada, eram esperados pelo povo pobre, que ficava ao redor deles para conhecê-los e escutá-los. Depois de cada encontro, o santo abençoava os presentes e junto com os frades punha-se de novo a caminho, cantando os louvores do Senhor. A aprovação da Regra e as palavras do Papa tinham enchido o coração deles com uma alegria indescritível.

Depois de alguns dias de jornada, chegaram a Assis e foram refugiar-se em Rivotorto, onde retornaram, com entusiasmo, a sua vida de oração e penitência. As paredes rachadas daquela pobre choupana foram testemunhas de acontecimentos de simplicidade muito pura.

ENXOTADOS DE RIVOTORTO

“Vivia, até então, o feliz pai com os filhos em um determinado lugar perto de Assis, que se chama Rivotorto, um tugúrio abandonado por todos. Este lugar era tão apertado que aí mal podiam sentar-se ou descansar. Aí também, faltando muito frequentemente o pão, comiam somente rábanos que na penúria, mendigavam aqui e acolá. O homem de Deus escrevia os nomes dos irmãos nas vigas daquele tugúrio, para que cada um, querendo descansar ou rezar, conhecesse seu lugar que, na estreiteza e pequenez do lugar, o rumor excessivo não perturbasse o silêncio da mente.

Num certo dia, estando os irmãos no dito lugar, aconteceu que um camponês chegou lá com seu burro, querendo hospedar-se no mesmo tugúrio com o burro; e, entrando com o burro, para que não fosse expulso pelos irmãos, disse ao seu burro: ‘entra, entra, porque faremos bem a este lugar’. O santo pai ouvindo isto e conhecendo a palavra e a intenção do camponês, irritou-se contra ele, mormente porque ele fizera muito tumulto com seu burro, inquietando a todos os irmãos que então se dedicavam ao silêncio e à oração. Disse, portanto, o homem de Deus aos irmãos: ‘Sei, irmãos, que Deus não nos chamou para preparar hospedagem para um burro, nem para ter frequentes visitas de homens, mas que devemos perseverar principalmente nas orações e ações de graças, pregando de vez em quando aos homens a via da salvação e propondo-lhes conselhos salutareis’.

Deixaram, portanto, o dito tugúrio para o uso dos pobres leprosos, transferindo-se a Santa Maria da Porciúncula, junto da qual haviam morado antigamente em uma casinha, antes de obterem a mesma igreja” (LTC 55).

A PORCIÚNCULA

A querida capela de Santa Maria dos Anjos trazia muitas recordações a São Francisco: há mais ou menos um ano ele a havia restaurado, e ali, compreendera plenamente a sua vocação. Deus lhe havia revelado que ali seriam concedidas muitas graças. Por isso, ele gostava muito dela. Francisco desejava ardentemente fixar a sua morada na Porciúncula, por isso, dirigiu-se aos monges beneditinos do monte Subásio, aos quais ela pertencia. O abade deu-lhe não só a igreja, mas também um pedaço de terra ao redor. Mas Francisco não queria doações, aceitou-a, mas apenas para o uso e procurou pagar, cada ano, um pequeno aluguel⁸. Ao redor da igreja, os frades construíram pequenas celas, trançadas de ramos e barro, para onde podiam retirar-se, dormir um pouco e também se entregar, no silêncio, à oração e à penitência. Assim, finalmente, sentiam-se tranquilos e serenos. A caridade dos filhos de São Bento tinha-lhes dado a segurança e ninguém mais podia perturbá-los ou exotá-los.

TRABALHO E EVANGELIZAÇÃO

A vida dos frades, na Porciúncula, era a mesma que tinham em Rivotorto. A cada manhã, depois da oração, saíam e, dois a dois, procuravam em qualquer lugar alguma coisa boa que houvesse para ser feita. Trabalhavam nos campos, cuidavam dos leprosos, ajudavam os padres idosos e doentes. Amavam e defendiam zelosamente a santa pobreza como se ama e defende uma esposa. Ajudavam-se mutuamente e obedeciam uns aos outros⁹. Não tinham preocupação com o dia de amanhã, mas confiavam na providência divina, que nunca deixava faltar-lhes o necessário para viver. O povo ficava admirado ao ver Francisco e seus companheiros andar com os pés descalços, vestidos com pano de saco, mostrando-se como se fossem as pessoas mais ricas do mundo. Uma das características deles era a alegria. Alegria divina que brotava de seus corações e que atingia as pessoas que se aproximavam deles. Quando pregavam nas praças, ou no meio dos campos, os curiosos ajuntavam-se em redor deles; uns pensavam que fossem menestréis e esperavam deles histórias de cavaleiros errantes ou canto de seresteiros, mas logo notavam que suas palavras simples e diretas tinham um sentido bem diferente. Explicavam a vida, morte e ressurreição de Jesus; falavam dos vícios e das virtudes, e o faziam com tanta simplicidade e eficácia, a ponto de comover os seus ouvintes e convencê-los a seguir o seu ideal de vida¹⁰.

IRMÃ CLARA E AS POBRES DAMAS

Uma das conquistas mais ilustres, atraída pela santidade de Francisco, foi Clara de Assis. Era rica e bonita, com os cabelos dourados. Parecia uma figura de sonho. Ela podia ter escolhido uma vida rica, mas tinha ouvido, várias vezes, as pregações de Francisco e decidira segui-lo. Uma noite, fugiu de casa junto com uma amiga e chegou a Santa Maria dos Anjos para consagrar-se ao Senhor. O livro “*Fioretti*” conta que aquela noite era “mais clara” do que de costume e as estrelas piscavam do alto para proteger o seu caminho. Na capela de Nossa Senhora, Francisco cortou-lhe os cabelos dourados, vestiu-lhe um hábito grosseiro e trocou o belo cinto por uma corda áspera. Assim, começou a segunda Ordem Franciscana, chamada das Senhoras ou Damas Pobres, porque é formada de senhoras que renunciaram a tudo para seguir o mesmo ideal de Francisco¹¹. Clara, junto com outras amigas, ficou no mosteiro de São Damião onde viveu a vida inteira, na oração e na penitência.

A TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA

Também, homens e mulheres, solteiros ou comprometidos no casamento, queriam seguir o ideal de Francisco, atraídos por sua palavra e seu exemplo. O santo pensou também neles: de seu grande coração nasceu a Terceira Ordem Franciscana, que permitia àqueles (as), que não podiam abandonar a família, viver o Evangelho em suas próprias casas.

Os que vinham para essa Ordem recusavam o uso das armas, eram contra violência, usura, ódio de classe e o espírito feudal, e se empenhavam em lutar pela dignidade humana. Homens e mulheres de todas as profissões e condições sociais foram atraídos para esse ideal maravilhoso.

Com essa criação, Francisco atingiu o auge da sua genialidade: valorizou os leigos, engajando-os no apostolado ativo, mesmo ficando na família e no seu ramo de trabalho. Hoje em dia, isso não nos impressiona mais, porque depois do Concílio Vaticano II estamos acostumados a ver os leigos empenhados no apostolado. Mas no tempo de São Francisco, quem quisesse empenhar-se no apostolado e tender à perfeição, devia retirar-se aos desertos, entrar nos mosteiros cistercienses ou nas fortalezas beneditinas¹².

UM VIVEIRO DE SANTOS

Francisco via com alegria os seus filhos se multiplicarem dia por dia. Aos primeiros doze vieram juntar-se outros. Em poucos anos a Porciúncula

tornou-se um viveiro de apóstolos e de santos. O fundador lembrava-lhes que tinha criado uma fraternidade ambulante e os exortava a viver neste mundo “como forasteiros e peregrinos”. Pedia-lhes para não se fixarem em lugar nenhum. Naquele tempo, o meio de transporte mais caro e rápido era o cavalo; mas eles andavam sempre a pé, fazendo tornar-se proverbial a expressão “cavalo de São Francisco”. Não tinham metas prefixadas, mas se confiavam à providência divina. Num primeiro momento, o seu apostolado se restringia aos lugares e regiões próximos, depois se estendeu a todas as partes da Itália e ao exterior.

MENSAGEIROS DA PAZ

A cena de despedida dos irmãos era comovente. Abraçavam-se carinhosamente; depois se prostravam no chão e pediam a benção a seu santo fundador. Francisco os abençoava e animava: “*Coragem, filhos meus, vão pelo mundo e puguem a penitência e a paz!*” Depois de cada despedida o santo se retirava ao silêncio para orar.

TODO SERÁFICO NO ARDOR

Francisco sabia que o apostolado sem a oração ficava estéril. Por isso, passava horas e horas, de dia e de noite, diante do tabernáculo. A Eucaristia era o centro de toda a sua atividade. Tudo que lhe lembrava este sacramento, era por ele estimado e honrado. Honrava os sacerdotes com o máximo de respeito, se bem que ele mesmo, por humildade, não quisesse o sacerdócio para si, e queria que seus irmãos também honrassem sempre os sacerdotes. Dizia-lhes: “*Se vocês estivessem andando no caminho, e encontrassem um sacerdote e um anjo, deviam ajoelhar-se primeiro, diante do sacerdote!*” (cf. 2Cel CLII, 201, 7). Por respeito à Eucaristia ele mesmo varria as Igrejas, preparava hóstias para a missa e tinha pedido a Santa Clara para fazer sanguíneos e toalhas para as igrejas pobres. Para reavivar o amor a Jesus sacramentado escreveu cinco cartas, endereçadas aos príncipes e aos sacerdotes do mundo inteiro¹³.

O PERDÃO DE ASSIS

Uma noite, Francisco estava mergulhado em oração na igrejinha da Porciúncula e não sentia paz em seu pensamento porque tantos pecadores se perdiam miseravelmente. Apareceram-lhe Jesus e Maria, rodeados de anjos; disseram-lhe que pedisse a graça que mais desejava. O santo olhou

para Nossa Senhora e lhe pediu que intercedesse junto a seu Filho, para conseguir perdão do castigo pelos pecados cometidos por todos aqueles que, arrependidos, visitassem a Porciúncula. Disse-lhe Jesus: *“A graça que pedes é grande, mas mereceste ainda maiores; por isso concedo-te o que pedes. Vai agora ao meu Vigário e pede-lhe para ratificar na terra a minha vontade”*. Francisco não perdeu tempo, com frei Masseo, foi logo a Perúgia, onde naquele momento se encontrava o Papa Honório III, e conseguiu dele a aprovação.

NOTAS:

05. *Além da Regra, Francisco escreveu pouca coisa: umas cinquenta páginas impressas, entre as quais o conhecido Cântico do Irmão Sol, o Testamento, as Admoestações e algumas cartas.*

06. *Também no tempo de São Francisco, como hoje, a igreja vivia uma forte crise: uma crise mais de valores do que de estrutura. Foi convocado o IV Concílio de Latrão para reformar a Igreja; mas infelizmente as decisões do Concílio, da parte de muitos, não foram retamente interpretadas. Também naquela ocasião, apareceram os contestadores progressistas e conservadores, que fizeram a Igreja sofrer muito, porque, a ação reformadora deles limitava-se unicamente à crítica e olhava mais para os outros do que a si mesmos.*

07. *Hoje em dia, muitos acham que São Francisco tenha salvado a Igreja com as críticas e a contestação, estes se enganam. São Francisco foi contestador da mesma forma como o foi Jesus: com o sacrifício e o amor incondicional. Jamais, usou a violência, a droga, os atentados, a prepotência. Ele foi reformador dentro da igreja e não contra a igreja.*

08. *O aluguel, sempre recusado pelos monges beneditinos, transformou-se num gesto gentil e simbólico: num cestinho de peixes. Ainda hoje, os frades da Porciúncula levam aos beneditinos, cada ano, um cestinho de peixes pescados no Técio.*

09. *Francisco não admitia que uma pessoa dependesse da outra. De fato, não quis dar aos seus frades um abade, mas um guardião, porque considerava a obediência, não uma relação de dependência, mas de fraternidade. Se um de seus irmãos aceitava ser guardião, isto é, superior, devia estar disposto a não se sentir uma autoridade, mas ministro e servo de todos os outros irmãos.*

10. Os diretores Rossellini, Zeffirelli e La Cavani, em seus respectivos filmes, mostram São Francisco e seus primeiros seguidores como jograis despreocupados, que vão de casa em casa pedindo esmolas, saudando com as palavras “paz e bem”. A realidade é bem diferente. Francisco queria que os seus irmãos aprendessem um ofício e trabalhassem; não, porém, por cobiça de receber salário, mas para dar o bom exemplo, sempre se lembrando que o trabalho não deve impedir o espírito da santa oração, “ao qual devem servir todas as outras coisas temporais” (RB, V). Se o pagamento pelo trabalho não fosse suficiente para o seu sustento, podiam pedir esmolas de porta em porta.

11. Clara teve de lutar muito tempo para que a sua forma de vida fosse aprovada. Tratava-se de um ideal de vida que era pela primeira vez abraçado por uma mulher. A Igreja é prudente e é mãe; tratando-se de mulheres, e mulheres em clausura, temia que não conseguissem suprir as necessidades da vida. Mas, Clara segura de que aquela era a vontade de Deus, ficou firme e conseguiu o seu intento.

12. A história desta Terceira Ordem é a história maravilhosa do cristianismo vivido. Hoje, são comuns os movimentos que engajam os leigos no apostolado. E se isto é um fato, então, São Francisco é mais do que moderno, porque foi o primeiro a valorizar os leigos. Eis porque Pio XI o proclamou padroeiro da Ação Católica e de outras formas de apostolado leigo.

13. A Ordem Franciscana, desde as suas origens, cultivou a devoção eucarística. É chamada de seráfica por causa de seu grande amor a Jesus eucarístico. Conta em suas fileiras alguns dos maiores apóstolos e apóstolas da Eucaristia, como Santa Clara, Santo Antônio de Pádua, São Boaventura, São Pascoal Baylão, São Lourenço de Brindise, Santa Verônica Giuliani e outros.

REFLEXÃO

- 01 – Por que São Francisco resolveu formular uma Regra?
- 02 – Como os primeiros frades realizavam a evangelização?
- 03 – Como surgiu a Ordem Franciscana Secular?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Procure no diagrama a seguir, as seguintes palavras:

REGRA, PORCIÚNCULA, LEPROSO, CLARA, TERCEIRA,
EVANGELHO, PAZ, EUCARISTIA, GRAÇA E PONTÍFICE.

A J B M P G P O N T I F I C E L P I
Y K F F V R O X A L C P B M Y W O Y
X I O E V A N G E L H O T M P H R N
E B X F A Ç F P U A T O U X O B C X
C L A R A A R I C I A R S I U N I L
I L E P R O S O A A S N I I J N U A
F H A P S M T E R C E I R A I Ç N B
I B K O B A H L I E S Y P S R F C Q
B X E P R D H O S L G V A S I Y U G
N I M R R L J A T Y W R M B C P L A
O I A B A O T S I W Z M A A E Y A Q
I H P A Z T U Y A O I E H B O L I S

02 - Pesquise e responda:

01 - Era preciso que esta regra fosse aprovada pela Igreja. Qual papa recebeu Francisco e seus companheiros?

02 - O Papa Inocêncio III, que aprovou a Regra, teve uma visão. Qual foi?

03 - Depois dessa visão, o que fez o Papa Inocêncio III?

04 - O que fizeram Francisco e seus companheiros, após a aprovação da Regra?

05 - Que lhes aconteceu ao chegarem em Rivortorto?

06 - Que disse Francisco aos frades?

07 - Para onde foram os frades depois desse episódio?

08 - Francisco não queria ser proprietário da Porciúncula. Como se resolveu esta questão?

09 - Como era a vida dos frades na Porciúncula?

10 - Como o povo via Francisco e seus companheiros?

11 - Qual era uma de suas principais características?

12 - Como eram suas pregações?

13 - Qual foi a conquista mais ilustre, atraída pela santidade de Francisco?

14 - Como Clara conseguiu ir ao encontro de Francisco para segui-lo?

15 - Por que a II Ordem Franciscana, iniciada com Clara, também foi chamada de Ordem das Senhoras Pobres?

16 - Como surgiu a Terceira Ordem Franciscana?

17 - Como Francisco atingiu o auge de sua genialidade?

18 - Como Francisco queria que seus filhos vivessem?

19 - Qual era o meio de transporte usado pelos primeiros franciscanos?

20 - Como se despediam uns dos outros?

21 - Qual era a atitude de Francisco quanto à oração?

22 - Em relação à Eucaristia e aos sacerdotes?

23 - Como surgiu o perdão de Assis?

24 - Qual foi a graça pedida por Francisco?

25 - Qual foi a resposta de Jesus?

VIVÊNCIA

01 - Decorar a oração de adoração ao Santíssimo.

02 – Rezá-la todas as vezes que estiver diante do Santíssimo ou avistar uma cruz.

ORAÇÃO

Nós vos adoramos, Santíssimo Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro e vos bendizemos porque pela vossa santa cruz remistes o mundo.

(Devocionário Franciscano - Saudação ao Santíssimo - p. 45)

03 - A Vida de São Francisco de Assis

(III PARTE)

EXPOSIÇÃO

A PERFEITA ALEGRIA

Durante as suas longas caminhadas, de uma cidade para outra, Francisco gostava de conversar fraternalmente com o seu companheiro de viagem. Já é muito conhecido o seu diálogo com frei Leão sobre a perfeita alegria: é uma autêntica obra lírica franciscana. O santo andava pela estrada que vai de Perúgia a Assis. Caía neve e a estrada estava gelada. Francisco tomou a palavra por primeiro: *‘Frei Leão, mesmo se o frade menor fosse sábio, soubesse todas as línguas e ciências, conhecesse a Sagrada Escritura e soubesse revelar os segredos dos corações, lembra-te que nisto não está a perfeita alegria’*. Frei Leão estava calado; o frio era intenso e a Porciúncula ainda estava longe. Depois de um breve intervalo, Francisco recomeçou a falar: *‘Sabe, frei Leão, se o frade menor soubesse pregar e convertesse muitas almas a Cristo, expulsasse os demônios e até ressuscitasse um morto de quatro dias, nem nisto está a perfeita alegria!’* Finalmente, frei Leão tomou a palavra: *‘Mas então, meu pai, diga-me: em que está a perfeita alegria?’* O santo respondeu: *‘Se nós, molhados e tiritando de frio, chegássemos a Santa Maria dos Anjos, batêssemos na porta do convento e o porteiro nos enxotasse, pensando sermos dois vagabundos e nos deixasse de fora, na neve e no frio; se nós aceitássemos esta humilhação e reconhecêssemos que o porteiro disse a verdade, sim, escreve frei Leão, que nisto está a perfeita alegria. E se nós, com fome e com frio, insistíssemos batendo na porta e insistíssemos em nome de Deus para nos abrir, mas o porteiro saísse com um cacete nodoso e nos batesse a vontade e depois nos pegasse pelo capuz e nos jogasse na neve!... Se nós suportássemos tudo isso, pensando nos sofrimentos de Cristo, e o aceitássemos com paciência, pensando no seu amor, sim, escreve frei Leão, nisto está a perfeita alegria’* (cf. Fior 8).

MENSAGEIROS DA ALEGRIA

Francisco queria que seus frades fossem sempre alegres e serenos.

“Viu uma vez um companheiro seu que apresentava rosto desanimado

e triste e, sentindo-se incomodado, disse: 'Não convém que o servo de Deus se mostre triste e carrancudo aos homens, mas se mostre sempre gracioso. Dissipa tuas ofensas em teu quarto, chora e geme diante de teu Deus. Quando voltares para junto dos irmãos, tendo deposto a tristeza, conforma-te aos outros'. E, pouco depois, disse: 'Os adversários da salvação humana muito me invejam e sempre tentam perturbar nos meus companheiros o espírito que em mim eles não conseguem perturbar'. E amava tanto o homem cheio de alegria espiritual que, por ocasião de um Capítulo, para admoestação geral, mandou que se escrevessem estas palavras: 'Cuidem os irmãos para não se mostrar exteriormente sombrios e tristes hipócritas, mas mostrem-se alegres no Senhor, sorridentes, agradáveis e convenientemente simpáticos'" (2Cel XCI, 128).

AMIGO DOS POBRES

Tinha uma verdadeira predileção pelos pobres. Queria que seus frades formassem uma só família com eles. Para o santo era naturalíssimo que os pobres tivessem direito à hospitalidade dos frades. Não tolerava que se fizesse juízos pouco caridosos a respeito deles. A um frade que dissera a um pobre: “*Não quero que finjas ser pobre, porquanto não o és!*” (cf. 1Cel XXVIII, 76) impôs ajoelhar-se diante dele e pedir-lhe perdão. Dizia que ofender a um pobre era ofender a Jesus, presente no pobre. Quando dava uma esmola, experimentava uma alegria tão grande que parecia mais ser ele mesmo o beneficiado em vez de benfeitor. E sofria quando não tinha nada para oferecer aos pobres. Um dia, apareceu na porta do convento a mãe de um frade para pedir esmola. Francisco ordenou ao superior que lhe desse o máximo possível em esmola; mas, não havia mais nada em casa, porque tinham dado tudo aos pobres. O superior mostrou ao santo o livro do Novo Testamento única coisa que ficara em casa. Francisco lhe disse: “*Dá-o a esta nossa mãe, para que o venda e possa ter dinheiro para as suas necessidades. A Deus agradará mais este ato de caridade do que a nossa leitura nas matinas!*” (cf. 2Cel LVIII, 91, 6-7) Assim a primeira cópia do Novo Testamento, que a Ordem Franciscana teve e que seria uma recordação histórica, não existe mais porque foi dada em esmola a uma pobrezinha¹⁴.

AMOR À NATUREZA

Amava carinhosamente todas as criaturas; por elas sentia uma ternura que o fazia alegrar-se e sofrer. As árvores recordavam-lhe a cruz de Cristo e sofria muito ao vê-las serem cortadas. Aos jardineiros aconselhava deixar

inculto um canto do jardim para que pudessem nascer e crescer livremente também as ervas e flores selvagens. Saía do caminho para não esmagar um bichinho. Comprava o cordeirinho que era levado ao matadouro. Soltava o peixinho logo que era pescado e o passarinho preso na gaiola. As criaturas retribuíaam o seu amor e respondiam aos seus carinhos. Eis alguns episódios: passando pela estrada, nos arredores de Sena, viu uma porção de ovelhas brancas pastando; saudou-as docemente e elas vieram ao seu encontro balindo e pulando alegremente. Um dia, deram-lhe de presente uma lebre pega na armadilha; o santo a acariciou e depois a soltou, mas a lebre voltou várias vezes até ele. No Alverne, um falcão o acordava cada noite, para a liturgia das horas, mas, não o fazia quando o santo estava doente. Em Alviano, durante um sermão, mandou que as andorinhas se calassem e elas obedeceram. Em Gúbio, um lobo feroz ficou manso, obedecendo às suas palavras e tornou-se amigo de todos.

O SERMÃO AOS PÁSSAROS

Tinha um carinho especial pelos passarinhos; gostava de unir-se ao canto deles e recitar o breviário. Exercia um fascínio todo especial sobre eles. Quando penetrava nos bosques, por caminhos solitários, os passarinhos esvoaçavam ao redor dele e o festejavam com gorjeios intermináveis. Certo dia, nos arredores de Bevagna, foram chegando perto dele um número tão grande de aves, a ponto de parecer que todas, daquela região, se haviam reunido ali. Algumas pousaram sobre seus ombros, outras, no capuz, e, mais outras, nas mãos; a maior parte assentou-se aos seus pés. O santo sorriu-lhes amavelmente e dirigiu-lhes a palavra: *“Meus irmãos pássaros, muito deveis louvar o vosso Criador e sempre amar Àquele que vos deu penas para vestir, asas para voar e tudo o que necessitais. Deus vos fez nobres entre as criaturas e concedeu-vos a mansão na pureza do ar, porque, como não semeais nem colheis, Ele, todavia, vos protege e governa sem qualquer preocupação vossa”* (1Cel XXI, 58, 6-7). Enquanto ele falava, eles inclinavam as cabeças e batiam as asas de alegria. Parecia compreenderem tudo que Francisco falava.

CAPÍTULO DAS ESTEIRAS

Mas, Francisco amava, sobretudo, os seus frades: ficava sempre no meio deles para escutá-los e alegrar-se com o bem que faziam. Ficou famoso o encontro que passou à história com o nome de Capítulo das Esteiras,

no qual participaram uns cinco mil frades; entre esses estava também Santo Antônio de Pádua. Os frades acamparam ao redor da Igrejinha da Porciúncula, em grupos “*quarenta aqui, ali duzentos, além trezentos juntos, todos ocupados somente em falar de Deus*” (Fior 18).

Estavam desprovidos de tudo: faziam cobertas improvisadas com ramos de árvores, dormiam no chão e não tinham comida nenhuma, mas Deus inspirou aquele povo bom da Úmbria para lhes arranjar as provisões necessárias: “*E eis que subitamente chegam das ditas terras homens com jumentos, cavalos, carros carregados de pães e de vinho, favas, queijos e de outras coisas boas de comer, como os pobres de Cristo necessitavam*” (Fior 18).

No fim do encontro, Francisco abençoou todos os seus frades e, comovido disse-lhes: “*Filhos meus, grandes coisas prometemos a Deus: mas muito maiores Deus nos prometeu. Observemos o que prometemos; e esperemos com certeza as que nos foram prometidas. Breve é o deleite do mundo, mas a pena que se lhe segue é perpétua. Pequeno é o sofrimento desta vida, mas a glória da outra vida é infinita*” (Fior 18)¹⁵.

EM DIREÇÃO AO ORIENTE

Foi durante este encontro que os frades, antes de se despedir, decidiram estender o seu apostolado também aos infiéis. Muitos deles partiram logo, dois a dois, e foram para as terras mais longínquas. Francisco, primeiramente, foi para a França e a Espanha; depois, “desejando intensamente o martírio” dirigiu-se ao Oriente próximo.

No Egito conseguiu chegar até o Sultão Meleke Kamel. Propôs-lhe converter-se a Cristo junto com todo seu povo; mas o seu pedido não obteve resultado. Para comprovar a verdade da sua doutrina, Francisco propôs ao sultão desafiar os sacerdotes dele com a prova do fogo: quem ficasse sem se queimar teria a prova da verdade. O Sultão aceitou, mas nenhum dos seus sacerdotes quis submeter-se à prova. Antes, insistiram com ele para cortar a cabeça de Francisco. O Sultão, que era um homem magnânimo e generoso, não só deixou-o livre, mas também ficou impressionado por sua simplicidade e sinceridade deu-lhe alguns presentes e um salvo-conduto para visitar os seus territórios¹⁶.

VOLTA À PÁTRIA

Francisco ficou alguns meses na Terra Santa. Voltou à Itália, aportando em Veneza; de lá desceu a Verona, Bréscia, Mântua; depois, passou o rio Pó, em Cannetolo de Fontanellato curou um menino; em Parma, pregou na praça pública; em Bolonha, encontrou seus frades em uma “casa deles”, de onde os fez sair, porque o convento não estava de acordo com a pobreza. Em alguns desses lugares a sua passagem ficou marcada por recordações¹⁷.

NOTAS:

14. *O amor aos pobres é uma herança dos filhos de São Francisco, como um precioso testamento. Isto é confirmado pelas inumeráveis obras de caridade criadas pelos frades, religiosas e leigos(as) que se colocam ao lado dos pobres nas suas lutas e caminhada.*

15. *Atualmente, os(as) filhos(as) de São Francisco estão pelo mundo todo. São os membros da Família Franciscana que é composta pela:*

— *I Ordem que abrange três Obediências:*

Ordem dos Frades Menores

Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

Ordem dos Frades Menores Conventuais

— *II Ordem ou Ordem de Santa Clara*

— *III Ordem:*

— *Ordem Franciscana Secular que abrange:*

Os(as) leigos(as) que nela professam

Sacerdotes diocesanos que nela professam

— *TOR - Terceira Ordem Regular que abrange:*

Congregações masculinas

Congregações femininas

— *JUFRA - Juventude Franciscana, que “é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito Santo para fazer, em Fraternidade, a experiência de vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a própria vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular” (CCGG 96,2).*

16. *Naquele momento teve início, para os frades menores, o apostolado da Terra Santa. Hoje, os filhos de São Francisco lá desenvolvem seu apostolado em igrejas e santuários, conventos, paróquias, clínicas e*

dispensários, escolas e institutos de educação, oficinas e laboratórios. Este rio ininterrupto de bem sempre teve a sua fonte no sacrifício dos filhos de São Francisco e na generosidade dos cristãos e cristãs.

17. Em Parma, a passagem de São Francisco é lembrada por um afresco no Batistério da cidade e por uma pedra, que se conserva na Igreja Monumental da Anunciação, sobre a qual ele pousou os pés enquanto pregava na praça. São Francisco ficou também no convento de Vila Verucchio (Forlì), onde plantou um cipreste, que atingiu proporções gigantescas e atualmente é atração dos turistas italianos e estrangeiros.

REFLEXÃO

01 – Na espiritualidade franciscana o que significa a perfeita alegria?

02 – Por que São Francisco é o Patrono da ecologia?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Escreva **(V)** se a afirmação for verdadeira ou **(F)** se for falsa:

- () A verdadeira alegria consiste em conhecermos a Sagrada Escritura e explicá-la aos outros.
- () As árvores recordavam-lhe a cruz de Cristo e sofria muito ao vê-las serem cortadas.
- () No Capítulo das Esteiras a maior preocupação dos frades era refletir sobre Deus.
- () Francisco queria que seus frades fossem sempre alegres e serenos.
- () São Francisco não gostava de unir-se ao canto dos passarinhos e nem recitar o Breviário.
- () No Egito, Francisco cativou o Sultão, convertendo-o para o cristianismo.
- () Francisco tinha uma verdadeira predileção pelos pobres e dizia que ofender a um pobre era ofender a Jesus presente no pobre.
- () Se nós suportássemos todas as injustiças pensando no amor de Deus e aceitando-as com paciência, nisso consistiria a perfeita alegria.

02 - Pesquise e responda:

01 - Num diálogo com frei Leão, Francisco pergunta-lhe em que consiste a perfeita alegria, frei Leão não soube responder. Resuma a explicação dada por Francisco.

02- Por que Francisco chamava seus frades de jograis de Deus?

03 - Qual era a atitude de Francisco em relação aos pobres?

04 - Qual era a atitude de Francisco em relação à natureza?

05 - Qual era a atitude de Francisco em relação aos irmãos?

06 - O que foi o Capítulo das Esteiras?

07 - Após o Capítulo das Esteiras para onde se dirigiram os frades?

08 - O que aconteceu no Egito?

09 - Quanto tempo Francisco ficou na Terra Santa?

VIVÊNCIA

01 - Acolher com um sorriso e um cumprimento os irmãos e irmãs.

ORAÇÃO

“Quem és tu, dulcíssimo Deus meu, e quem sou eu, vilíssimo verme e teu inútil servo?” (Fior – 3ª CSE)



04 - A Vida De São Francisco De Assis

(IV PARTE)

EXPOSIÇÃO

ORAÇÃO E PENITÊNCIA

Depois, voltou para Assis e dedicou-se, principalmente, à oração e à penitência. A sua oração não era de poucos minutos, mas demorada e cheia de devoção. E quando rezava nas florestas e na solidão, enchia as matas de gemidos, banhava o chão de lágrimas, batia no peito com a mão. Não era mais um homem que rezava, mas ele todo, com todo o seu ser, tornara-se oração (cf. 2Cel LXI, 94-96). Gostava de fugir do convívio com as pessoas e retirar-se para lugares solitários, onde podia dialogar familiarmente com seu Deus. Seus lugares preferidos foram: Greccio, Cárceri, Fonte Colombo, Poggio Bustone, Lo Speco perto de Narni, Monte Casale e Alverne¹⁸.

O PRESEPIO

Um dia, quando Francisco andava no bosque de Greccio viu uma gruta que lhe pareceu muito semelhante com aquela em que Jesus nasceu. E veio-lhe a ideia de usá-la para representar ao vivo o acontecimento do Natal. Contou a ideia ao senhor João Velita, o qual o ajudou a preparar a gruta: levou para lá um boi e um burrinho e encheu o cocho de feno. Francisco colocou uma imagem do menino Jesus sobre o feno. Os camponeses e os pastores do vale e das regiões próximas dirigiam-se à gruta, na noite de Natal, com fachos acesos e cantando canções de pastores. À meia-noite, foi celebrada a santa missa. Os frades, vindos até de lugares afastados, faziam uma coroa ao redor do altar. Depois do Evangelho, o santo falou aos fiéis sobre o grande mistério do nascimento de Jesus. Era tão grande a alegria que experimentava em seu coração que, quando pronunciava o nome de Jesus, lambia os lábios e quando pronunciava a palavra Belém a sua voz parecia a fala de um anjo. Aquela noite, foi realmente uma noite do paraíso (cf. 1Cel XXX, 84-85)¹⁹.

NO MONTE ALVERNE

Francisco amou Jesus com a ternura de um amigo. Comovia-se ao pensar que ele se fez homem para salvar-nos e chorava de dor ao contemplá-

lo na cruz. São Boaventura diz: “ ... *quando lhe vinha à mente a crucifixão de Cristo, mal podia conter-se exteriormente das lágrimas e gemidos, como ele próprio contou mais tarde familiarmente, quando se aproximava do fim*” (LM I, 5,8). Este amor para com Jesus crucificado o levou a conformar-se com Ele em plenitude sobre o monte Alverne.

O Alverne é um monte selvagem coberto de árvores centenárias. A tradição conta que ele é um dos montes que se fenderam quando Jesus morreu no Calvário. As suas rochas, abruptas, provocam calafrios naqueles que sobem até o cimo dele. Francisco ganhou-o de presente do conde Orlando de Chiusi. Lá em cima, ele mandou construir uma cabana de ramos, longe do eremitério dos frades, onde gostava de ficar sozinho para poder jejuar e dialogar mais familiarmente com Deus²⁰. Só frei Leão podia aproximar-se dele, em certos horários e depois de anunciar a sua chegada com uma frase anteriormente combinada.

OS ESTIGMAS

Certa noite, Francisco estava profundamente mergulhado em oração e pedia ao Senhor, entre lágrimas e suspiros: “*Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores*” (3ª CSE).

Apareceu-lhe de repente um serafim com seis asas, rodeado por uma luz brilhantíssima; os moradores das regiões vizinhas pensaram que a mata estivesse queimando. A aparição durou longo tempo e, antes que ela desaparecesse, o santo sentiu no corpo uma dor inexprimível. Quando a visão terminou, percebeu que tinha as mãos, os pés e o lado feridos e cheios de sangue. Deus tinha atendido a sua oração e lhe havia imprimido no corpo os sinais de seu amor: as chagas (cf. 3ª CSE).

FREI LEÃO “OVELHINHA DE DEUS”

Frei Leão foi o primeiro a saber o que acontecera a Francisco. Ajudou-o a voltar do arrebatamento extático e, em seguida, lhe enfaixou as mãos e os pés com panos e enxugou o sangue que pingava da ferida do lado; e, deste dia em diante, torna-se também o seu enfermeiro²¹. Francisco

teve uma predileção por frei Leão, que escolhera como seu confessor e chamava afetuosamente de “ovelhinha de Deus”²². Um dia, soube que ele estava atormentado por uma tentação; chamou-o para junto de si e lhe disse: “*Ovelhinha de Deus, peço-te o favor de me arrumar um pergaminho, porque desejo recompensar-te pelo bem que me fazes com a minha bênção*”. E, com as mãos estigmatizadas, escreveu estas palavras: “*O Senhor te abençoe e te guarde; te mostre a sua face e tenha misericórdia de ti. Volva para ti o seu olhar e te dê a paz. Frei Leão, (T) o Senhor te abençoe!*” (BnL). Depois, no lugar da cruz, fez um T (tau), símbolo da cruz. Frei Leão ficou imediatamente livre da tentação; beijou e tornou a beijar aquele pergaminho, que guardou no peito até o fim de sua vida (cf. 2Cel XX, 49)²³.

ADEUS AO ALVERNE

Depois de receber os estigmas, Francisco ainda ficou algumas semanas no Alverne, e então decidiu voltar à Assis. O conde Orlando pôs um jumentinho a disposição dele, porque não tinha condições de caminhar. Antes de partir juntou os frades ao seu redor; recomendou-lhes que conservassem aquele lugar e que nunca permitissem que alguém o profanasse, porque fora abençoado pelo Senhor. Depois os abençoou, um por um, e despediu-se deles com palavras repassadas de um afeto terníssimo: “*Adeus, filhos meus, Deus os abençoe. Eu me afasto de vocês corporalmente, mas deixo-lhes o meu coração. Vou-me embora com a Ovelhinha de Deus e não voltarei mais para cá. Eu me vou, adeus! Adeus a todos!*” Os frades caíram em pranto. O santo os abraçou, depois partiu. E de cima do monte Foresto, de onde podia ver-se pela última vez o monte Alverne, Francisco desceu do jumentinho, ajoelhou-se e com a mão estigmatizada traçou um sinal da cruz. Depois, com grande efusão deu seu último adeus: “*Adeus, monte de Deus, adeus monte dos anjos; adeus flores e faias, que vos elevais ao céu, ágeis como preces; adeus rochedos; adeus irmãos passarinhos, alegres e canoros; adeus irmão falcão, eu te agradeço pela caridade que tiveste comigo. Adeus Alverne, o Senhor te abençoe; adeus, não vamos nos rever mais!*”

VIAGEM DE DORES E BÊNÇÃOS

A volta do Alverne foi para Francisco um triunfo contínuo. A notícia do milagre dos estigmas se espalhou rapidamente. Ao longo do percurso o povo esperava por ele, parava para tocar-lhe a túnica, beijar-lhe as mãos e os pés traspassados.

Os seus biógrafos contam que, durante o trajeto, ele fez muitos milagres. Assim, enquanto os estigmas foram o coroamento de sua vida, agora os milagres são a confirmação de sua santidade.

A viagem durou algumas semanas, porque o santo estava muito fraco e era obrigado a parar muitas vezes. Em Assis, os frades ficaram impressionados com o seu estado de saúde. A chaga do lado não parava de sangrar. A conjuntivite queimava-lhe os olhos e a doença do estomago fazia-o contorcer-se de dor. Diante da insistência de Clara, o santo aceitou o pedido de chegar a São Damião. As irmãs prepararam-lhe uma cabana de ramos, onde podia repousar e orar tranquilamente. Mas os sofrimentos não queriam ceder e diminuir.

O CÂNTICO DAS CRIATURAS

Um dia, em meio a dores fortíssimas, Francisco ouviu uma voz que lhe disse: *“Então exulta, porque tua enfermidade é a garantia de meu reino, e pelo mérito da paciência espera seguro e certo a herança do mesmo reino”*. A esta notícia o seu coração transbordou de alegria e, já quase cego, enquanto os passarinhos cantavam ao redor dele, abriu os braços, elevou os olhos ao céu e entoou um canto novo: *“Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção”* (Cant).

Este é o Cântico das Criaturas, a primeira poesia da língua italiana: jovial, clara e límpida como as pupilas de uma criança²⁴.

A saúde de Francisco piorava constantemente. Aos males físicos vieram juntar-se uma legião de ratos, que de noite corriam por cima dele, até pelo rosto, não o deixando dormir, de modo que *“ficava claro ser obra do demônio”*²⁵. O seu respeito para com todas as criaturas, não lhe permitia espantá-los; por isso, o atormentavam sem serem enxotados e o faziam sofrer sem serem impedidos.

QUASE CEGO

O bispo de Assis pediu que ele ficasse no palácio, para dar-lhe uma assistência mais eficaz. Os médicos tentaram melhorar um pouco a sua vista, recorrendo a um remédio extremo: a cauterização das têmporas. Quando vieram os ferros em brasa, os frades fugiram horrorizados, e o próprio Francisco, num primeiro momento, teve medo, mas, disse: *“Meu irmão fogo, o Altíssimo te criou forte, belo e útil, dotado de beleza de causar inveja às demais criaturas. Sê-me propício nesta hora, sê cortês!*

Porque há muito tempo que te amo no Senhor. Suplico ao grande Senhor que te criou que modere agora o teu calor, para que eu possa suportar-te enquanto me queimas suavemente” (2Cel CXXV, 166,6). A graça do Senhor o assistiu, pois suportou a operação. Mas os olhos não melhoraram.

Foi durante sua breve permanência no palácio do bispo que o Poverello soube que entre o bispo e o perfeito havia uma briga séria. Ficou profundamente sentido com isso. Pediu a frei Leão convidar o prefeito para vir ao palácio. Quando o santo viu as duas autoridades perto do seu leito, ergueu o olhar suplicante ora para um, ora para outro, sem dizer palavra. Depois, convidou seus frades para entoarem o Cântico das Criaturas. Os dois adversários, quase sem o perceberem, acharam-se envolvidos um pelos braços dos outros. Foi aí que Francisco acrescentou uma nova estrofe ao Cântico: *“Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor!”*

O SEU TESTAMENTO

Sentindo a irmã morte aproximar-se, Francisco chamou para perto de si os seus frades e lhes ditou a sua última vontade, que se pode resumir em três pontos:

- *“que [os frades] em sinal da minha memória, bênção e mistério, se amem mutuamente;*
- *que amem e observem nossa senhora a santa pobreza;*
- *que sejam sempre fiéis e submissos aos prelados e a todos os clérigos da santa mãe Igreja”* (cf. 1EP 30, 28-30).

Ao médico que o tratava pediu que lhe dissesse a verdade e que não o enganasse: *“Irmão médico, prognostica com coragem que a morte está próxima, ela para mim será a porta da vida! Bem-vinda, minha irmã morte!”* (cf. 2Cel CLXIII, 217).

EM SANTA MARIA DOS ANJOS

Pediu para ser levado a Santa Maria dos Anjos, porque desejava morrer perto da pequena igreja, que ele tanto amava. Os seus companheiros colocaram-no sobre uma maca e seguiram lentamente em direção da Porciúncula. Pelo meio do caminho fez sinal aos seus irmãos para parar e lhes pediu para o virarem de modo que pudesse ver Assis. A cidade toda estava diante dele. Com seus muros e suas torres, com suas ruas inclinadas e suas casas com pedras cor de rosa. Francisco com grande esforço levantou

os braços, com um fiozinho de voz, disse: *“O Senhor te abençoe, ó minha cidade querida; em ti salvar-se-ão muitas almas. Dentro de teus muros, morarão muitos servos de Deus e em ti muitos serão escolhidos para o reino dos céus!”* (cf. 2EP 124). Depois, em silêncio, o cortejo retomou a sua caminhada.

IRMÃ MORTE

Ao lado da Porciúncula, o deixaram numa cabana, a poucos passos da capela. O ter voltado a esse lugar de paz, o encheu de ternura. Voltou-se aos companheiros e disse: *“Este lugar é santo; tenham-no sempre em grande veneração e não o abandonem jamais”*(cf.1Cel VII, 106, 3-4). Sentindo que a irmã morte se aproximava, pediu para ser colocado nu sobre a terra nua. Em seguida, com voz fraquinha, entoou o Salmo 141: *“Ao Senhor elevo a minha alma!”* Seus irmãos, ajoelhados ao lado dele continuaram o canto, entre soluços. O céu estava sereno e a hora estava quente como num dia de primavera. Enquanto o salmo ia chegando ao fim, na humilde celazinha, coberta de ramos, Francisco ergueu lentamente as mãos e, com voz fraquíssima, completou o Cântico das Criaturas com uma nova estrofe: *“Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, da qual homem algum pode escapar”*(Cnt 12). Em seguida, a sua vida se foi apagando suavemente: o jogral de Deus queria ir ao encontro da irmã morte cantando. Era o anoitecer do dia 3 de outubro de 1226. Um bando de cotovias chegou e pousou no telhado da cabana, para trazer a sua última saudação àquele que as havia desafiado para louvar *“O altíssimo, onipotente, bom Senhor”*(Cnt 1).

CONCLUSÃO

Irmão, se você leu atentamente essas páginas, notou que São Francisco é um santo original, quase diria, estranho. Original é o seu modo de falar, de agir e o próprio modo de morrer. É por acaso normal morrer cantando? Experimente compará-lo com um outro. Ele é incomparável. É ele e basta. A sua fisionomia é irrepetível.

O próprio Tomás de Celano, que foi seu primeiro biógrafo, diante da personalidade misteriosa do Poverello, depõe a pena dizendo: *“É melhor que eu cale! Porque nenhuma palavra humana conseguirá expressar o mistério original, gentil e genial em São Francisco”*.

Francisco foi original porque foi simples. Seu primeiro biógrafo diz

ainda dele: “*Ele era gentil, cortês, bom e simples: santo entre os santos, e entre os pecadores como se fosse um deles*”(1Cel XXIX, 83,11). Não foi astuto, não usou de subterfúgios: sempre acreditou na bondade. Não teve medo nem da morte, mas até a cantou como irmã e a acolheu com alegria. Aos homens de hoje Francisco propõe a mensagem que conduz à fonte da verdadeira alegria: Observar o santo Evangelho!

Francisco, vivendo o Evangelho, conquistou a verdadeira liberdade e, na liberdade, encontrou a “perfeita alegria”: descobriu o segredo da verdadeira felicidade. É o que desejo também a você, caro irmão/cara irmã! São Francisco o ajude e conduza pelo caminho do bem.

NOTAS:

18. *Estes lugares, santificados pela presença de São Francisco, ainda hoje, constituem marcos importantes da espiritualidade franciscana e são lugares de peregrinação. Neles, os filhos de São Francisco continuam a vida de oração e penitência de seu santo fundador.*

19. *Assim, o presépio nascia do coração do Poverello; e, atualmente, por ocasião do Santo Natal, o presépio nos comove e nos faz reviver o mistério do nascimento de Jesus. Para Francisco, o Natal era a festa das festas. Queria que naquele dia os ricos saciassem os pobres e os famintos, que os donos dessem mais comida aos animais, especialmente ao boi e ao burrinho e que todos jogassem grãos nas sacadas e nas janelas para os passarinhos.*

20. *No monte Alverne, na capela de Santa Maria Madalena, conserva-se ainda uma pedra, sobre a qual se leem estas palavras: “Aqui, Jesus apareceu a São Francisco, enquanto estava sentado nela, falou com ele familiarmente e lhe fez promessas”. Eis algumas promessas feitas por Jesus a São Francisco, que a tradição nos transmitiu:*

- a) o monte Alverne será sempre propriedade dos frades, porque é um lugar abençoado;*
- b) se os frades observarem a Regra, a Ordem Franciscana durará até o fim do mundo;*
- c) aos frades que amarem a pobreza, jamais faltará o necessário ao sustento;*
- d) aqueles que tiverem uma predileção pelos frades, terão uma assistência especial do Senhor no leito de morte.*

21. Graças a frei Leão podemos ainda admirar um pano de linho, manchado de sangue, que servia para proteger a ferida do lado de São Francisco. Encontra-se no Alverne, num altar lateral da basílica e é conservado num relicário de prata.

22. Um dos aspectos mais humanos que caracterizaram São Francisco foi a amizade. Vínculos de verdadeira amizade ligaram-no ao Cardeal Hugolino de Ostia, depois Papa Gregório IX, ao bispo de Assis, Guido II, a sacerdotes seculares e religiosos. Nutriu um afeto paterno e fraterno por Santa Clara e pelas enclausuradas de São Damião, por Jacoba de Settesoli, que ficou ao lado dele durante sua enfermidade e que ele chamava de frei Jacoba.

23. O autógrafo do santo, com a bênção escrita para frei Leão sobre o Monte Alverne, conserva-se em Assis, na Basílica inferior, junto com outras relíquias preciosas. Entre todas as recordações de São Francisco, é talvez a mais comovente. Aquele pergaminho amarelecido suscita, naquele que o admira, uma profunda reverência e uma ternura muito grande.

24. Lendo o Cântico do Irmão Sol, somos levados a pensar que São Francisco o tenha escrito na plenitude das suas forças, num momento de alegria bem especial. Mas a realidade é diferente: ele o compôs já no fim de sua vida, depois de uma noite de insônia, quando se sentia atormentado no corpo e no espírito. Este prodigioso hino à criação só podia sair da grandeza de ânimo de um São Francisco; podemos chamá-lo de “o Magnificat do Poverello de Assis”.

25. Francisco foi atormentado, em várias ocasiões, pelo demônio (cf. 2Cel 122).

REFLEXÃO

01 – O que você achou mais atraente na vida de São Francisco?

02 – Por que São Francisco quis celebrar o Natal de Jesus?

03 – O que representa para você a festa do Natal?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Copie o salmo 141:

02 - Pesquise e responda:

01 - A que se dedicou Francisco após voltar a Assis?

02 - Como Francisco teve a ideia de criar um presépio?

03 - Como foi celebrada a festa de Natal?

04 - Como era o amor de Francisco para com Jesus?

05 - Descreva o monte Alverne?

06 - Para que Francisco fez construir uma cabana no monte Alverne?

07 - Como Francisco recebeu os estigmas?

08 - Quem foi frei Leão?

09 - Por que e como frei Leão recebeu uma bênção especial de frei Francisco?

10 - Como aconteceu o adeus ao monte Alverne?

11 - Como o povo recebeu Francisco na sua volta do monte Alverne?

12 - O que inspirou Francisco a compor o Cântico das Criaturas?

13 - Como estava a saúde de Francisco nessa ocasião?

14 - Como foi o tratamento efetuado em Francisco durante sua permanência no palácio do Bispo de Assis?

15 - Como aconteceu o reatamento da amizade entre o bispo e o prefeito da cidade?

16 - O que diz o testamento de Francisco?

17 - O que disse o médico a respeito de sua saúde? O que lhe disse Francisco?

18 - Por que Francisco pediu para ser levado para Santa Maria dos Anjos?

19 - Com quais palavras Francisco abençoou Assis?

20 - Como aconteceu a morte de Francisco?

VIVÊNCIA

01 - Ler e meditar Lc 11,1-13

ORAÇÃO

Louvores a Deus Altíssimo (Bilhete a frei Leão)

Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas.

Vós sois forte, vós sois grande, vós sois altíssimo, vós sois o rei Onipotente, vós, ó Pai santo, sois o rei do céu e da terra.

Vós sois trino e uno, Senhor Deus dos deuses, vós sois o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro.

Vós sois amor, caridade; vós sois sabedoria, vós sois humildade, vós sois paciência, vós sois beleza, vós sois mansidão, vós sois segurança, vós sois quietude, vós sois regozijo, vós sois nossa esperança e alegria, vós sois justiça, vós sois temperança, vós sois toda nossa riqueza até à saciedade.

Vós sois beleza, vós sois mansidão, vós sois protetor, vós sois guarda e defensor nosso; vós sois fortaleza, vós sois refrigério.

Vós sois nossa esperança, vós sois nossa fé, vós sois nossa caridade, vós sois toda a nossa doçura, vós sois nossa vida eterna: grande e admirável Senhor, Deus Onipotente, misericordioso Salvador.

(Devocionário Franciscano - p. 248 - Fontes Franciscanas)

05 - A Família Franciscana

EXPOSIÇÃO

Entre as famílias espirituais, suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja, a Família Franciscana reúne todos aqueles membros do Povo de Deus, leigos(as), religiosos(as) e sacerdotes, que se sentem chamados(as) ao seguimento de Cristo, à maneira de São Francisco de Assis.

Por modos e formas diversas, mas em recíproca comunhão vital, querem tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja (Regra da OFS, 1).

O Evangelho gerou muitas maneiras de seguir o Cristo. O Espírito Santo inspirou homens e mulheres, que vivem sua espiritualidade, valorizando mais determinados aspectos do Evangelho. Assim por exemplo: os eremitas tomaram por base os quarenta dias de jejum e oração de Jesus e para segui-lo, vivem na solidão. Os beneditinos servem a Deus na oração comunitária e no trabalho. Os trapistas vivem em silêncio, os dominicanos são pregadores, os franciscanos vivem na simplicidade e na pobreza evangélica, como menores, em Fraternidades.

Todos apoiam a totalidade do Evangelho e vivem em comunhão com a Igreja, porém, orientam sua espiritualidade por um determinado aspecto.

Todas essas Ordens, essas famílias espirituais, são como flores que brotam na grande árvore que é a Igreja e cujo tronco é o Santo Evangelho.

Numa grande família, os franciscanos reúnem leigos(as), religiosos(as) e sacerdotes que, por modos e formas diversas, vivem o Evangelho à maneira de São Francisco em união espiritual.

São Francisco viveu plenamente o Evangelho, atraiu a si muitos irmãos e irmãs constituindo assim três Ordens.

1 - A PRIMEIRA ORDEM

Ela começou a existir com a reunião dos primeiros companheiros que atraídos pelo exemplo de Francisco, quiseram compartilhar com ele do novo gênero de vida. Ele mesmo disse: *“quero que esta fraternidade se chame Ordem dos Frades Menores”* (1Cel XV, 38,3).

A Ordem passou a existir, oficialmente, com a aprovação da Regra, em 16 de abril de 1209, pelo Papa Inocêncio III. A Regra definitiva, a última, foi elaborada por Francisco com o auxílio do Cardeal Hugolino, aprovada

em 29 de novembro de 1223 e, ainda, é observada pelos que continuam seguindo as pegadas de São Francisco, como religiosos.

No decorrer dos séculos, a I Ordem desdobrou-se em três ramos chamados Obediências:

- Ordem dos Frades Menores (OFM)
- Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv)
- Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap)

2 - A SEGUNDA ORDEM

A II Ordem teve início com Santa Clara, por isso, ela é chamada de Ordem de Santa Clara. Na noite de Domingo de Ramos, em 1211 ou 1212, Clara abandona a casa paterna e busca Francisco, desejando seguir o mesmo ideal. É acolhida pelos frades na Porciúncula e ali faz seus votos. Depois de um breve período com as Irmãs Beneditinas, Clara e sua irmã Inês se transferem para São Damião, aonde sob a orientação verbal de Francisco, vão estruturando uma vida claustral. Durante um período de 50 anos, foram elaboradas várias Regras, mas nenhuma satisfazia os ideais de Clara. Finalmente dois dias antes de morrer, em 09 de agosto de 1253, ela recebeu a Regra definitiva aprovada pelo Papa Inocêncio IV.

3 - A TERCEIRA ORDEM: OS IRMÃOS E IRMÃS DA PENITÊNCIA

Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência. Este é o primeiro nome da, hoje chamada, Ordem Franciscana Secular, cuja primeira Regra foi composta por frei Caro de Florença em 1284 e aprovada em 1289, pelo Papa Nicolau IV, com a Bula Supra Montem.

4 - A TERCEIRA ORDEM REGULAR

É uma floração espontânea da Ordem Terceira de São Francisco (hoje Ordem Franciscana Secular). Na época de Francisco e também posteriormente, entraram para Ordem Terceira eremitas e mulheres reclusas, pessoas desligadas do século e do matrimônio e entregues a uma vida de oração e penitência. Estas pessoas viviam em locais isolados denominados eremitérios, também aceitavam a vida em comum, em Fraternidades. Outros, se reuniam para prestar serviços aos mais pequeninos. Seguiam a Regra da Ordem Terceira e assim estas comunidades foram aumentando.

Os Papas defenderam estes irmãos e irmãs, reconheceram como

legítimo o seu modo de vida. Em 20 de janeiro de 1521, receberam sua própria Regra promulgada pelo Papa Leão X, deixando de ser regidos pela Regra dos Irmãos e Irmãs da Penitência. Esta Regra foi renovada mais uma vez por Pio XI, em 1927 e, por fim, em 08 de dezembro de 1982 pelo Papa João Paulo II.

5 - A JUFRA

A Terceira Ordem sempre teve a preocupação de expandir seu carisma, não somente entre os adultos, mas também entre adolescentes e jovens.

O Papa Sixto V, franciscano da I Ordem, em novembro de 1585, em Assis, instituiu a Arquiconfraria dos Cordígeros (todo aquele que, por devoção, usa o cordão franciscano) para adolescentes de 09 a 14 anos.

Em 1922, Pio XI exortou as crianças e jovens a se fazerem Cordígeros e, nesta escola, se prepararem para ingressar, mais tarde, na Ordem Terceira, vivendo a vida cristã à maneira do jovem Francisco de Assis.

A partir de 1950, no Congresso Internacional de Roma, os jovens presentes manifestaram o desejo de se organizarem em grupo próprio, em harmonia e sintonia com a psicologia de sua idade, de sua maneira de ser, de suas aspirações e que, ao mesmo tempo, respondesse às exigências e às aspirações dos tempos. Foi nesse ano que nasceu a JUFRA mundial no sentido jurídico.

Frei Mateus Hoepers OFM fez uma primeira experiência no Brasil, a partir de Petrópolis, com a JUF, (Juventude Franciscana), ainda nos anos 50.

Mas, foi o capuchinho paranaense, frei Eurico de Melo, OFMcap, que, após temporada em Roma, volta ao Brasil entusiasmado pelas experiências da JUFRA da Itália e começa aqui no Brasil uma experiência própria. Em outubro de 1967, inicia, oficialmente, com um grupo, em Ponta Grossa, no Paraná.

A JUFRA do Brasil começou a tornar-se realidade e a criar corpo, crescendo e expandindo-se em cada Regional da OFS. De fato, em fevereiro de 1972, a JUFRA estava presente e contava já com 11 Regionais.

Trata-se de uma experiência de vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, cuja animação fraterna é de responsabilidade da Ordem Franciscana Secular e a assistência espiritual compete à Ordem Primeira e à TOR. Tem como objetivo contribuir para o discernimento da vocação dos jovens, no âmbito da Família Franciscana.

A FAMÍLIA FRANCISCANA

<p>I ORDEM Constituída por religiosos: frades e clérigos</p>	<p>OFM Ordem dos Frades Menores</p> <p>OFM Conv. Ordem dos Frades Menores Conventuais</p> <p>OFM Cap. Ordem dos Frades Menores Capuchinhos</p>
<p>II ORDEM Constituída por religiosas</p>	<p>CLARISSAS Ordem de Santa Clara <i>(Enclausuradas)</i></p> <p>COLETINAS Ordem de Santa Clara <i>(Enclausuradas)</i></p> <p>CAPUCHINHAS Ordem de Santa Clara</p> <p>CONCEPCIONISTAS Ordem da Imaculada Conceição <i>(Enclausuradas)</i></p>
<p>III ORDEM Constituída por leigos e leigas, religiosos, religiosas e clérigos</p>	<p>OFS Ordem Franciscana Secular, <i>(Constituída por leigos, leigas e clérigos;)</i></p> <p>JUFRA Juventude Franciscana <i>(Constituída por jovens franciscanos(as))</i></p> <p>TOR Terceira Ordem Regular <i>(Constituída por religiosos e religiosas)</i></p> <p>ISF Institutos Seculares Franciscanos <i>(Constituída por homens e mulheres celibatários no mundo)</i></p>

REFLEXÃO

01 - Você crê que o Espírito Santo o chama para participar da Família Franciscana?

02 - Qual aspecto do Evangelho que mais o atrai?

03 - De que maneira você quer viver esse aspecto do Evangelho?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Ligue corretamente:

- a) II Ordem
 - Ela começou a existir com a reunião dos primeiros companheiros atraídos pelo exemplo de Francisco.
- b) I Ordem
 - Teve início com Santa Clara, por isso ela é chamada de Ordem de Santa Clara.
- c) JUFRA
 - Irmãos e Irmãs da Penitência que continuam vivendo em suas próprias casas.
- d) TOR
 - Iniciou com eremitas e mulheres reclusas, pessoas desligadas do século e do matrimônio e entregues uma vida de oração e penitência.
- e) OFS
 - Carisma franciscano entre adolescentes e jovens.

02 - Responda:

a) O que é uma família espiritual?

b) Qual aspecto do Evangelho os franciscanos vivem em mais profundidade?

c) Quem é chamado pelo Espírito Santo a integrar a Família Franciscana?

VIVÊNCIA

01 - Procure conhecer irmãos e irmãs membros dos vários ramos da Família Franciscana.

ORAÇÃO

Ó Deus, que na vossa infinita misericórdia derramastes em Francisco os favores de vossa bondade, fazei que, através de seu exemplo, descubramos sempre mais vossa presença em nossas vidas. Que nos sintamos chamados e enviados. Que digamos nosso sim com coragem e humildade. Que acreditemos no silêncio que nos torna eloquentes e na oração que nos torna fortes. Que acreditemos e realizemos nossa conversão diária, para termos a força do testemunho. Ensinai-nos a viver junto a vós, para que possamos ser os apóstolos de vossa palavra no meio dos que esperam uma resposta às suas angústias. Fazei-nos discípulos de Francisco, como ele o foi de vosso Filho Jesus Cristo, que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo. Amém.



06 - A Ordem Franciscana Secular

EXPOSIÇÃO

01 – O que é a Ordem Franciscana Secular?

É a união orgânica de todas as Fraternidades católicas, cujos membros, impelidos pelo Espírito Santo, se comprometem, pela Profissão, a *viverem* o Evangelho, à maneira de São Francisco, no seu estado secular, observando a Regra aprovada pela Igreja.

02 - Por que é Ordem?

Porque temos uma Regra aprovada pela Igreja. A primeira Regra foi aprovada pelo Papa Nicolau IV, em 1289 e a última pelo Papa Paulo VI, em 1978, que adaptou a *Ordem Franciscana Secular às exigências e expectativas da santa Igreja, nestes tempos de acentuadas mudanças. A sua interpretação compete à Santa Sé e a aplicação será feita pelas Constituições Gerais e por Estatutos particulares* (cf. Regra da OFS, 3).

03 - Por que é Franciscana?

- Porque reconhecemos São Francisco como pai, inspirador, fundador e modelo.

- Porque a OFS integra a Família Franciscana.

04 – Por que é Secular?

Porque é formada por seculares, isto é, cristãos leigos e cristãs leigas, que vivem em suas próprias casas, família, trabalho e vida social. Não fazem votos, mas, sim, promessas.

05 - Quem é o fundador da Ordem Franciscana Secular?

É São Francisco. Mas, no seguinte sentido: Naquela época estavam surgindo em toda parte “*movimento de penitentes, buscando uma volta ao Evangelho*”. São Francisco tinha praticamente o mesmo ideal. Por isso, começou a orientar vários desses grupos de leigos e leigas, ou pessoas isoladas, para integrá-los à Igreja e preservá-los das heresias, isto é, das falsas doutrinas. São Francisco sempre quis que seus filhos fossem membros da Igreja, participassem dela e nela vivessem. Em resumo, que fossem sempre obedientes à Igreja, característica que a OFS conserva até hoje.

06 - Por que São Francisco fundou esta Ordem?

Para atender “ao povo, nobres e sem nobreza, clérigos e leigos” (1Cel XV, 37, 4), que inspirados por Deus procuravam seguir São Francisco. Como não podiam abandonar suas esposas, esposos, filhos, propriedades, etc., recebem do santo a orientação necessária para viverem o Evangelho “em suas próprias casas” (LTC 60, 7).

07 - Quais foram os primeiros membros desta Ordem?

A tradição nos diz que foi o casal Luquésio e Buonadona. Com eles São Francisco iniciou a Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência.

08 - Por que foi chamada de Ordem da Penitência?

Por que seus membros se comprometiam a uma profunda conversão, isto é, a uma radical mudança de vida, ao uso de um hábito penitencial e levavam uma vida mais rigorosa, quanto aos jejuns, orações e frequência aos sacramentos, do que o cristão comum. Na conversão diária estavam presentes: a mortificação e o uso moderado dos bens materiais.

09 - Posteriormente esta Ordem recebeu outros nomes?

Sim. Em 1230, o Papa Gregório IX chamou-a de Terceira Ordem de São Francisco. Durante séculos ficou conhecida como Ordem Terceira. Em 24 de junho de 1978, o Papa Paulo VI aprovou a Regra renovada, introduzindo o nome atual: *Ordem Franciscana Secular*.

10 - Quem é chamado a ingressar na Ordem Franciscana Secular?

Todos os cristãos e cristãs que, em virtude de sua vocação, quiserem viver, em plenitude, as promessas do batismo, ajudando-se mutuamente, através da vida em Fraternidade.

11 - Que é Fraternidade?

- É a união que deve existir entre os irmãos. “*Quero que meus irmãos se mostrem filhos da mesma mãe*” (2Cel CXXXVI, 180, 2). “*Se a mãe nutre e ama a seu filho carnal, quanto mais diligentemente não deve cada um amar e nutrir seu irmão espiritual?*” (RB VI, 9).

- Também chamamos de *Fraternidade* ao grupo de irmãos e irmãs, que vivem em uma determinada localidade e se reúnem, periodicamente, para se ajudarem na vivência da vocação, isto é, para viverem o Evangelho em comunhão fraterna.

12 - Por que devo ingressar numa Fraternidade para pertencer a OFS?

Porque Francisco mostrou que, em Jesus Cristo, todos somos irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai que está nos céus. A fraternidade universal constitui um dos pontos centrais do Evangelho de Jesus Cristo: “*todos vós sois irmãos*” (Mt 23,8).

Porque para São Francisco: “*Nela [na Fraternidade] na verdade, os tentados são apoiados, os caídos são levantados, os tíbios são estimulados; nela o ferro é afiado com ferro; o irmão, ajudado pelo irmão, estabelece-se como cidade inabalável*” (2Cel VI, 33,9). Estas são a razão e o fundamento da vida em Fraternidade.

13 - O que devo fazer para ser membro da OFS?

- Pedir a Deus, na oração perseverante, a graça da vocação franciscana secular.

- Procurar uma Fraternidade para ajudar-me a discernir se a minha vocação é ser franciscano(a) secular e pedir para nela ser admitido(a).

14 - Quais as condições para ser admitido na OFS?

- Professar a fé católica e viver em comunhão com a Igreja.

- Ter uma boa conduta moral.

- Ter o desejo sincero de viver o espírito franciscano.

- Ter o desejo e condições de entrar num processo de conversão diária.

- Ter condições físicas e mentais de participar das atividades e estudos promovidos pela Fraternidade.

- Dar sinais claros de vocação.

- Cumprir os tempos de formação.

15 - O que são os tempos de formação?

Tempos de preparação para que se realize a plena inserção na OFS. Essa preparação é feita pela oração, estudo, reflexão e participação nas atividades da Fraternidade.

16 - Quais são esses tempos?

Após uma fase preparatória, esses tempos são:

- O Tempo de Iniciação.

- O Tempo de Formação.

17 – Qual a finalidade do Tempo de Iniciação?

O tempo de iniciação é uma fase preparatória ao tempo de formação propriamente dito e é destinado ao discernimento da vocação e ao recíproco conhecimento entre a Fraternidade e o aspirante. Deve garantir a liberdade e seriedade do ingresso na OFS (cf. Regra da OFS 23 e CCGG 38).

18 - Que acontece após o término do Tempo de Iniciação?

O Iniciando/a Inicianda escreve uma carta ao Conselho da Fraternidade, pedindo para ser admitido ao Tempo de Formação da Ordem Franciscana Secular. Sendo aceito(a), há uma cerimônia chamada Admissão ao Tempo de Formação. Por ela, o(a) iniciando(a) é recebido(a) na Ordem Franciscana Secular.

19 - O que é Tempo de Formação?

É o período em que o(a) formando(a) se prepara pela oração, estudo e reflexão para que, com plena consciência e cheio de desejo de viver uma vida de conversão à luz do Evangelho, emita a *Profissão*.

20 - Como é feita essa formação?

- Em reuniões específicas e com material preparado para essa finalidade.

- Com a ajuda de um(a) mestre(a) de formação, que é um irmão ou irmã designado pela Fraternidade para prestar esse serviço.

21 - Quem decide sobre a aceitação de novos membros à Fraternidade?

É da competência do Conselho Local decidir sobre a aceitação e a admissão à Profissão de novos irmãos e irmãs. Para isso, o(a) formando(a) escreve uma carta ao Conselho da Fraternidade, pedindo para emitir a Profissão da Regra da Ordem Franciscana Secular.

22 - O que é a Regra?

Para São Francisco, a Regra é o livro da vida, a medula do Evangelho e o caminho da perfeição (cf. 2Cel CLVIII, 208,2). Ela é uma forma de vida evangélica, que nos leva a vivência franciscana secular. A nossa atual Regra foi aprovada pelo Papa Paulo VI, em 24 de junho de 1978.

23 - O que são as Constituições Gerais?

São textos de leis, que têm por finalidade: aplicar a Regra; indicar, em concreto, as condições para pertencer à OFS; o seu governo; a organização da vida de fraternidade; a sede (cf. Regra da OFS 3 e CCGG 4,3).

24 - O que é Profissão ou Compromisso de Vida Evangélica?

É o ato eclesial solene pelo qual o(a) candidato(a), lembrando o chamamento de Cristo, renova as promessas batismais e afirma, publicamente, seu compromisso de viver o Evangelho no mundo, segundo o exemplo de São Francisco e seguindo a Regra aprovada pela Igreja. Pela Profissão, o(a) candidato (a) é incorporado à Ordem.

25 - Como se faz a Profissão?

Ela é recebida pelo Ministro(a) da Fraternidade, numa celebração presidida por um representante da I Ordem, de acordo com o Ritual aprovado pela Igreja.

26 - O que é Ritual da Profissão?

É um conjunto de cerimônias e fórmulas que a Igreja tem para que o franciscano secular seja recebido na OFS.

27 - Qual a idade mínima exigida para se fazer a Profissão?

É 18 anos.

28 - Em que consiste o essencial da Profissão do franciscano(a) secular?

- É uma entrega livre, uma consagração consciente e total da pessoa a Cristo, no espírito de São Francisco.

- Esta entrega é vivida na família, no trabalho, no lazer, no apostolado, na ação pastoral e na promoção da justiça em todos os níveis e formas.

- Esta entrega se aprofunda constantemente pela vida sacramental, pela oração, leitura e reflexão do Evangelho e prática de serviço aos irmãos mais pequeninos (obras de misericórdia).

29 - Esta entrega continua até quando?

Continua até a morte. É um estado de vida que vai desabrochando constantemente. Supõe uma vocação para a vida toda e, como tal, ela é aceita e abençoada pela Igreja.

30 - A Profissão traz “novas” obrigações cristãs para o franciscano secular?

Não, mas, traz o compromisso de viver *mais intensamente* o Evangelho, de acordo com a espiritualidade franciscana, expressa na Regra.

31- O que é Formação Permanente?

No sentido franciscano, é cultivar permanentemente, a forma de vida

evangélica apresentada pela Regra. É o processo permanente de conversão interior que nos deve levar a:

- Uma vida espiritual profunda.
- Um crescimento constante na fé.
- Uma participação ativa na vida da Fraternidade e uma vivência franciscana atualizada constantemente.
- Cumprir nossa missão na família, na Igreja e na sociedade.

32 - Como é feita a Formação Permanente?

- Nas Reuniões Gerais, pela equipe de Formação, que para alcançar tal fim lançará mão de vários meios, conforme dispõem as Constituições Gerais no artigo 44.

- Pelo próprio(a) franciscano(a) secular que, após a Profissão, deve ser capaz de assumir a continuidade de sua formação, buscando os meios adequados.

33 - Qual é o apostolado do franciscano secular?

- O seu apostolado preferencial é o testemunho pessoal (cf. CCGG, 17).
- Anunciar Cristo pela vida e pela palavra no ambiente em que vive.
- Exercer em comunhão com o Papa, bispos e sacerdotes as diversas formas de apostolado propostas pela Igreja.

- A Regra nos encarrega de cinco apostolados especiais: a promoção da justiça; a estima ao trabalho como participação na criação, redenção e serviço aos homens; a edificação da família dentro dos princípios cristãos; o testemunho do conceito franciscano da fraternidade universal; ser portador da paz.

34 - Quais são as principais orações e devoções do franciscano secular?

- Uma intensa vida eucarística, com frequente participação da missa.
- Celebração diária da Liturgia das Horas em comunhão com toda a Igreja.

- Amor a Jesus eucarístico com atitudes de adoração e reverência ao Santíssimo Sacramento.

- Uma devoção filial a Maria Santíssima.
- Meditação da humildade da Encarnação de Cristo, celebrando seu Natal com respeito e admiração.

- Contemplação da Paixão de Cristo através da meditação da Via Sacra.

35 - E quando eu não mais puder participar das atividades da Fraternidade?

Quando chegar a velhice ou a doença, a Fraternidade o(a) assistirá e o auxiliará, através de visitas e programas especiais, para continuar sua entrega total a Deus. O irmão ou irmã doente ou idoso(a) continua membro da Fraternidade e é estimulado(a) a oferecer seus sofrimentos e orações, em união com Jesus Crucificado, pela santificação da Família Franciscana e de toda a humanidade.

36 - O que é Família Franciscana?

São todos aqueles membros do povo de Deus, leigos(as), religiosos(as) e sacerdotes, que se sentem chamados ao seguimento do Cristo, nos passos de São Francisco de Assis.

37 - O(A) franciscano(a) secular usa algum distintivo ou sinal externo?

Sim, conforme dispõe o artigo 3º, parágrafo 2º do Estatuto Nacional: “*Como sinal distintivo externo de pertencer à OFS é mantido o TAU ...*”(no Brasil, o distintivo é circular, contendo no centro o tau sobre o mapa do Brasil). É o sinal externo da vida de penitência e renúncia ao pecado, dos(as) assinalados(as), verdadeiros(as) redimidos(as), adotado por São Francisco e seus companheiros. O franciscano secular o usa para lembrar-se que prometeu viver o Evangelho, seguindo São Francisco de Assis, convertendo-se, diariamente, numa consagração exclusiva a Deus.

38 - Por que os(as) franciscanos(as) usam a saudação Paz e Bem?

O sentido da saudação é este: Eu lhe desejo o Bem, todo o Bem, que é Deus e o bem que procede de Deus; a Paz, a paz verdadeira, que provém de Deus, a salvação em Cristo Jesus.

39 - A Ordem Franciscana Secular:

- É uma escola de espiritualidade, onde se aprende a vivência do Evangelho segundo o espírito de São Francisco de Assis.

- Tem o Evangelho como norma de vida.

- Recomenda-nos ler, meditar e assimilar diariamente um trecho do Evangelho e vivê-lo.

- Diz-nos que a vida e os escritos de São Francisco são fontes que nos comunicam a humildade, o espírito de pobreza evangélica, fraternidade, alegria e a cortesia franciscana.

- Afirma-nos que a formação franciscana não está limitada a um tempo, mas dura toda a vida até a união total com Deus na eternidade.

- Ensina-nos que, após o encontro com a irmã morte, continuaremos em comunhão com nossos irmãos e irmãs, recebendo deles as orações.

- Ensina-nos que ser franciscano(a) secular é ser testemunha da Paz e do Bem a todas as criaturas animadas e inanimadas e a cumprir fielmente as obrigações próprias de cada um(a) nas diversas situações da vida, seguindo o Cristo pobre e crucificado.

***Com São Francisco
chegaremos ao Pai, por Cristo, nosso Caminho,
Verdade e Vida.***

REFLEXÃO

01 - Como você conheceu a OFS?

02 - Como você está se sentindo participando das reuniões da Fraternidade?

03 - Já conseguiu se entrosar ou conversar com todos os participantes?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|------------------------------|---|
| (1) Ordem | () Porque reconhecemos São Francisco como pai, inspirador e modelo. |
| (2) Franciscana | () Luquésio e Buonadona. |
| (3) Secular | () É a união orgânica de todas as Fraternidades Católicas. |
| (4) Primeiros membros da OFS | () Porque é formada por seculares, isto é, leigos(as) que vivem em suas próprias casas, família, trabalho e vida social. |

02 - Responda:

a) Que é Fraternidade?

b) Por que devo ingressar numa Fraternidade para pertencer à OFS?

c) O que devo fazer para ser membro da OFS?

d) Quais as condições para ser admitido à OFS?

VIVÊNCIA

01 – O grupo se compromete a rezar, uns pelos outros, para discernirem se são chamados “*pelo Espírito Santo a viver o Evangelho à maneira de São Francisco*”.

02 – Estudar para aprender e compreender o que é a OFS.

ORAÇÃO

Oração para seguir Francisco e Clara

Senhor, nós te agradecemos porque fizeste brilhar teu amor de Pai em Francisco e Clara de Assis. Pedimos que nos faça, cada dia, mais humildes, pobres, entregues ao teu serviço, como eles. Que saibamos reconhecer Jesus

em nossos irmãos, anunciando-lhes o Evangelho. Que te encontremos na alegria e na dor, na saúde e na enfermidade, na irmã chuva e no irmão sol, na criação inteira, assumida com júbilo e ação de graças. Que o projeto de vida e o espírito de Francisco e Clara nos ajudem a realizar teu Reino de liberdade e justiça, onde não há egoísmo, ódio ou violência. Derrama, Senhor, sobre nós teu Espírito, para que te sigamos e sejamos testemunhas de teu Evangelho. Chama-nos, Senhor, para teu serviço, vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

*Com São Francisco
chegaremos ao Pai, por Cristo, nosso Caminho,
Verdade e Vida.*



...a irmã morte.

07 - A Organização da Ordem Franciscana Secular

EXPOSIÇÃO

A Ordem Franciscana Secular é verdadeiramente uma Ordem. Aqui, a palavra Ordem é empregada para designar um conjunto de pessoas e de grupos com seus estatutos particulares e meios aptos, que a Igreja lhes dá como ajuda válida e segura, para viverem uma vocação específica e alcançarem a perfeição da caridade.

01 - Na Ordem Franciscana Secular quem são essas pessoas?

São as que se unem com o desejo de alcançar a perfeição da caridade no estado secular, como irmãos e irmãs e constituem as Fraternidades.

02 - Quais são esses estatutos particulares na OFS?

São:

- A Regra aprovada pela Igreja;
- As Constituições Gerais (CCGG) que interpretam oficialmente a Regra para os franciscanos seculares de todos os países.
- Os Estatutos: da Fraternidade Internacional, das Fraternidades Nacionais, Regionais ou Locais que completam a interpretação da Regra e das Constituições Gerais e ajudam a aplicá-las em cada País, Região ou Fraternidade.

03 - Para que existem a Regra, as Constituições Gerais e os Estatutos?

Para garantir a unidade e fidelidade ao carisma proposto pela Igreja à OFS.

04 - Quem orienta os franciscanos seculares na observância e vivência da Regra, das Constituições Gerais e dos Estatutos?

São os Conselhos, em seus diversos níveis.

05 - Que são os Conselhos?

São órgãos de representatividade, governo, animação e assistência espiritual à OFS.

06 - Em quais níveis existem Conselhos?

- Nível Internacional - Conselho Internacional da Ordem Franciscana Secular (CIOFS), no qual está contido o Conselho da Presidência.

- Nível Nacional - Conselho Nacional
- Nível Regional - Conselho Regional
- Nível Local - Conselho Local

07 - Qual a função do Conselho Internacional - CIOFS?

O Conselho Internacional se reúne em Capítulo Geral da OFS com poderes legislativo, deliberativo e eletivo. Tem a função de coordenar, animar e conduzir a OFS em nível internacional.

08 - Como é composto o CIOFS?

- No Conselho Internacional é constituído o Conselho da Presidência do CIOFS, que dele é parte integrante. O Conselho da Presidência é composto do Ministro(a) Geral, Vice-Ministro(a) Geral, sete Conselheiros da Presidência eleitos no Capítulo Geral, um membro da JUFRA e os Assistentes Gerais para a OFS. O Conselho Internacional é composto pelo Conselho da Presidência e pelos representantes de cada Fraternidade Nacional constituída.

- O mandato é de 06 (seis) anos. O Brasil possui um, ou, às vezes dois representantes: um membro do Conselho da Presidência e um Conselheiro Internacional, que, em geral, é o Ministro(a) Nacional. A sede é em Roma.

- Os Assistentes Gerais são quatro frades que representam as três Obediências da Ordem I e a TOR: A Ordem dos Frades Menores, a Ordem dos Frades Menores Conventuais, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Terceira Ordem Regular.

09 - Qual a função do Conselho Nacional?

É coordenar, animar e conduzir a OFS a nível nacional. É um colegiado representativo, legislativo, deliberativo e executivo. A sede é no Rio de Janeiro (Estatuto Nacional Capítulo III, Secção IV, Artigo 13).

10 - Como é composto o Conselho Nacional?

- Por membros eleitos no Capítulo Nacional, para um mandato de 3 anos. Todo(a) professo(a) definitivo(a) da OFS do Brasil pode ser eleito para exercer uma função nesse Conselho (Estatuto Nacional Cap.III, Secção IV, Art. 13-14).

- Pelos Assistentes Espirituais, que são os religiosos, que representam as três Obediências da Ordem I e a TOR, mais o Assistente Nacional para a JUFRA, que também contribui para a assistência à OFS.

- Pelo Secretário e Animador Fraternal Nacional da JUFRA.

- Pelo Conselheiro da Presidência do CIOFS, quando for o caso.

11 - Quem elege os membros do Conselho Nacional?

São eleitos pelos Ministros e Vice Ministros Regionais, pelos membros seculares do Conselho Nacional e pelo Secretário Fraternal Nacional da JUFRA(se for professor definitivo na OFS), para um mandato de 03 (três) anos.

12 - Quem são os Assistentes Espirituais?

- O Assistente Espiritual é a pessoa designada pelo Superior maior competente para prestar este serviço a uma determinada Fraternidade da OFS.

- Para ser testemunha da espiritualidade franciscana e do afeto fraterno dos religiosos aos franciscanos seculares e vínculo de comunhão entre a sua Ordem e a OFS, o Assistente Espiritual seja um religioso franciscano, pertencente à Primeira Ordem ou à TOR.

- Quando não é possível dar à Fraternidade tal Assistente Espiritual, o Superior maior competente pode confiar o serviço da assistência espiritual a:

- religiosos ou religiosas pertencentes a outros Institutos Franciscanos;

- clérigos diocesanos ou outras pessoas, especificamente preparadas para este serviço, pertencentes à OFS;

- outros clérigos diocesanos ou religiosos não franciscanos (CCGG 89,2 a 4).

13 – Ele é membro do Conselho?

Sim. Ele é membro do Conselho da Fraternidade a que presta assistência e colabora com ela em todas as suas atividades. É função precípua do Assistente é cooperar na formação inicial e permanente dos irmãos e irmãs. Ele não é eleito. O Assistente Nacional é nomeado por escrito pelo seu Ministro Provincial e aprovado pela Conferência da respectiva Obediência da Ordem I e TOR, por um tempo limitado, com abrangência não superior a doze anos (EAE 15,3).

14 - Quais são os membros do Conselho Nacional?

São: Ministro(a) Nacional, Vice Ministro(a), 6 (seis) Coordenadores(as) de Áreas, Secretário(a), Tesoureiro(a), Coordenador(a) de Formação, Coordenador(a) de Assessoria Jurídica, Animador(a) Fraternal(a) Nacional da JUFRA, Representante da JUFRA Nacional e os Assistentes Espirituais (CCGG 65; Estatuto Nacional III, Seção IV, Art 14, item III).

15 - Quais são as Coordenadorias e Assessorias?

São: Coordenadoria de Comunicação; Assessoria de Serviço aos Enfermos e Idosos (SEI), CODHJUPIC, Animação Vocacional, Econômico-Financeira; Secretariado Executivo; e outras que podem ser instituídas conforme a necessidade.

16 - Qual a função do Conselho Regional?

É coordenar, animar e conduzir a OFS em nível Regional. É um colegiado representativo, deliberativo e executivo. (Estatuto Nacional Capítulo III, Seção IV, Artigo 13).

17 - Quem elege os membros do Conselho Regional?

São eleitos pelos(as) Ministros(as) e Vice Ministros(as) Locais, pelos membros do Conselho Regional e pelo(a) Secretário(a) Fraternal Regional da JUFRA (se for professor definitivo na OFS), para um mandato de 03 (três) anos.

18 - Como é composto o Conselho Regional?

- Por membros eleitos no Capítulo Regional. Todo(a) professor(a) definitivo(a) das Fraternidades Locais da Região pode ser eleito para exercer uma função neste Conselho.

- Por frades das três Obediências da Ordem I e da TOR, que são os Assistentes Espirituais Regionais.

- Pelo(a) Secretário(a) e Animador(a) Fraternal Regional da JUFRA.

19 - Quais são os membros que prestam serviços ao Conselho Regional?

São: Ministro(a) Regional, Vice Ministro(a), 2 Secretários(as), 2 Tesoureiros(as), Coordenadores(as) dos Distritos, Coordenador(a) de Formação, Animador(a) Fraternal Regional da JUFRA, Representante da JUFRA Regional, os Assistentes Espirituais (CCGG 61; Estatuto Nacional Cap III, Seção IV, Art 14, item II).

20 - Quais são as Coordenadorias e Assessorias Regionais?

São: Coordenadoria de Comunicação; Assessoria de Serviço aos Enfermos e Idosos (SEI), CODHJUPIC, Animação Vocacional; e outras, que podem ser instituídas conforme a necessidade.

21 - Qual a função do Conselho Local?

É coordenar, animar e conduzir a OFS em nível Local. É um colegiado representativo, deliberativo e executivo. (Estatuto Nacional Capítulo III, Seção IV, Artigo 13).

22 - Como é composto o Conselho Local?

- Por membros eleitos no Capítulo Local. Todo(a) professo(a) definitivo(a) da Fraternidade pode ser eleito(a) para exercer um serviço nesse Conselho.

- Pelo Assistente Espiritual Local.

- Pelo(a) Secretário(a) e Animador(a) Fraterno(a) Local da JUFRA.

23 - Quem elege os membros do Conselho Local?

São eleitos pelos irmãos e irmãs professores(as) da Fraternidade, para um mandato de 03 (três) anos.

24 - Quais são os membros do Conselho Local?

São: Ministro(a), Vice-Ministro(a), Secretário(a), Tesoureiro(a), Mestre(a) de Formação, o Assistente Espiritual e, onde houver JUFRA, o(a) Secretário(a) da JUFRA e o(a) Animador(a) Fraterno(a) da JUFRA (Constituições Gerais 49; Estatuto Nacional Cap III, Seção IV, Art 14, item I).

25 - Quais são as Coordenadorias e Equipes de Assessoria?

- Coordenadoria de Comunicação

- Equipe de Formação, coordenada pelo(a) Mestre(a) de Formação, constituída por: Formadores(as), Coordenadores(as) do SEI, CODHJUPIC, Animadores(as) Vocacionais e outras que são instituídas de acordo com a necessidade de cada Fraternidade.

26 - Como se realiza a comunhão entre os Conselhos nos diversos níveis?

Realiza-se com fundamento nos princípios de subsidiariedade e solidariedade, por meio:

- Da Regra da OFS, das Constituições Gerais e dos Estatutos.

- Das comunicações feitas por Boletins Informativos, pela revista Paz e Bem e correspondências diversas.

- Das diversas reuniões, Visitas Fraterno-Pastorais e, especialmente, dos Capítulos.

27 - Que são os Capítulos?

São reuniões especiais onde os(as) irmãos(ãs) celebram, avaliam e propõem novos objetivos para a vivência do carisma franciscano. É realizado em todos os níveis. Em cada nível, é o órgão representativo da Fraternidade, com poder eletivo, deliberativo (Local e Regional) e legislativo (Internacional e Nacional).

28 - O que é Visita Fraternal e Pastoral?

É uma visita feita por um frade (pastoral) e um(a) secular (fraternal), membros do Conselho de nível superior ao Conselho e Fraternidade visitada. O Conselho Internacional visita o Conselho Nacional, este visita o Conselho Regional, que, por sua vez, visita as Fraternidades Locais, estabelecendo assim uma comunhão universal. As visitas às Fraternidades Locais são anuais e às Fraternidades Regionais são a cada ano e meio (Estatuto Nacional Cap. V, 22).

29 - Quais os objetivos da Visita Fraternal e Pastoral?

- Reavivar o espírito evangélico franciscano.
- Assegurar a fidelidade ao carisma e à Regra.
- Oferecer ajuda à vida de fraternidade.
- Consolidar o vínculo da unidade da Ordem e promover a sua mais eficaz inserção na Família Franciscana e na Igreja.

30 - Como está organizada a OFS no Brasil?

O Brasil está dividido em 16 (dezesesseis) Regiões e 06 (seis) Áreas, visando facilitar a coordenação, animação e condução pelos Conselhos nos diversos níveis (Estatuto Nacional Capítulo III, Seção I, Artigo 7).

31 – Quais são estas Áreas e Regiões?

- Área Norte, composta pelas Regiões:
 - Norte 1 – Amazonas, Roraima e Acre.
 - Norte 2 – Pará e Amapá.
 - Norte 3 – Pará-Oeste.

- Área Nordeste-A, composta pelas Regiões:
 - Nordeste A1 – Maranhão.
 - Nordeste A2 — Ceará e Piauí.

- Área Nordeste-B, composta pelas Regiões:
 - Nordeste B1 – Paraíba e Rio Grande do Norte.
 - Nordeste B2 – Pernambuco e Alagoas.
 - Nordeste B3 – Bahia e Sergipe.

- Área Sudeste é composta pelas Regiões:
 - Sudeste 1 – Minas Gerais.
 - Sudeste 2 – Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Sudeste 3 — São Paulo.

- Área Sul é composta pelas Regiões:

Sul 1 — Paraná.

Sul 2 — Santa Catarina.

Sul 3 — Rio Grande do Sul.

- Área Centro-Oeste é composta pelas Regiões:

Centro — Goiás, Distrito Federal e Tocantins.

Oeste — Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia.

32 - O que é uma Região ou Fraternidade Regional?

É o conjunto de todas as Fraternidades Locais de um ou mais Estados.

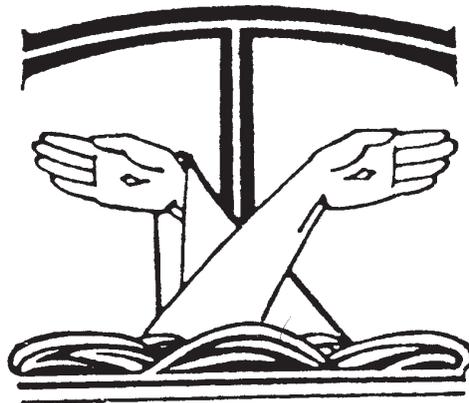
O Estado do Pará conta com duas Regiões.

33 - Como é mantida financeiramente a OFS?

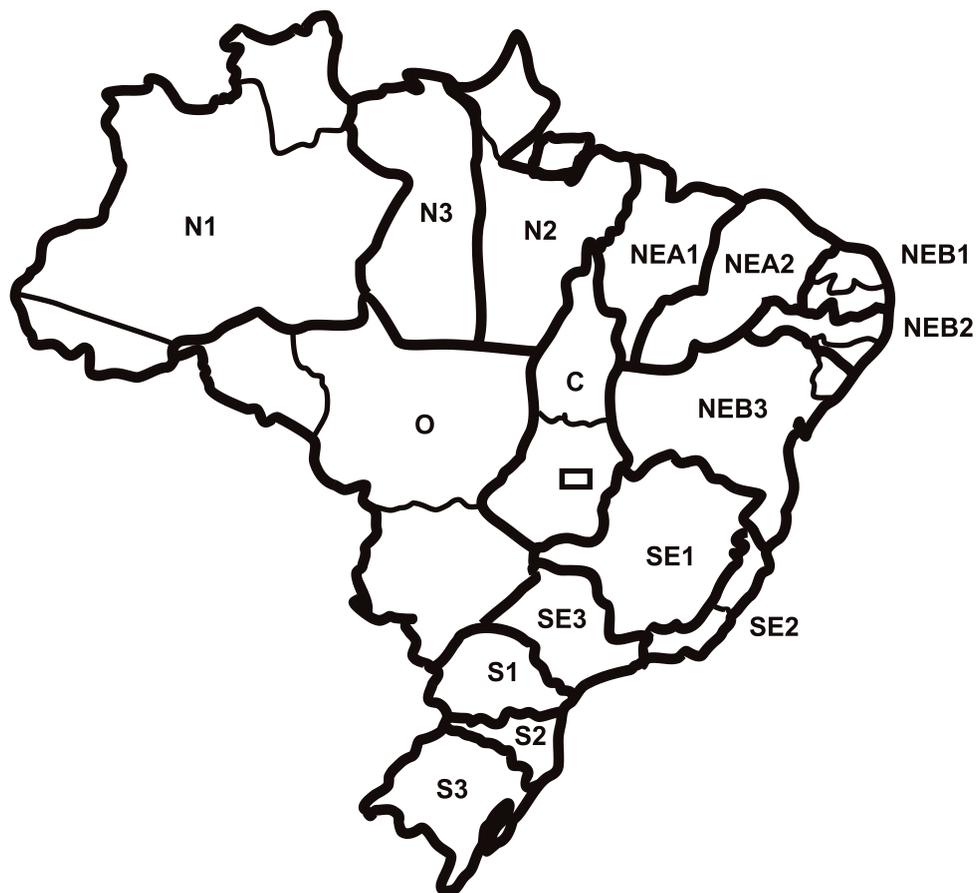
Com a contribuição de cada irmão e irmã. (Regra 2b; CCGG 30.3; Estatuto Nacional Capítulo VII, Artigo 25)

34 - O que é a Contribuição Financeira?

É uma contribuição anual, oferecida pelos irmãos e irmãs para cobrir as despesas feitas pelos Conselhos Superiores ao prestarem serviços às Fraternidades nos diversos níveis.



DIVISÃO TERRITORIAL DA OFS DO BRASIL



REFLEXÃO

01 – O que quer dizer a palavra Ordem?

02 – Você conhece outra Ordem além da OFS? Qual?

03 – Quantas Fraternidades existem em sua cidade? E na sua Região?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Complete de acordo com o texto:

a) A Ordem Franciscana Secular é verdadeiramente uma Ordem.

Aqui, a palavra Ordem é empregada para designar um _____

de pessoas e de grupos com seus _____

_____ aptos, que _____

lhes dá como _____ e segura, para

viverem uma _____ e alcancarem a

perfeição da caridade.

b) Os estatutos particulares na OFS são: _____ aprovada

_____ e as Constituições Gerais que interpretam _____

_____ para os franciscanos seculares

de todos os países. Os Estatutos Nacional, Regional ou Local que

completam a interpretação da Regra e das CCGG e ajudam a aplicá-las

em cada _____, _____ ou _____

02 - Escreva:

a) Nome da Área a qual sua Região pertence _____

b) Nome da sua Região _____

c) Nome da sua Fraternidade _____

d) Nome do(a) Ministro(a) Geral _____

e) Nome do(a) Ministro(a) Nacional _____

f) Nome do(a) Ministro(a) Regional _____

g) Nome dos cargos e dos membros do Conselho da sua Fraternidade

VIVÊNCIA

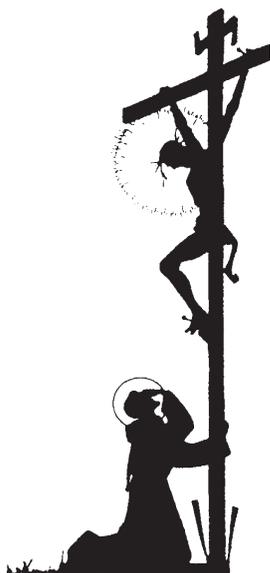
01 – Aprender os nomes dos membros da Fraternidade.

02 – Fazer uma entrevista com cada membro do Conselho perguntando-lhes a respeito do serviço que prestam à Fraternidade.

ORAÇÃO

Santa Virgem Maria, entre as mulheres do mundo, não nasceu nenhuma semelhante a ti, ó filha e serva do Altíssimo e Sumo Rei e Pai celeste, Mãe de nosso santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo. Roga por nós, com São Miguel Arcanjo e com todas as virtudes dos céus e com todos os santos, junto a teu santíssimo e dileto Filho, Nosso Senhor e Mestre.

(Dovocionário Franciscano - Antífona a Nossa Senhora - p. 364)



**Meu Deus
é Tudo!**

08 - A Vocação Franciscana Secular

EXPOSIÇÃO

1 - VOCAÇÃO

A palavra vocação origina-se do verbo latino “*vocare*”, que significa “chamar”. Nesse verbo, há o radical “voz”. Com estes elementos etimológicos dá para dimensionar o sentido original do termo vocação. É a voz de Deus, que chama as suas criaturas à existência. Todas as criaturas trazem em si um desejo de plenitude interna e de união plena com o Sumo Bem, seu Criador. Pode-se dizer que esta é a vocação universal.

Mas há também a *vocação humana universal*. Deus quer que toda criatura humana chegue à plenitude. Como Sumo Bem, Ele não quer a frustração de nenhuma pessoa. Convida todos, insistentemente, para procurá-IO e se plenificarem com seu amor. Chama-nos a “*sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos*” (Ef 1, 3-4).

E há uma *vocação cristã, que também é universal*. Deus cria tudo, segundo um modelo, que é Jesus Cristo. “*Tudo foi feito por meio dEle e sem Ele nada foi feito de tudo o que existe. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens...*” (Jo 1, 3-4). “*Por Cristo, com Cristo e em Cristo...*” (Rm 11, 36). Cada cristão(ã) é convidado(a) a cristificar sua vida e o mundo até que “*Cristo seja tudo em todos*” (Col 3, 11).

E todos os cristãos e cristãs são chamados(as) para cristificarem a sua vida e o mundo por uma vocação específica: leiga, consagrada ou ministerial hierárquica (cf. Puebla 853). Portanto, cada cristão, cada cristã é chamado (a) para um destes estados de vida: Vida leiga ou vida religiosa ou vida sacerdotal.

A *vocação à santidade* nasce com a pessoa. “*Deus nos salvou e chamou para a santidade, não em atenção às nossas obras, mas em virtude do seu desígnio, da graça que desde a eternidade nos destinou em Cristo Jesus*” (2Tim 1, 9). “*Deus me reservou desde o seio de minha mãe...*” (Gl 1, 15).

Deus, pessoalmente, chama a pessoa, como que a reservando para si, mas a chama para enviar. É a eleição, que é reserva para a missão. É ouvir a voz de Deus que diz: vai. “*Ouvi então a voz do Senhor que dizia... vai, pois, dizer a esse povo...*” (Is 6, 8-9).

Também São Francisco escutou a voz de Deus, que lhe confiou uma

missão: “*Francisco, vai e restaura a minha casa que, como vês, está toda destruída*” (2Cel VI, 10,4). Esta vocação, dom que vem diretamente de Deus, atinge o próprio ser da pessoa, modifica sua vida, torna a pessoa diferente. Francisco nunca mais foi o mesmo depois desse encontro com o Senhor.

A descoberta da vocação é pessoal; cada um descobre a que foi chamado. Esta descoberta se faz quando se entra no íntimo do coração, no recolhimento, na oração, nos sacramentos, na vida fraterna, nas leituras bíblicas, franciscanas e outros.

O Espírito Santo suscita na Igreja, pessoas que pelo exemplo de sua vida, pela sua forma de se relacionar com Deus e por seus carismas, constituem-se em escolas de santidade e dão origem a diversas vocações espirituais: Carmelita, Inaciana, Beneditina, Dominicana, Jesuíta, etc.

Para se conhecer o que é vocação franciscana, é preciso conhecer o itinerário vocacional de Francisco.

2 - ITINERÁRIO VOCACIONAL DE FRANCISCO

Os santos não nascem santos. Nascem com qualidades e defeitos, como qualquer outra pessoa. Os santos se formam, ou melhor, no seu processo de conversão, vão se deixando moldar, formar pelo Divino artista, procurando discernir qual a vontade e o plano de Deus para com eles.

Vejamos o itinerário vocacional de Francisco e suas experiências:

2.1 - Experiência de um “mercador”.

Bem cedo, Pedro Bernardone colocou Francisco no seu “devido lugar”, atrás do balcão de sua loja de tecidos. Sua habilidade comercial fez crescer, cada vez mais, o *ter* da firma Bernardone, mas à custa do *ser* que ficou para trás... Frustrou-se o jovem mercador (cf. 1Cel I, 2-3).

2.2 - Experiência de um “rei”.

Uma turma de jovens alegres sai de uma taverna de Assis. Jovens despreocupados com o futuro, cantando e brincando. No centro se destaca Francisco, filho rico de Pedro Bernardone, pela suntuosidade, extravagância no seu modo de vestir, pelo bolso sempre cheio de dinheiro e também por suas qualidades. Foi por isso que a turma lhe tinha dado o bastão de comando, chamando-o de “rei” da juventude de Assis.

Numa dessas serenatas, ele fica parado no meio da rua, seu olhar perdido no espaço. Neste momento, comunica aos companheiros que

pretende casar-se com a mulher mais bela do mundo, a “dona pobreza”. Provoca risadas e gargalhadas... Frustração de um rei (cf. 1Cel III, 7).

2.3 - Experiência de um “cavaleiro”.

O que a nobreza de sangue não lhe permitia, talvez o dinheiro do pai e a sua bravura pessoal poderiam substituir (cf. 2Cel II, 6). Duas vezes, Francisco fracassou.

A primeira vez, numa luta entre duas cidades, Assis e Perusa (1202). Derrotado pelo inimigo, passa um ano na prisão de guerra. Uma experiência de prisioneiro (nessa ocasião, destaca-se pela sua animação e serviço aos demais).

A segunda, foi em Spoleto. É um “outro” que o chama: Francisco, “*quem poderia ser-te mais útil, o servo ou o senhor?*” Francisco disse: “*O Senhor*”. E Ele disse: “*Então por que buscas o servo em lugar do senhor?*” (2Cel II 6, 6-7). O cavaleiro desclassificado antes da batalha, volta para Assis.

2.4 - Experiência de enfermo.

Quando volta para casa, doente, acumula as decepções, as incertezas e dúvidas. Francisco fica preso ao leito e totalmente entregue aos cuidados da mãe, dona Pica. A febre o enfraquece cada vez mais. Experimenta o nada de seu próprio eu e começa a busca do *Tudo*. A doença começa a abrir-lhe os olhos para o céu, para o divino e para o eterno (cf. 1Cel II, 3).

2.5 - Experiência de um orante.

Busca a solidão, foge, se esconde, passa dias e noites em grutas. Descobre, nessa nova dimensão, profundidades, que nunca mais vai abandonar em sua vida: a oração e a contemplação. É um momento de busca da vontade de Deus para com ele. Combates interiores, tentações. Encontra-se com o leproso e o beija. Experiência de vitória sobre si mesmo (cf. 1Cel III, 6).

2.6 - Experiência de filho de Deus.

Citado pelo pai diante da autoridade eclesial, porque as autoridades civis se negaram a atender as acusações do pai, Francisco renuncia em praça pública, perante o bispo e o povo, a tudo que possui, dizendo que até aquele momento chamara Pedro de Bernardone de pai, mas dali em diante diria: Pai nosso que estás nos céus! Chegara a hora da grande renúncia e libertação (cf. 1Cel VI, 13 a 15).

2.7 - Experiência de um penitente.

No tempo de São Francisco o movimento penitencial era muito vigoroso. Confirma Tomás de Celano, seu primeiro biógrafo, que Francisco, após sua conversão, foi viver na Igreja de São Damião e, no terceiro ano de sua conversão, usava *um hábito parecido com o eremítico, cingido por uma correia e, portando um bastão, andava com os pés descalços* (1Cel IX 21, 5).

2.8 - Experiência de “pedreiro”.

Ao ouvir a fala do Crucificado: *“Francisco, vai e restaura a minha casa que, como vês, está toda destruída”* (2Cel VI 10,4). Imediatamente, dispôs-se a executar a tarefa recebida. Restaurou as igrejas de São Damião, São Pedro e da Porciúncula (Santa Maria dos Anjos) (cf. 1Cel VIII, 18-21).

2.9 – Experiência de ouvinte da Palavra de Deus.

Ao ouvir, durante a missa, o Evangelho, em que Jesus manda seus apóstolos a pregar e recomenda-lhes que não levem dinheiro, nem bolsa (cf. Mt 10, 9-10), entusiasmou-se imediatamente no Espírito de Deus: *“É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração!”* (1Cel IX 22, 3).

2.10 - Experiência de um “irmão entre irmãos”.

“O Senhor me deu irmãos” (Test 14): Bernardo de Quintavalle, Pedro Cattani, Silvestre, Guido, Rufino, Leão, Maseo, Ângelo, Junípero, etc. Nasce a primeira fraternidade (cf.1Cel X 24-25; LTC III, 27; IX, 35).

2.11 - Francisco restaurador da Igreja.

Impelido mais pelas circunstâncias, sobretudo pelo enorme número de adeptos que o procuravam, Francisco se viu diante da necessidade de fundar uma família espiritual. Não só uma Ordem, mas três: Ordem dos Frades Menores, Ordem das Damas Pobres (hoje Clarissas) e Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência, hoje denominada Ordem Franciscana Secular.

Num breve resumo, vimos o processo de conversão de Francisco, sua caminhada desde os primeiros questionamentos até a maturidade espiritual, compreendendo, passo a passo, cada vez melhor e mais profundamente sua vocação e missão.

3 - A INSPIRAÇÃO DE DEUS, NA VOCAÇÃO.

No seu Testamento, Francisco reconhece e afirma que, a vocação é obra da graça do Espírito Santo e iniciativa do Senhor:

- O Senhor concedeu a mim Frei Francisco ...
- O Senhor me conduziu entre os leprosos ...
- O Senhor me deu tanta fé ...
- O Senhor me revelou que eu devia viver...
- O Senhor me revelou que dissesse essa saudação ...
- O Senhor me inspirou a escrever a Regra ...

- Depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me disse o que devia fazer, mas o Senhor mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho.

Essa consciência da vontade de Deus, do chamado de Deus, comum a todos os convertidos, completada pela resposta pronta e generosa, também dom de Deus, e por um desejo de conhecer e querer o divino, é o que chamamos de vocação.

4 - VOCAÇÃO FRANCISCANA SECULAR

Fioretti 16, fala dos que queriam seguir Francisco, mas, eram casados. Promete dar uma Regra para que sejam santos sem abandonar sua condição de seculares.

O específico da vocação franciscana é o modo como Francisco viveu sua vocação e que o fez diferente dos demais cristãos. Ele procurou viver sua vocação com uma intensidade que era própria dele. *“A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o Santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração”* (1Cel 84,1).

A nossa Regra nos propõe: *“...impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja”* (Regra da OFS, 2).

Fomos chamados a existir como seres feitos à imagem e semelhança de Deus; a sermos cristãos e cristãs e, agora, a sermos cristãos franciscanos e cristãs franciscanas, vivendo nosso cristianismo no mundo à maneira de São Francisco, conforme nos propõe a Regra.

Importa saber, como Francisco caminhou,

- para Deus,
- para Jesus Cristo,
- para o próximo,
- para a natureza,
- para si,
- para a morte.

Importa conhecer as dimensões do carisma franciscano:

- fraternismo,
- minorismo,
- apostolicidade,
- pobreza,
- serviço, e procurar vivê-los como seculares, na família, no trabalho, na comunidade, na vida social e política, na defesa dos mais pobres e humildes, da integridade da criação e da paz.

REFLEXÃO

- 01 - Você se sente um (a) vocacionado(a). Por que?
- 02 - Deus o chamou para enviá-lo (a) em missão. Você sabe qual?
- 03 - Você se identifica com os valores da vocação franciscana secular?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Responda:

a) O que quer dizer a palavra vocação?

b) O que é vocação humana universal?

c) O que é vocação cristã?

d) Cite três tipos de vocação cristã

e) Como se faz a descoberta da vocação?

02 - Copie estas citações:

a) Ef 1,3-4

b) 2Tm 1,9

c) Is 6,8

d) 2Cel 10,4

e) Test 14

VIVÊNCIA

01 - Refletir este texto: *“A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o Santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração”* (1Cel XXX, 84,1).

02 - O texto mostra como São Francisco viveu sua vocação. Como você vai viver a sua?

ORAÇÃO

Senhor, que queres que eu faça?

Tu me deste a vida, me chamaste à existência.

Permitiste meu batismo na tua Santa Igreja e assim me fizeste conhecer seu Filho Unigênito: Jesus Cristo.

Tu tens para mim um plano de amor, uma missão.

Tu me conheces a fundo e sabes o que mais me convém.

Ilumina-me, Senhor, com teu Espírito.

Mostra-me o caminho que devo seguir.

Fortalece-me, dá-me coragem e alegria para fazer o que tu queres que eu faça.



09 - O Evangelho na Vida de São Francisco de Assis

EXPOSIÇÃO

Pode-se afirmar que o Evangelho entrou com tal força na vida de Francisco que o marcou até o final. Vemos em sua biografia várias passagens que confirmam este fato.

“Mas, num certo dia, quando se lia na mesma igreja o Evangelho sobre como o Senhor enviara seus discípulos a pregarem, estando presente o santo de Deus, como tivesse entendido de alguma forma as palavras do Evangelho, depois que se celebraram as solenidades da missa, ele suplicou humildemente ao sacerdote que lhe fosse explicado o Evangelho. Depois que este lhe expôs tudo por ordem, ouvindo São Francisco que os discípulos de Cristo não deviam possuir ouro ou prata ou dinheiro, não levar bolsa nem alforje, nem pão nem bastão pelo caminho, nem ter calçados, nem duas túnicas, mas pregar o reino de Deus e a conversão, exultando imediatamente no espírito de Deus disse: ‘É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração’. Por conseguinte, apressa-se o santo pai, transbordando de alegria, em cumprir o salutar conselho e não suporta demora alguma, mas começa devotamente a colocar em prática o que ouviu. Desata imediatamente os calçados dos pés, depõe o bastão das mãos e, contente com uma só túnica, trocou a correia por um cordão. Desde então, prepara para si uma túnica que traz a imagem da cruz para nela expulsar todas as fantasias demoníacas; prepara-a muito áspera para nela crucificar a carne com os vícios e pecados; prepara-a, finalmente, paupérrima e grosseira, para que de maneira alguma ela possa ser desejada pelo mundo. E ansiava por cumprir com a máxima diligência e reverência as outras coisas que ouvira. Pois não fora um ouvinte surdo do Evangelho, mas, confiando o que ouvira à [sua] louvável memória, cuidava de cumprir tudo à letra diligentemente” (1Cel IX, 22).

Este episódio é germe que foi se desenvolvendo ao longo de toda a vida de Francisco. Francisco estava preocupado em conhecer sempre mais profundamente o conteúdo do Evangelho para assim sempre melhor vivê-lo. O ponto de chegada de todo esse processo está codificado na Regra Bulada: *“A Regra e a vida dos frades menores é esta: observar o Santo Evangelho*

de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade” (RB I, 2).

No Testamento aparece como que um olhar retrospectivo de tudo o que já tinha sido percorrido: *“E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o senhor papa mo confirmou”* (Test 14-15).

Francisco aproxima-se da Sagrada Escritura não com a mentalidade do estudioso, mas com o espírito daquele que crê e que busca a vontade de Deus para conformar-se com ela em tudo e por tudo. Não se trata de uma atitude presente num momento, mas é uma constante de toda a sua vida.

Francisco tem sempre o Evangelho em suas mãos. Consulta-o, no entanto, de modo especial, nos momentos de decisões fundamentais. Sintomático que Tomás de Celano, ao descrever o episódio da estigmatização, chame a atenção para a relação que Francisco havia instaurado com o texto do Evangelho: *“Possuindo o espírito de Deus, o homem estava preparado para padecer todas as angústias do espírito e para suportar todos os sofrimentos do corpo, se finalmente lhe fosse permitido que nele se cumprisse misericordiosamente a vontade do Pai celeste. Dirigiu-se, por conseguinte, num certo dia, ao altar sagrado que fora construído no eremitério em que ele permanecia e, tendo tomado o códice em que estavam escritos os sagrados Evangelhos, colocou-o reverentemente sobre o altar. E assim, prostrado em oração a Deus não menos com o coração do que com corpo, pedia em humilde prece que o Deus benigno, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, se dignasse mostrar-lhe sua vontade; e para poder consumir, de maneira perfeita, o que antigamente começara com simplicidade e devoção, rogava com súplicas que lhe fosse indicado na primeira abertura do livro o que lhe era mais oportuno fazer. Era, de fato, conduzido pelo espírito dos santos e dos homens mais perfeitos que, como se lê, fizeram algo semelhante com piedosa devoção no desejo da santidade”* (1Cel II 92, 4-8).

Este tipo de consulta tem pouco a ver com estudo e nada com o aspecto mágico. Está para além da meditação e da própria contemplação, era compreendida como esforço pessoal para encontrar-se com Deus. O encontro de Francisco com o Evangelho tem como ponto de referência o gesto litúrgico, quando se entender por liturgia “um sinal”, através do qual

Deus se torna presente ao homem de maneira sensível, participando-lhe sua luz e sua vida. O livro do Evangelho colocado sobre o altar e diante dos olhos de Francisco é “um sacramento” que revela Deus Pai e os desígnios de sua vontade salvífica.

Ainda em Tomás de Celano se pode ler: *“A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o Santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração”* (1Cel XXX, 84,1).

REFLEXÃO

- 01 - Leia Mt 10, 9-10. O que esse texto tem a ver com a vida de São Francisco?
- 02 - Como São Francisco acerca-se da Sagrada Escritura?
- 03 - O que é para Francisco o livro do Evangelho sobre o altar?
- 04 - Como você acerca-se do Evangelho?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Responda:

a) O que disse Francisco ao término da explicação do Evangelho pelo sacerdote?

b) O que Francisco escreveu no Testamento?

c) O que Francisco diz na Regra Bulada I, 2?

d) O que Tomás de Celano diz a respeito de Francisco, em (1Cel XXX, 84,1)?

e) O que Francisco buscava ao ler o Evangelho?

02 - Preencha o diagrama buscando palavras no texto (1Cel IX, 22):

— E ———
—— V ————
— A ———
——— N —————
——— G —————
——— E ———
—— L ——
——— H —
——— O —

03 - Conhecer a Bíblia é conhecer o próprio Deus. É vital que todo franciscano secular saiba manusear a Bíblia. Para ajudar nesse aprendizado vamos fazer um delicioso bolo.

Ingredientes:

01 xícara de _____ (Jz 4,19)

01 xícara de _____ (1Sm 14,25)

01 xícara de _____ (Jz 5,25)

04 xícaras de _____ (1Rs 17,16)

01 xícara de _____ (1Rs 17,16)

02 colheres de _____ (Am 4,5)

1/2 kg de _____ (Na 3,12)

Misture todos os ingredientes e levar ao forno desde _____

_____ (Mt 27,45)

Pronto o bolo enfeitar com 01 _____ (Ct 1,14)

Levar para _____ (Jo7,8) Servir com _____

_____ (Jo 2,10) e _____ (Ct 2,5)

O resultado da festa: _____

_____ (Sl 67,4)

VIVÊNCIA

01 – Ler diariamente um pequeno texto do Evangelho. Descubra o que o texto lhe diz.

02 – Procurar meios de transformar o texto do Evangelho em vida.

ORAÇÃO

Ó Deus que nos dais a graça de nos reunirmos pela causa de vosso Reino, inspirai-nos pelo Espírito, para que busquemos no Evangelho a palavra que permanece e a luz que não se apaga. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

10 - Apresentação da Regra e sua Evolução nos Séculos

EXPOSIÇÃO

A Ordem Franciscana Secular (assim chamada depois do Concílio Vaticano II) desenvolveu-se no século XIII, após fervorosa pregação de Francisco num castelo chamado Savurniano. “... *todos os homens e todas as mulheres daquele castelo, por devoção, queriam seguir atrás dele e abandonar o castelo. Mas São Francisco não permitiu, dizendo-lhes: ‘Não tendes pressa e não partais; e ordenarei o que deveis fazer para a salvação de vossas almas’. E então pensou em criar a Ordem Terceira para a universal salvação de todos*” (Fior, 16). O povo gostava de estar junto de Francisco e seguiu-o. “*Acorriam homens, acorriam também mulheres, apressavam-se os clérigos, aceleravam os religiosos para ver e ouvir o santo de Deus, o qual parecia a todos um homem de outro mundo. Gente de toda idade e sexo apressava-se para ver as maravilhas que Deus de maneira nova operava no mundo por meio de seu servo. Realmente, naquele tempo, seja pela presença seja pela fama de São Francisco, parecia enviada do céu à terra uma nova luz que afugentava toda escuridão das trevas e que, de tal modo, havia ocupado quase toda a região, que mal alguém sabia para onde dirigir-se*” (1Cel XV, 36, 4-6).

“*Não somente os homens se convertiam à Ordem, mas também muitas virgens e viúvas, compungidas pela pregação deles, segundo o conselho deles se enclausuravam nos mosteiros, organizados nas cidades e aldeias, para fazerem penitência. Um destes irmãos foi constituído visitador e corretor delas. De maneira semelhante, também os casados, homens e mulheres, não podendo afastar-se da lei matrimonial, por conselho salutar dos irmãos se comprometeram a mais estrita penitência em suas próprias casas. E assim, através do bem-aventurado Francisco, perfeito adorador da Santíssima Trindade, a Igreja de Deus se renova em três Ordens, como prefigurou a restauração precedente das três igrejas. Cada uma destas Ordens foi, em seu tempo, confirmada pelo sumo pontífice*”(LTC XIV, 60, 5-9).

De 1207 a 1209, Francisco viveu entre os penitentes e depois que fundou a Ordem dos Frades Menores, seus confrades atuavam como “pregadores

itinerantes”, difundindo junto com Francisco, o atrativo principal: a vivência evangélica.

Esse fato fez com que Francisco orientasse os primeiros leigos e leigas que procuravam viver de modo simples e autêntico o Evangelho no mundo secular. Foi então que escreveu a Carta aos Fiéis, que é hoje o Prólogo da Regra da Ordem Franciscana Secular de 1978. Portanto, esse é o documento principal que temos como fonte inspiradora da criação da Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência de São Francisco, por não existir um documento canônico assinado (Bula) referente a esse período inicial da OFS.

Outros grupos de fiéis penitentes já existiam, entre eles, grupos heréticos. Então, a Santa Sé preocupou-se em baixar normas para definir a vida dos grupos, surgindo então o documento do Papa Gregório IX, “*Memoriale Propositi*” (resolução, projeto de vida), que vigorou de 1221 a 1228 para todos os penitentes da época, mas sem característica franciscana.

Contudo, Francisco continuava a manifestar seu ardente desejo pela salvação de toda a humanidade, o que aparece com palavras firmes e fortes no Capítulo XXIII, 7-10 da Regra Não Bulada da Ordem dos Frades Menores.

Com o passar dos tempos, surgiram grupos de penitentes coordenados por bispos e outros por frades menores. Foi entregue aos penitentes no dia 18 de agosto de 1289, uma Regra aprovada pelo Papa Nicolau IV, que era Frade Menor, com a Bula *Supra Montem*: “*Sobre a montanha da fé católica se baseia, como todos sabem, o fundamento da religião cristã*” Deixou quase intacto o *Memoriale* de 1228, dispondo, porém, numa forma mais ordenada. O Papa fez acrescentar a esta Regra uma disposição, pela qual, para o futuro, todos os “*Visitadores*” e “*Formadores*” deviam ser da Ordem dos Frades Menores. Numa outra Bula, de 1290, Nicolau IV obrigava todos os membros da Ordem da Penitência, de todo o mundo, a aceitar os Frades Menores como visitantes e procuradores e mencionava como razão o fato histórico de ter sido São Francisco o fundador (Frei Lázaro Iriarte - História Franciscana – Editora Vozes). O texto da Regra correspondia ao estilo da época, ocupando-se, quase exclusivamente, com deveres e proibições. Faltou a luz e o calor do Evangelho; a mão e o coração do Seráfico Pai.

Com a Revolução Industrial na Europa, o 7º. Centenário do nascimento de São Francisco e o movimento da Ação Católica, a Regra de Nicolau IV não correspondia mais às exigências daquele tempo. Então, o Papa Leão XIII, que foi franciscano secular e posteriormente frade menor,

escreveu a Encíclica *Auspicatum Consenssum*, em 1882, recomendando que os cristãos se agregassem à Terceira Ordem, o que muito contribuiu para fazer crescer a justiça, a moral e a piedade no mundo. Motivado a dar novo impulso para que a Ordem Terceira crescesse com mais vigor, aprovou, com a Carta Apostólica *Misericors Dei Filius*, em 30 de maio de 1883, uma Regra, substituindo a Regra de Nicolau IV. O texto dessa Regra contém apenas três Capítulos: 1 – Admissão, noviciado, profissão; 2 – Do modo de viver; 3 – Dos ofícios, da Visita Fraternal e Pastoral e da própria Regra.

Comparando a Regra de Leão XIII com a de Nicolau IV, constatamos que o Papa diminuiu muito o rigor, achando que as obrigações do século XIII, já não eram mais viáveis na situação tão diferente do século XIX. Leão XIII também tinha em vista abrir as portas da Ordem Franciscana Secular para um número máximo possível de cristãos(ãs).

Como a Regra de Leão XIII é muito breve, tornou-se necessário explicá-la e completá-la por meio das Constituições Gerais. Estas foram aprovadas em 25 de agosto de 1957. São muito extensas, com 173 artigos e não foram elaboradas em diálogo com as Fraternidades, o que impediu que correspondessem às aspirações dos franciscanos(as) seculares. O texto se ocupa insistentemente com a formação, a perfeição cristã segundo o espírito franciscano, o estímulo para a oração, a participação na vida familiar e social, a apostolicidade, etc... O que não encontramos, e tanto esperávamos, foi a autonomia da Ordem Franciscana Secular.

Com a evolução tecnológica do século XX, a mudança de costumes, a grande influência dos meios de comunicação social, o Concílio Vaticano II, que recomendou um retorno às fontes, surgiu a proposta de renovação da Regra de Leão XIII.

A partir de uma carta dos quatro Assistentes Gerais da Terceira Ordem, em 1966, iniciou-se um árduo trabalho, que durou onze anos, para a preparação da Regra renovada.

Pelo Breve Apostólico *Seraphicus Patriarcha*, o Papa Paulo VI deu à Ordem Franciscana Secular, na festa de São João Batista, em 24 de junho de 1978, a Regra renovada. Dizem que foi o último documento de importância que o Sumo Pontífice assinou, poucas semanas antes de morrer. Na introdução do Breve, ele cita as palavras de Pio XI: “*Parece... que jamais houve homem algum em que brilhasse mais a imagem de Jesus Cristo e em quem fosse mais semelhante a forma evangélica do que em Francisco*”.

Paulo VI, já marcado por grave doença, demonstrou em suas palavras tanto amor ao *Poverello* de Assis e à sua família, que carinhosamente essa lei básica é chamada de “*Regra Paulina*”.

Foi um dia histórico, quando quatro anos depois, em 27 de setembro de 1982, o Papa João Paulo II se dirigiu aos peregrinos(as) franciscanos(as) na sala máxima dizendo: “*Estais reunidos aqui e aguardais uma palavra de bons votos do Papa, sucessor de Pedro. Pois bem, a minha exortação é esta: Amai, estudai e vivei a Regra da Ordem Franciscana Secular, aprovada para vós pelo meu predecessor Paulo VI. Ela é um autêntico tesouro nas vossas mãos, sintonizada no espírito do Concílio Vaticano II e correspondente ao que a Igreja espera de vós. Amai, estudai e vivei esta Regra, porque os valores nela contidos são eminentemente evangélicos. Vivei estes valores em fraternidade e vivei-os no mundo, no qual, pela vossa mesma vocação secular, estais envolvidos e radicados. Vivei estes valores evangélicos nas vossas famílias, transmitindo a fé com a oração, o exemplo com a educação, e vivei as exigências evangélicas do amor recíproco, da fidelidade e do respeito à vida. Cristo, pobre e crucificado, seja para vós, como foi para Francisco de Assis, o inspirador e o centro da vida com Deus e com os homens*”.

De fato estas inspiradas palavras do Santo Padre resumem a riqueza da Regra da Ordem Franciscana Secular, que contém 26 artigos distribuídos em três Capítulos:

- 1 – A Ordem Franciscana Secular;
- 2 – A Forma de Vida;
- 3 – Vida em Fraternidade.

Para explicação mais detalhada da Regra, surgiram as Constituições Gerais de 1990, contendo três aspectos fundamentais: a secularidade, a unidade e a autonomia. Estas Constituições foram amplamente refletidas pelas Fraternidades. Após correções e atualizações, suas emendas foram aprovadas em 8 de dezembro de 2000 e promulgadas em 6 de fevereiro de 2001, entrando em vigor a partir de 6 de março de 2001. No texto foram observados os seguintes critérios: adesão ao direito comum e ao direito próprio da Ordem Franciscana Secular; respeito pelo texto já aprovado em 1990 pela Santa Sé; flexibilidade organizativa; adaptação cultural e linguística.

Esta apresentação da Regra e de sua evolução nos séculos contempla apenas os principais aspectos dos documentos que demonstram a história

da espiritualidade franciscana secular, incluindo os comentários sobre as Constituições Gerais, para que no tempo de formação, os novos membros da Ordem Franciscana Secular já tenham o conhecimento básico do caminho percorrido por aqueles que nos antecederam.

REFLEXÃO

- 01 - O que motivou Francisco a escrever a Carta aos Fiéis?
- 02 - O que motivou o Papa Gregório IX a aprovar a *Memoriali Propositi*?
- 03 - O que motivou o Papa Nicolau IV a aprovar uma nova Regra?
- 04 - O que motivou o Papa Leão XIII a aprovar uma outra Regra?
- 05 - O que motivou o Papa Paulo VI a aprovar a Regra renovada?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

- 01 - Escreva (V) se a afirmação for verdadeira ou (F) se for falsa:
- () A Ordem Franciscana Secular (assim chamada depois do Concílio Vaticano II), surgiu no século XIII.
 - () O povo gostava de estar junto de Francisco e seguiu-o.
 - () Os leigos e leigas dedicavam-se a uma penitência muito estrita e rigorosa em suas próprias casas.
 - () De 1207 a 1209, Francisco viveu entre os penitentes.
 - () A Carta aos Fiéis é hoje o Prólogo da Regra de 1978.
 - () O *Memoriale Propositi* (resolução, projeto de vida), vigorou de 1221 a 1228 para todos os penitentes da época e foi escrito por Francisco.

- 02 - Complete de acordo com o texto:

“Estais reunidos aqui e _____ uma palavra de bons votos do Papa, sucessor de Pedro. Pois bem, a minha exortação é esta: _____ a Regra da Ordem Franciscana Secular, aprovada para vós pelo meu predecessor _____ . Ela é um autêntico tesouro nas vossas mãos, sintonizada no espírito do Concílio Vaticano II e correspondente ao que a _____

espera de vós. Amai, estudai e vivei esta Regra, porque os valores nela contidos são _____ evangélicos. Vivei estes valores em _____ e vivei-os no _____, no qual, pela vossa mesma _____, estais envolvidos e radicados. Vivei estes valores evangélicos nas vossas _____, transmitindo a fé com a oração, _____ com a educação, e vivei as exigências _____ do amor recíproco, da fidelidade e do respeito à vida. Cristo, o _____, seja para vós, como foi para Francisco de Assis, o inspirador e o centro da vida com Deus e com os homens”.

03 - Ligue corretamente:

- a) Francisco
- b) Gregório IX
- c) Nicolau IV
- d) Leão XIII
- e) Paulo VI

Supra Montem
Seraphicus Patriarcha
Carta aos Fiéis
Memoriali Propositi
Misericors Dei Filius

VIVÊNCIA

01 – Conhecer todas as Regras aprovadas pela Igreja para os franciscanos seculares.

ORAÇÃO

Senhor, nós te agradecemos porque fizeste brilhar teu amor de Pai em Francisco de Assis e rogamos: conceda-nos a graça de seguir o teu Evangelho à maneira de Francisco de Assis e que vivamos os valores evangélicos nas nossas famílias, transmitindo a fé com a oração, o exemplo com a educação, que testemunhemos as exigências evangélicas do amor recíproco, da fidelidade e do respeito à vida. Dá-nos um espírito verdadeiramente franciscano que nos faça nos conformar em tudo a Jesus Cristo e assim cumprir perfeitamente a tua vontade. Por Cristo nosso Senhor. Amém.

11 - A Fraternidade-Comunidade

EXPOSIÇÃO

Comunidade e fraternidade são dois valores humanos e que podem se tornar um só através do amor fraterno que une as pessoas ao Pai comum. Neste sentido, cada comunidade vive um tipo de fraternidade, porque viver em comunidade é por a vida em comum; é conviver. São exemplos de comunidade: a família, os familiares, a vizinhança, o bairro, a cidade, o Município, o Estado, a Nação.

1 - COMUNIDADE: LAÇOS NATURAIS E HUMANOS.

A comunidade é de origem natural e, por isso, necessária. Ela possui valores em comum: raça, língua, história, lugar geográfico, costumes, interesses, fé ...

2 - FRATERNIDADE: LAÇOS HUMANOS E ESPIRITUAIS

Fraternidade e comunidade não se excluem, mas se completam e podem se identificar. A vivência da religião é que faz uma comunidade se tornar fraternidade. Isto porque, além dos laços de sangue, de língua, etc, criam-se laços espirituais. Assim os valores humanos se revestem de valores espirituais.

A comunidade ressalta o que é “comum” (colocar os bens e a vida em comum; conviver); a fraternidade ressalta o “irmão” e a “irmã”: no sentido espiritual.

A fraternidade é um valor humano e cristão indiscutível, especialmente, para o franciscano. Diz o Concílio Vaticano II: “*Deus que tem um cuidado paternal para com todos, quis que todos os homens formassem uma só família e se tratassem mutuamente com espírito fraterno*” (GS 24/272). E diz também: “*A unidade da família humana recebe um grande reforço e encontra o seu acabamento na unidade da família dos filhos de Deus, fundamentada em Cristo*” (GS 42/328). Nessas duas citações, aparece o seguinte: Deus é nosso Pai comum e nós todos somos irmãos e irmãs, porque Cristo assim nos tornou (cf. Mt 23,8). A nova família de Cristo e o novo parentesco são formados por todos aqueles que ouvem a Palavra de

Deus e a põem em prática. A estes, Jesus considera como sendo sua mãe, seus irmãos e irmãs (cf. Mt 12, 46-50).

O novo laço que une a Cristo e que une os cristãos entre si é a fé que se manifesta no amor a Deus e ao próximo (cf. Jo 1,12-13; 1Jo 3, 9-10). O laço de fraternidade, baseado na fé, é tão íntimo e profundo, que ultrapassa os próprios laços de sangue. Diz São Francisco: *“Se a mãe nutre e ama a seu filho carnal, quanto mais diligentemente não deve cada um amar e nutrir seu irmão espiritual?”* (RB VI, 9 cf. ITS 2, 7).

3 - FRATERNIDADE FRANCISCANA

A Ordem Franciscana é uma Ordem de irmãos e irmãs. São Francisco usa várias vezes nos seus escritos a palavra “fraternidade” e sempre designa o grupo de irmãos. Mais numerosas são às vezes que Francisco usa nos seus escritos a palavra “irmãos”. Isto significa que a vocação franciscana é vocação para viver em fraternidade, amando-nos como irmãos e irmãs.

Viver em fraternidade é cultivar o espírito fraterno. Na Fraternidade, o importante é o irmão, a irmã. *“A Ordem Franciscana Secular se articula em Fraternidades de vários níveis, com o fim de promover, de forma ordenada, a união e a colaboração mútua entre os irmãos e irmãs”* (CCGG 28,2).

Para Francisco, os irmãos e irmãs são um dom do Senhor. Por isso, ele recebe os irmãos que o Senhor lhe envia como magníficos presentes de Deus. Sendo os irmãos e irmãs presentes de Deus, todos devem se acolher como irmãos e irmãs, sempre e em todas as circunstâncias (cf. RB VI, 8-9).

4 - FUNDAMENTOS DA FRATERNIDADE

4.1 – Deus Pai: *“Ele sempre teve o constante desejo e o vigilante esforço de preservar entre os filhos o vínculo da unidade para que fossem afagados em paz ao colo de uma única mãe os que foram trazidos pelo mesmo espírito e gerados pelo mesmo pai. Queria que os maiores se unissem aos menores, que os sábios se ligassem aos simples, com afeto de irmão de sangue, que os distantes se associassem entre si pelo laço do amor”* (2 Cel CXLIV, 191, 1-2).

4.2 - Cristo: é o centro da Fraternidade. É ele que nos reúne e nos faz ser irmãos e irmãs, levando-nos a nos amar como irmãos e irmãs. *“Cristo ... é o ‘livro’ no qual os irmãos, à imitação de Francisco, aprendem o porquê e o como viver, amar e sofrer”* (CCGG 10).

4.3 - Evangelho: no Evangelho, a Fraternidade encontra a pessoa de Cristo e sua Palavra. O modo concreto para viver o Evangelho é passar do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho (cf. Regra da OFS, 4).

4.4 - Francisco: é o modelo que nos ensina como fazer do Cristo o centro de nossa vida, imitando sua vida e vivendo a sua Palavra. Francisco nos ensina viver o Evangelho e nos ensina a viver como irmãos e irmãs (cf. Regra da OFS, 4).

Esses fundamentos geram compromisso de amor espiritual que transcende o amor carnal e a amizade. Diz São Francisco: *“Se a mãe nutre e ama a seu filho carnal, quanto mais diligentemente não deve cada um amar e nutrir seu irmão espiritual?”* (RB VI,9).

5 – VALORES HUMANOS A CULTIVAR

5.1 – Acolhida mútua: acolher é abrir as portas do coração; é aceitar o outro dentro de nós, assim como ele é, com suas qualidades e limitações. O acolhimento é um dos primeiros sinais de que a Fraternidade está viva. São Francisco acolhia cada irmão como um dom do Senhor (cf. Test 14).

5.2- Disponibilidade/serviço: Jesus veio ao mundo não para ser servido, mas para servir (cf. Mt 20,28). Servir é dar-se, é amar, é participar. Colocar-se a serviço dos irmãos, é colocar-se a serviço de Deus (cf. Mt 25,40).

5.3 - Pertencer/responsabilidade: ingressar na Fraternidade é tornar-se seu membro, é ser parte integrante, é sentir-se responsável por ela, assumindo-a com amor, como algo que faz parte de sua vida. É ser responsável pelo andamento, pelo crescimento, pelas tarefas e realizações, pela vida e missão de sua Fraternidade.

5.4 - Confiança/diálogo: a Fraternidade cresce no amor fraterno e em todos os aspectos, quando existe uma verdadeira confiança entre os seus membros. O amor e a confiança entre os irmãos são um caminho aberto para a acolhida e o diálogo.

6 - MISSÃO DA FRATERNIDADE

6.1 - Viver em união com Deus: a união com Deus é o começo, é o fundamento da missão. Antes de ir pelo mundo pregar, São Francisco se converte a Deus, aprofunda-se na fé, no amor a Deus e na oração (cf. 1Cel IX, 21-22).

6.2 - Viver o Evangelho: o Evangelho é o lugar do encontro com a pessoa de Jesus Cristo, suas palavras, gestos e ações. O nosso modo de viver o Evangelho é segundo o exemplo de São Francisco e conforme a Regra da OFS, produzindo “dignos frutos de penitência” (cf. 1Fi 1-10 e Mt 25). Quais são estes frutos de penitência?

São obras corporais de misericórdia:

- Dar de comer a quem tem fome.
- Dar de beber a quem tem sede.
- Vestir os nus.
- Dar pousada aos peregrinos.
- Remir os cativos.
- Enterrar os mortos.

São obras espirituais de misericórdia:

- Dar bom conselho.
- Ensinar os ignorantes.
- Corrigir os que erram.
- Consolar os aflitos.
- Perdoar as injúrias.
- Sofrer com paciência as fraquezas do próximo.
- Rogar a Deus pelos vivos e defuntos.

6 3 - Anunciar o Cristo pela vida e pela palavra: a vida fraterna é a nossa pregação. Esta pregação consiste no amor verdadeiro, sincero e profundo entre os irmãos e irmãs, por causa de Cristo. Lembremos o testemunho maravilhoso de amor fraterno, de unidade e de partilha fraterna da primeira comunidade de Jerusalém! Vendo aquele exemplo de vida, os pagãos exclamavam: “*Vede como se amam!*” (cf. Tertuliano e At 2, 42-47; 4, 32-35). São Francisco diz: “*Contudo todos os irmãos preguem com as obras*” (RnB XVII, 3).

Quando nossa vida e nosso coração estão cheios de Deus, saem de nossa boca palavras de incentivo, de esperança, de amor e de paz. Se o nosso coração estiver cheio de Deus e de coisas santas, falaremos disso “*porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio*” (Lc 6, 45).

“*E, onde quer que estiverem e em qualquer lugar em que se encontrarem, devem os irmãos espiritual e diligentemente cuidar uns dos outros e honrar-se mutuamente sem murmuração*” (RnB VII, 15).

REFLEXÃO

01 - Leia e reflita em grupo o texto.

“Nela [na Fraternidade] na verdade, os tentados são apoiados, os caídos são levantados, os tíbios são estimulados; nela o ferro é afiado com ferro, e o irmão, ajudado pelo irmão, estabelece-se como cidade inabalável” (2Cel VI, 33,9).

02 - De acordo com o texto qual a principal função da Fraternidade na vida dos seus membros?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Responda:

a) Quais são os fundamentos da Fraternidade franciscana?

b) Qual a diferença entre Fraternidade e comunidade?

c) Quais os valores humanos a cultivar numa Fraternidade?

d) Qual a missão da Fraternidade?

02 - Complete:

a) A comunidade é de origem natural e _____

Ela possui valores em comum: _____

b) Fraternidade e comunidade não se excluem, mas _____

_____ se identificar. A vivência da religião é que faz uma _____.

Isto porque além dos laços de sangue, de língua ou de raça, criam-se _____.

Assim os valores humanos se revestem de valores espirituais.

c) A comunidade ressalta o que é _____ (colocar os bens

e a vida em comum; conviver); a fraternidade ressalta o _____

no sentido espiritual e não o(a) irmã(o) de sangue e de raça,

VIVÊNCIA

01- Se você guarda em seu coração alguma mágoa ou ofensa, procure reconciliar-se com a pessoa, perdendo-a de coração.

02 – O que mais o (a) atraiu na proposta de vida fraterna feita por São Francisco? Como você vai vivê-la?

ORAÇÃO

Oração da Fraternidade

Senhor, eu te peço pela minha Fraternidade:

Para que nos conheçamos sempre melhor em nossas aspirações, nos compreendamos mais em nossas limitações.

Para que cada um de nós sinta e viva as necessidades dos outros.

Para que nossas discussões não nos dividam, mas nos unam em busca da verdade e do bem.

Para que cada um de nós, ao construir a própria vida, não impeça ao outro de viver a sua.

Para que nossas diferenças não excluam ninguém da comunidade, mas nos levem a buscar a riqueza da unidade.

Para que olhemos para cada um, Senhor, com os teus olhos e nos amemos com o teu coração.

Para que nossa Fraternidade não se feche em si mesma, mas seja disponível, aberta, sensível aos desejos dos outros.

Para que no fim de todos os caminhos, além de todas as buscas, no final de cada discussão, e depois de cada encontro, nunca haja ‘vencidos’, mas sempre irmãos.

E estará começando o caminho que termina no céu. Amém.

(Devocionário Franciscano - Nº 6 - p. 580)



12 - Deus se Revela a Nós

(DEUS PAI, O CRIADOR)

EXPOSIÇÃO

1 – DEUS NOS CRIOU POR AMOR E PARA O AMOR

Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-27). Chamou-os à existência por amor, chamou-os ao mesmo tempo para o amor. Deus infundiu em nós o espírito de vida e nos destina à felicidade (cf. Gn 2,7-8).

O homem e a mulher podem gozar de toda a criação, dominar e cuidar de tudo o que existe sobre a terra e são convidados a manter uma relação pessoal com o Criador (cf. Gn 1,26-31; 2,15).

“*Deus é amor*” (1Jo 4, 8) e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Deus é amor e amor trinitário. Criando a humanidade à sua imagem e semelhança e conservando-a continuamente, Deus inscreve no homem e na mulher o desejo profundo de viver o amor; a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão.

O amor é a fundamental e originária vocação do ser humano. Nascemos para a felicidade, harmonia e equilíbrio.

1.1 – Deus ama você pessoalmente porque é seu Pai (cf. Os 11, 1).

Com a mesma ternura que um pai ama seus filhos, Deus o ama; tanto é assim, que foi Ele quem o criou e formou desde o seio materno. É Ele quem revela para você essa ternura, esse amor pessoal, simplesmente porque é seu Pai. Ele o chama pelo nome e diz: “*Você é meu eu o resgatei*” (Is 43, 1). Seu amor por você é eterno, desde sempre o amou (cf. Jr 31, 3). Poderia uma mãe esquecer-se do filhinho que amamenta? Não. Portanto, é impossível uma mãe esquecer-se do seu filho. E o Senhor nos diz: “*Mesmo que uma mãe o esquecesse, eu não me esqueceria de você nunca*” (Is 49, 15b). Deus ama a cada um de maneira especial. Com o mesmo amor com que ama seu Filho Jesus, Ele ama você (cf. Jo 3, 16). Ele o ama simplesmente porque é seu Pai e você é seu filho!

1.2 – Deus o ama de maneira incondicional, porque ele é amor (cf. 1Jo 4, 8-10)

Deus não impõe nenhuma condição para nos amar. Simplesmente, nos ama como somos neste momento. Não importa o que tenhamos sido no passado: pecado, vícios, defeitos, infidelidade, etc. Não importa o que estamos sendo neste momento: problemas, complexos, incompreensões, dúvidas, falhas, etc. Deus nos ama sempre da mesma maneira, porque seu amor é eterno. Deus é amor, por isso, não exige nada de nós para nos amar, nem espera que o amemos. Não existe nada pelo que Deus poderá deixar de amar-nos. Nada do que tenhamos feito diminui o amor de Deus por nós e nada do que possamos fazer vai diminuir esse amor. Deus nos ama, não pelas nossas qualidades, mas com as nossas qualidades e não deixa de nos amar pelos nossos defeitos, nos ama com eles (cf. Rm 5, 8). Deus nos ama com nossos pecados e esforços, não há necessidade de colocarmos máscara diante dEle (cf. 1Sm 16, 7). Deus nos ama não porque sejamos bons e sim porque Ele é a Bondade.

Deus é infinitamente bom para todos os homens e as mulheres:

- o gago Moisés ou o pequeno Zaqueu;
- o pobre Amós ou o instruído Nicodemos;
- a obediente Maria de Nazaré ou o desobediente Jonas;
- o ladrão condenado à morte ou você, seu vizinho, seu amigo...

O pior de todos os pecadores é o mais amado por Deus, pois onde é grande o pecado, é maior seu amor misericordioso, diz São Paulo (cf. Rm 5, 20). Assim, quem mais necessita, mais experimentará o amor misericordioso de Deus, se quiser.

1.3 – Deus quer o melhor para você porque você é o seu filho. (cf. Jo 1, 12 e Rm 8, 14-21).

Deus nos ama como nós somos, porém nos ama tanto, que não quer nos deixar assim, cheios de limitações, mas quer levar-nos à plenitude. Ele é amor e deseja o melhor para nós. Quer fazer por nós muito mais do que possamos imaginar, pedir ou mesmo pensar. Ele tem um plano feito para cada um de nós com toda sabedoria e amor. Ele nos criou neste plano e quer que o desfrutemos.

Deus nos criou à sua imagem e semelhança, em harmonia perfeita:

- conosco;

- com Ele, em uma relação pessoal, íntima e permanente;
- com os demais, em relação de justiça, verdade e serviço;
- com toda a criação, co-criadores e não escravos/exploradores das coisas deste mundo.

O pecado quebrou essa harmonia perfeita. Quebrou o plano de amor de Deus.

1.4 – Deus tomou a iniciativa de amá-lo(a) (cf. Lc 15, 3-7).

Deus nos ama e a única coisa que nos pede é que:

- creiamos nEle;
- confiemos em seu plano.

A primeira coisa que Deus nos pede não é que o amemos, e sim que nos deixemos amar por Ele. Ele só quer que você experimente o seu amor. Não se trata de chegarmos até Ele, pois é Ele que vem até nós. Não fomos nós que O elegemos, Ele nos escolheu primeiro (cf. Jo 15, 16). O amor não consiste em que amemos a Deus, senão em que Ele nos amou primeiro (cf. 1Jo 4, 10).

Está impresso em nós o desejo e a necessidade de buscar a Deus; de querer amá-lo. Devemos parar, nos deter e desejar sermos alcançados por Ele; pelo seu amor que é eterno (cf. Fl 3, 12).

REFLEXÃO

01 – Leia a parábola do filho pródigo, em Lc 15, 11-32.

- Descubra as atitudes de amor do Pai para com seus filhos.
- O que mais lhe chamou a atenção?

02 – Partilhe a experiência do amor de Deus em sua vida.

03 – Quando foi que Francisco tomou consciência, mais claramente, de ser filho de Deus? O que fez? O que falou? Leia 2Cel VII, 12 e descubra.

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Copie:

a) Sl 102,13

b) Is 43,1-3

c) Is 49,15

d) Is 54,10

e) Jr 31,3

f) 1Jo 4,8

g) 1Jo 4,19

02 - Pesquise e responda:

a) Desde quando Deus o(a) ama? (Jr 31,3)

b) Como é o amor na nova lei de Deus? (Mt 5,43-48)

c) Como Deus amou o mundo? (Jo 3,16)

d) Em que consiste o amor? (1Jo 4,10)

VIVÊNCIA

01 – A descoberta do amor de Deus nos leva ao louvor e agradecimento. A sua oração e atitudes diárias mostram isso? O que é preciso melhorar?

02 – Estando consciente do amor de Deus em sua vida e achando isso uma realidade maravilhosa, já disse essa verdade a outras pessoas?

ORAÇÃO

Paráfrase ao Pai-nosso

Ó santíssimo *Pai-nosso*: criador, redentor, consolador e salvador nosso.

Que estais nos céus: nos anjos e nos santos, iluminando-os para o conhecimento, porque vós, Senhor, sois luz; abrasando-os para o amor, porque vós, Senhor, sois amor; habitando-os e plenificando-os até à beatitude, porque vós, Senhor, sois o sumo e eterno bem, do qual procede todo o bem, sem o qual não há nenhum bem.

Santificado seja o vosso nome: brilhe em nós o conhecimento de vós para que conheçamos qual seja a largura dos vossos benefícios, o cumprimento das vossas promessas, a sublimidade da vossa majestade e a profundidade dos vossos juízos.

Venha o vosso reino: para que reineis em nós pela graça e nos façais chegar ao vosso reino, onde a visão de vós é manifesta, a dileção a vós é perfeita, a comunhão convosco é bem-aventurada e a fruição de vós é eterna.

Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu: a fim de que vos amemos de todo o coração, pensando sempre em vós, desejando-vos sempre com toda a alma, dirigindo para vós todas as nossas intenções com todo o pensamento, buscando em tudo a vossa honra e, com todas as nossas forças, gastando todas as nossas energias e sentidos da alma e do corpo em submissão ao vosso amor; e para que amemos os nossos próximos como a nós mesmos, trazendo todos, segundo nossas forças, ao vosso amor,

alegrando-nos pelos bens dos outros como pelos nossos, compadecendo-nos de seus males e não causando a ninguém qualquer mal.

O pão nosso de cada dia: vosso dileto Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, *dai-nos hoje:* em memória, inteligência e reverência do amor, que Ele teve para conosco e das coisas que nos disse, fez e sofreu.

E perdoai-nos as nossas dívidas: pela vossa inefável misericórdia, pela virtude da paixão de vosso dileto Filho e pelos méritos e intercessão da beatíssima Virgem e de todos os vossos eleitos.

Assim como nós perdoamos os nossos devedores: e quem não perdoamos plenamente, Senhor, fazei-nos perdoar plenamente, para que, por amor a vós, amemos verdadeiramente os inimigos e intercedamos devotamente por eles junto a vós, a ninguém retribuindo mal com mal, esforçando-nos para, em vós, sermos úteis em tudo.

E não nos deixeis cair em tentação: oculta ou manifesta, repentina ou persistente.

Mas livrai-nos do mal: passado, presente e futuro.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre e por todos os séculos dos séculos. Amém.

(Dovocionário Franciscano - p. 398 e 433)

“Zaqueu, desce depressa...
Senhor, ... se tiver defraudado
alguém, retribuirei o quádruplo...
Disse-lhe Jesus:
Hoje, entrou a salvação
nesta casa...”

Lc 19, 5.8

13 - JESUS, O SALVADOR (DEUS FILHO, O REDENTOR)

EXPOSIÇÃO

Só Deus tem a solução para a condição pecadora do homem.

Esta solução, Deus Pai, nosso Criador, já nos deu e oferece gratuitamente a cada um(a). É oferecida a cada um(a) de uma maneira especial e pessoal, é incondicional tal qual o seu amor.

A solução de Deus é única, porque é total, radical, definitiva, autêntica. A salvação está em Jesus Cristo. Assim é que em Jesus Cristo temos a Boa Notícia.

1 - A BOA NOTÍCIA

Deus já nos deu uma boa notícia - uma Boa Nova. Sim, há uma solução para os problemas da pessoa humana e do mundo. Uma só solução: *Jesus Cristo*. O próprio nome de Jesus indica a sua missão: Salvador.

Como o ser humano é incapaz de chegar até Deus, Deus chegou até o ser humano. *“Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nEle crer não pereça, mas tenha a vida eterna”* (Jo 3, 16).

Jesus é a Boa Nova de Deus para a humanidade. Não veio somente trazer a salvação ou falar da salvação. Ele é a Salvação. É Deus conosco. É o Emanuel (cf. Is 7, 14). *“Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo de seus pecados”* (Mt 1, 21). É Jesus salvando-nos; daí seu nome: Salvador.

2 – A VITÓRIA DE JESUS

“Eu saí de junto do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto ao Pai” (Jo 16, 28). E os discípulos disseram: *“Agora sim, acreditamos que saíste de junto de Deus”* (Jo 16, 31). Jesus os anima: *“Eu disse essas coisas, para que vocês tenham a minha paz. Nesse mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem. Eu venci o mundo”* (Jo 16, 33).

E o evangelista João nos explica que a vitória de Jesus é a vida eterna: *“Ora, a vida eterna é esta: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro e Aquele que Tu enviaste, Jesus Cristo”* (Jo 17, 3)

3 - PAGOU O PECADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O ser humano, ao pecar adquiriu uma dívida para com Deus, que jamais poderia pagar. O salário do pecado é a morte eterna; a natureza do ser humano é limitada; pecadora. Portanto, jamais poderia pagar o preço para se libertar do pecado. A dívida era enorme e sem condições de ser paga. *“Porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”* (Rm 6, 23).

Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (cf. Jo 1, 29).

Jesus, semelhante ao homem em tudo, menos no pecado, era o único capaz de tirar o pecado da humanidade (cf. Hb 2, 17). *“Porque não temos nEle um pontífice incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas. Ao contrário, passou pelas mesmas provações que nós, com exceção do pecado”* (Hb 4, 15).

Jesus é o novo Adão, o Novo Homem da humanidade restaurada (1Cor 15, 21-22). Foi Ele quem salvou seu povo de seus pecados. Ele nos livrou da maldição do pecado, carregando os pecados de toda humanidade e assumindo as consequências dos mesmos. *“Em verdade, Ele tomou sobre si nossas enfermidades e carregou os nossos sofrimentos”* (Is 53, 4). Foi Ele quem assumiu as consequências do pecado para que pudéssemos experimentar a liberdade de filhos de Deus. O pecado aprisiona, mas Jesus quebra o jugo do pecado, libertando-nos dessa escravidão. Por isso, nenhuma condenação pesa sobre a humanidade salva por Jesus. Para sermos livre é que Jesus nos libertou (cf. Jo 8, 34-36).

4 - COMUNICA VIDA DIVINA

Jesus não veio somente para tirar o pecado, mas para manifestar todo o amor misericordioso de Deus para com os homens e as mulheres, especialmente pobres e necessitados(as), para que, onde abunde o pecado, possa superabundar a misericórdia, o amor misericordioso de Deus (cf. Rm 5, 20).

Jesus veio para nos dar vida e vida em abundância, pois Ele mesmo disse: *“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”* (Jo 10, 10). Jesus é o caminho, a verdade e a vida e todo aquele que O segue não andarás nas trevas, mas terá luz e vida. Jesus nos comunica a alegria desta vida nova, pois Ele é a ressurreição e a vida. Aquele que nEle crer, mesmo que esteja morto, viverá (cf. Jo 11,25-26).

5 - DÁ SENTIDO A VIDA HUMANA

Jesus vem dar sentido verdadeiro à vida humana; sua autêntica dimensão. Só Ele, Jesus, derruba os muros que nos separam, trazendo a paz a este mundo, porque Ele é a nossa paz.

Só Jesus é capaz de derrubar os obstáculos e barreiras que nos impedem de experimentar esta vida, em sentido mais amplo, dentro do plano de Deus. Ele nos faz experimentar o sabor da filiação divina. Podemos analisar isto em três momentos que sua palavra nos relata:

5.1 - A mulher adúltera (paz consigo mesmo) (cf. Jo 8, 3 -11).

Aqueles que a surpreenderam pecando, levaram-na ante Jesus, seguros de que ia confirmar a pena de morte decretada na lei para estes casos.

Entretanto, surpreendentemente, Jesus tem fé na mulher, mesmo que tivesse sido infiel até aquela data e devolve-lhe a dignidade perdida, fazendo-a sentir-se filha de Deus novamente. Para Jesus tudo tem remédio; mais ainda, não faz alusão ao passado, tampouco a condena. Há um porvir em aberto. “*Vai e não tornes a pecar*”, disse Jesus.

Mesmo que achemos que não há remédio para nós; que estamos afundando no pecado, que somos condenados pela sociedade, pelos homens e pela nossa consciência, Jesus não condena, perdoa. Jesus não destrói, dá novo sentido à vida. Nossa infidelidade é paga com a fidelidade de Jesus.

5.2 - O rico Zaqueu (paz com os demais) (cf. Lc 19, 1-10).

Zaqueu era um homem muito rico ao qual nada faltava, exceto estatura.

Para compensar este inconveniente havia ganho as mais altas riquezas à custa de injustiças e opressões. Um dia, Jesus entrou na cidade de Jericó e Zaqueu teve que subir numa árvore para vê-lo. Jesus viu-o e resolveu almoçar em sua casa. Desde esse momento tudo mudou. Tirou-lhe a segurança na qual estava alicerçada a sua vida e deu-lhe outra segurança, firme e imensurável: a alegria de ser justo.

Jesus mudou a vida de Zaqueu; deu-lhe um novo sentido, mostrando-lhe que: o homem não pode satisfazer-se plenamente com as coisas deste mundo, ainda mais, se apropriando dos bens alheios; o Reino dos céus começa aqui e agora pela prática da justiça. Zaqueu foi liberto de sua cobiça e começou a viver na justiça e em paz com o mundo.

5.3 - O ladrão arrependido (paz com Deus) (cf. Lc 23, 39-43).

Por assassinato ou roubo o haviam condenado a morrer na cruz. Nem os açoites, nem o cárcere eram mais remédio para ele. Nada e nenhuma

atitude podia corrigi-lo. Por isso, condenaram-no à morte e foi crucificado naquela sexta-feira santa, à direita de outro homem, o qual mal algum havia cometido.

Todos o haviam condenado e, ele mesmo, chegou a estar de acordo com o que estava sendo feito. Concordava que não havia mais remédio para si, a não ser a morte. Chegou a dizer: “*Nós sofremos um justo castigo*” (Lc 23, 41). Parecia-lhe normal ter que morrer. Estava convencido de que, para ele, não havia nenhuma solução nem esperança para a salvação e recuperação neste mundo, porém recorreu a Jesus que estava sofrendo o mesmo suplício, reconhecendo em Jesus um justo que sofria pelo que não havia cometido.

Jesus não condenou o ladrão pela lei e justiça deste mundo, ao contrário, deu uma nova vida àquele que morria. “*Hoje mesmo estarás comigo no paraíso*” (Lc 23, 43). A vida de ninguém termina com a morte. O desenganado encontrou a reconciliação com Deus, através de Jesus crucificado.

6 - COMO SE REALIZOU NOSSA SALVAÇÃO

Jesus realizou de uma vez para sempre a salvação do mundo e de todos:

6.1 - Pela sua encarnação.

A prova de que Deus nos ama é que apesar de sermos pecadores, enviou-nos seu Filho “*numa carne semelhante a do pecado*” (Rm 8, 3).

Jesus, sendo de condição divina, tomou uma carne pecadora e habitou entre nós, fazendo-se semelhante a *nós em tudo, exceto no pecado*. Assumiu todas as nossas limitações, sentimentos e deficiências. Viveu plenamente nossa vida com sua grande misericórdia.

- Chorou (cf. Jo 11, 35).
- Cantou (cf. Mt 26, 30).
- Sentiu-se só e abandonado (cf. Mt 27, 46).
- Sentiu-se triste e irado (cf. Mc 3, 5).
- Encheu-se de alegria (cf. Lc 10, 21).
- Dormiu (cf. Mt 8, 25).
- Sentiu compaixão (cf. Mt 9, 36).
- Sentiu medo e angústia (cf. Mc 14, 33-34).

Enfim, fazendo-se homem, uniu em si mesmo toda a vida *humana* e toda a vida *divina*. A ruptura originada pelo pecado de nossos primeiros pais foi restabelecida pelo Deus-Homem Jesus Cristo. Jesus é o Emanuel,

Deus Conosco. Se Deus está conosco, quem poderá, então, estar contra nós? Nada pode nos separar do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo (cf. Rm 8, 31-39).

6.2 - Pela sua morte.

A morte de Jesus Cristo não foi um acidente. Ninguém lhe tirou a vida, Ele a entregou por amor a todos nós (cf. Jo 10, 18). Na cruz deu sua vida, vida de Filho de Deus, levando seu amor até as últimas consequências: a tortura e a morte na cruz. Pela sua morte deu-nos a vida eterna.

Antes de crucificarem Jesus, desnudaram-no. Tiraram-lhe a túnica e suas vestes e, assim, completamente despido, nos traz a memória a descrição da nudez de nossos primeiros pais. Em Gênesis 3,10, lemos que a primeira consequência do pecado de nossos primeiros pais foi o de sentirem-se nus, isto é, despidos da dignidade de filhos e filhas de Deus. *“Ficamos com medo porque estamos nus”*(Gn 3, 10). Ao morrer nu, Jesus carregou nosso pecado, restituindo-nos a dignidade de filhos e filhas de Deus. Assim sendo, Ele, que não tinha pecado, revestiu-se de nossos pecados, inclusive se fez pecado por nós, para que pudéssemos ser salvos nEle (cf. 2Cor 5, 21). Tomou sobre Si todos os pecados e cobriu sua nudez com o pecado do mundo. Com a morte de Jesus morreu todo o pecado:

- Com sua resistência pacífica, morreu a violência (cf. Mt 26, 51-54).
- Com sua entrega de tudo o que tinha, morreu a ganância pela riqueza e a ambição pelo poder (cf. Jo 10, 18).
- Com sua impotência nas mãos do Pai, morreu toda a segurança e autossuficiência terrenas (cf. Mc 14, 36).
- Com seu perdão, morreram o ódio, rancor e ressentimento (cf. Lc 23, 34).
- Com sua confiança, morreu todo o egoísmo (cf. Lc 23, 46).

Na cruz de Jesus morreu tudo o que não nos deixa viver como filhos e filhas de Deus. Com seu sangue fomos lavados, purificados e resgatados. Ele sofreu o castigo que nos trouxe a paz e a libertação.

6.3 - Pela ressurreição.

Ao morrer na cruz nos libertou do pecado e ao ressuscitar nos deu uma vida nova, garantiu a nossa ressurreição e vida eterna. Ressurreição não é uma volta a vida terrena, é uma vida nova, uma vida glorificada. Não mais sujeita a dor, ao espaço, ao tempo. É uma vida que não morre, não murcha, não desaparece. É eterna.

Ressuscitado, Jesus foi exaltado e glorificado por Deus, constituído Senhor e Messias, foi lhe dado todo poder no céu, na terra e ante seu nome todo joelho se dobrará (cf. Fl 2, 9-11). Portanto, Jesus está vivo, para nunca mais morrer. Ao ressuscitar, venceu nosso inimigo invisível: a morte eterna.

Desde então, tudo o mais é possível. Se um morto ressuscita, vence a morte, tudo o mais chega a ser simples: os cegos veem, os paralíticos andam, os aflitos encontram o consolo e a esperança. Abre-se uma porta para o gênero humano, uma luz brilha nas trevas. A alegria, a paz, a paciência, a compreensão, a liberdade, a justiça, a harmonia, e a misericórdia podem ser desfrutadas neste mundo, porque Jesus ressuscitou. E para ressuscitarmos com Ele, com Ele vivamos e sofram (cf. Rm 8, 12-17).

A salvação já aconteceu. Creiamos. É uma obra já realizada e consumada por Jesus. Ele morreu por nós e em nosso favor. Já ressuscitou. Creiamos em nosso coração e confessemos com nossos lábios (cf. Rm 10, 9-10).

Desde que o Filho de Deus se fez homem, Deus habitou conosco (cf. Jo 1, 1-14). Desde que Jesus ressuscitou e se sentou à direita do Pai, a humanidade está com Deus e Deus está conosco por Jesus. O céu e a terra estão unidos para sempre através da ponte que se chama Jesus.

“Bendito seja Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ele já nos abençoou com todas as bênçãos espirituais em Cristo. Já nos escolheu antes da criação do mundo para que sejamos santos em sua presença, no amor. No seu amor destinou-nos a sermos seus filhos adotivos, por Jesus Cristo. Nesse filho, pelo seu sangue, temos a libertação e nele nossas faltas foram perdoadas pela riqueza de sua graça” (Ef 1, 3-14).

7 – CRISTO, O SENHOR DO UNIVERSO

O Rei do universo, de anjos, de homens e mulheres, é, pois, em sentido estrito Cristo-Homem. Pio XI o diz em sua Encíclica sobre a realeza de Cristo: *“O título e o poder de Rei cabe em sentido próprio a Cristo-Homem. Pois, a não ser como homem, podia receber do Pai o poder e honra régia, posto que como Verbo de Deus, idêntico ao Pai em substância, não pode não ter tudo em comum com o Pai e, por isso, possuía já o poder mais absoluto sobre todas as coisas criadas Segue que Cristo não só deve ser adorado como Deus pelos anjos e homens, mas que, ainda, anjos e homens devem sujeitar-se ao poder de Cristo-Homem.*

Dessa forma Cristo-Homem é o ponto culminante de toda a obra

divina da criação e da graça. Está a testa de todo o universo como rei e tudo deve sujeitar-se ao seu poder, para que tudo, em suas mãos, seja posto como oferta agradável aos pés de Deus, como dizem as Escrituras (cf. 1Cor 15, 28). ‘Todo poder me foi dado no céu e na terra’ ” (Mt 28, 18).

REFLEXÃO

- 01 - Por que só Jesus pode nos salvar? Veja em Cl 1, 17-20 ; 2, 8-10.
- 02 - Comente como Jesus dá o verdadeiro sentido à vida humana em todas as dimensões, reconciliando-a:
- consigo mesmo (Jo 8, 3-11)
 - com os outros (Lc 19, 1-10)
 - com Deus (Lc 23, 39-43)

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Nas seguintes passagens bíblicas você encontrará quem é Jesus e qual a sua missão.

Leia e responda:

a) Por que se chama Jesus? (Mt 1,21)

b) O que disse João Batista a Jesus? (Jo 1,29)

c) O que disse o cego de Jericó a Jesus? (Lc 18,35-39)

02 - O que diz Jesus de si mesmo?

a) (Jo 10,11)

b) (Jo 6,48)

c) (Jo 14,6)

03 - Leia os textos e complete:

a) Jesus é o _____ mediador entre _____ (1 Tm 2, 5)

b) Jesus morreu _____
_____ (1 Cor 15, 3)

c) Jesus foi enviado para _____
_____ (Lc 4, 18-19)

d) Jesus veio _____
_____ (Mt 9, 13)

VIVÊNCIA

01 - Como você tem experimentado em sua vida diária a presença de Jesus?

02 - O que mais o impressiona na pessoa de Jesus?

03 - O que você tem feito na tentativa de segui-lo?

ORAÇÃO

Deus eterno e todo poderoso, que dispusestes restaurar todas as coisas no vosso amado Filho, Rei do universo, fazei que todas as criaturas, libertas da escravidão e servindo à vossa majestade, vos glorifiquem eternamente. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

14 - VIDA NOVA (DEUS ESPÍRITO SANTO, O SANTIFICADOR)

EXPOSIÇÃO

É necessário nascer de novo, pois quem não nascer do Espírito Santo não poderá ver o Reino de Deus (cf. Jo 3, 3).

É o Espírito Santo, Senhor e vivificador, quem produz em nós o novo nascimento, para a vida nova. Esta afirmação é do próprio Jesus a Nicodemos (cf. Jo 3, 1-15).

É realmente uma nova gestação. Na primeira, através de nossos pais, nascemos na carne e nos fazemos participantes da natureza humana. É necessário, entretanto, outro nascimento, pelo poder do Espírito. “*Quem nasce da carne é carne e quem nasce do Espírito é espírito*” (Jo 3, 6).

Como cristãos batizados, temos pela ação efetiva do sacramento do batismo, essa vida nova, um novo nascimento. Mas, quando jovens ou adultos, com pleno conhecimento, devemos fazer uma opção lúcida, livre e consciente pela fé que recebemos, enquanto crianças, inconscientemente.

Dizia Santo Agostinho que, quando pequenos, nossos pais e padrinhos nos emprestaram os pés para caminharmos na Igreja; o coração para crer; os lábios para confessar a fé. Mas, depois, cada um deve tomar sua própria decisão e fazer sua opção, dirigindo-se por seus próprios pés até a Igreja, crendo com seu próprio coração e confessando a fé com os próprios lábios.

Decisão é opção pessoal, livre e consciente, que se abre à experiência desse novo nascimento, de onde começa, também, a experiência de vida nova. Tudo isso é obra do Espírito Santo de Deus, que age em nós, e:

- faz-nos reconhecer que somos pecadores;
- faz-nos descobrir e reconhecer a Jesus Cristo como Salvador;
- realiza a união (comunhão) do pecador com o Salvador.

1 - FAZ-NOS RECONHECER QUE SOMOS PECADORES

Todo o processo de conversão é obra do Espírito Santo de Deus, que nos leva a reconhecer o nosso pecado e a necessidade de um Salvador, conduzindo-nos ao arrependimento.

Sem a ação reveladora do Espírito Santo, o pecador não descobre

nem reconhece seu pecado, sendo este encarado, simplesmente, como uma transgressão de um conjunto de leis meramente humanas, algumas vezes acrescido de um complexo de culpa. É imprescindível convidar o Espírito Santo para que, com sua luz, possamos descobrir e reconhecer nossos pecados e vê-los como uma atitude que rompe a amizade com Deus; como um *não* a sua presença e ação em nossa vida.

A ação do Espírito Santo nos capacita não só ao reconhecimento objetivo do pecado, mas também ao reconhecimento de uma maneira subjetiva de nossa situação de pecadores, ou seja, de necessitados de salvação, produzindo com isso, em nós, a vontade de levantarmos e caminharmos para a casa do Pai. Desperta em nós a atitude penitente.

2 - FAZ-NOS DESCOBRIR E RECONHECER JESUS CRISTO COMO SALVADOR

Sentindo no mais íntimo do nosso ser a necessidade de salvação, é o Espírito Santo quem nos faz tomar consciência de que somente Deus nos dá a salvação, dando-nos a real certeza de que fora de Deus não há salvação, ou seja, leva-nos a renunciar aos falsos deuses ou às promessas humanas de salvação, levando-nos a descobrir e reconhecer a Jesus Cristo como o único e real Salvador.

3 - REALIZA A UNIÃO DO PECADOR COM O SALVADOR

Quando o pecador reconhece e confessa seus pecados e se aproxima de Jesus para receber a salvação, é o Espírito Santo quem o leva a isto.

Não basta estarmos inteirados da multiforme ação do Espírito Santo, necessitamos, isto sim, abrir-nos a sua ação, voltar-nos para Ele, invocando-O e convidando-O a vir habitar em nós. *Vem, Espírito Santo!* É o grito que tem ecoado pelos séculos na Igreja.

É o Espírito Santo quem prepara nosso coração e é Ele quem, pela ação sacramental eficaz, seja do batismo ou da reconciliação, realiza a obra da salvação.

Abramo-nos ao Espírito Santo, tomemos consciência de que é Ele quem nos conduz para o caminho da conversão e produz em nós o novo nascimento. Todo batizado necessita da experiência da ação vivificadora do Espírito em um novo nascimento, sempre atual.

Dentro de vós colocarei meu Espírito, fazendo que obedeçais as minhas leis, sigais e observeis os meus preceitos (cf. Ez 36, 25-27).

REFLEXÃO

01 - Leia Jo 3, 1-10. O que você entende por nascer de novo?

02 - Comente as palavras de Santo Agostinho citadas no 5º parágrafo do texto.

03 - Leia 1Cel II, 3-5 e comente como São Francisco começou uma vida nova.

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Complete de acordo com o texto:

a) A decisão da pessoa em assumir a vida cristã deve ser _____
_____ e _____

b) O Espírito Santo age em nós e faz-nos _____,
_____ e _____

c) Todo o processo de _____ é obra do _____
_____ que nos _____ a reconhecer
nosso _____ e a _____

02 - Escreva uma oração de invocação ao Espírito Santo.

03 - Copie estas citações:

a) Lc 11,13

b) 1Cor 2,10

c) 2Cor 5,17

d) Jo 16,7-11

e) Ef 4,22

VIVÊNCIA

01 - Analise sua vida e veja sua resposta aos apelos do Espírito Santo. Verifique na lista abaixo os pontos já atingidos e os que ainda devem ser alcançados.

- a) Busco intensamente a Deus no dia-a-dia?
- b) Deixo-me levar pelo comodismo?
- c) Renuncio ao pecado, evitando as ocasiões de cometê-lo?
- d) Tenho espírito de sacrifício?
- e) Demonstro interesse pela Palavra de Deus?
- f) Sou perseverante na oração?
- g) Sou aberto(a) ao Espírito Santo?
- h) Confio ao Senhor a direção da minha vida?

i) Desejo alcançar a perfeição espiritual?

j) Participo intensamente das ações Litúrgicas da Igreja?

02 – “*Se vivemos pelo Espírito, andemos também de acordo com o Espírito*”
(Gl 5, 25). É esta a realidade da sua vida?

ORAÇÃO

Oh, vinde, Espírito criador, / as nossas almas visitai
enchei os nossos corações/ com vossos dons celestiais.

Vós sois chamado o intercessor/ do Deus excelso o dom sem par,
a fonte viva, o fogo, o amor,/ a unção divina e salutar.

Sois doador dos sete dons/ e sois poder na mão do Pai,
por Ele prometido a nós,/ por nós seus feitos proclamai.

A nossa mente iluminai,/ os corações enchei de amor,
a nossa fraqueza encorajai,/ qual força eterna e protetora.

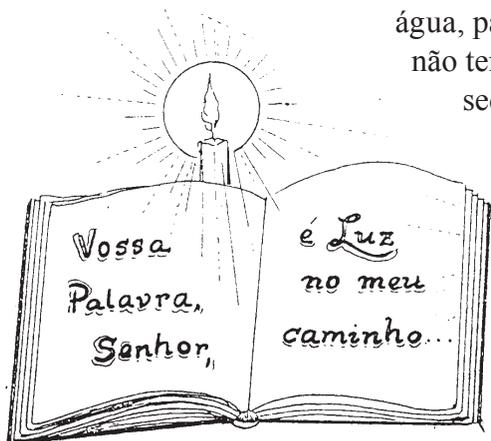
Nosso inimigo repeli/ e concedei-nos a vossa paz;
se pela graça nos guiais,/ o mal deixamos para trás.

Ao Pai e ao Filho Salvador,/ por vós possamos conhecer.
Que procedeis do seu amor/ fazei-nos sempre firmes crer.

(Devocionário Franciscano - p. 229)

“Senhor, dá-me dessa
água, para que eu
não tenha mais
sede...”

Jo 4, 15



15 - Cristologia

EXPOSIÇÃO

Cristologia, como o nome já diz, é o estudo da Pessoa de Cristo, que para nós não é outro, senão Jesus de Nazaré.

A Cristologia, como toda reflexão teológica, parte da fé e esta nos afirma que Jesus é o Cristo. Sendo assim, o ponto de partida da Cristologia é a Pessoa de Jesus.

1 - O NOME DE JESUS

O nome de Jesus significa *“Deus que salva”*. A criança nascida da Virgem Maria é chamada Jesus, *“pois Ele salvará seu povo dos seus pecados”* (Mt 1, 21). *“Não existe debaixo do céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos”* (At 4,12). O nome Cristo significa Ungido, Messias. Jesus é o Cristo, pois *“Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder”* (At 10, 38). Ele é *“aquele que há de vir”* (Lc 7, 19), o objeto da *“esperança de Israel”* (At 28, 20). O nome Filho de Deus significa a relação única e eterna de Jesus Cristo com Deus, seu Pai. Ele é o Filho Único do Pai e o próprio Deus. Crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus é necessário para ser cristão.

O nome Senhor designa a sabedoria divina. Confessar ou invocar Jesus como Senhor é crer na sua divindade. *“Ninguém pode dizer ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo”* (1Cor 12, 3).

2 – A PESSOA DE CRISTO

No tempo determinado por Deus, o Filho Único do Pai, a Palavra Eterna, isto é, o Verbo, consubstancial do Pai (possuidor da mesma substância / essência do Pai), se encarnou. Sem perder a natureza divina, assumiu a natureza humana. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade da sua Pessoa Divina. Por isso, Ele é o único mediador entre Deus e os seres humanos. Jesus Cristo possui duas naturezas: a divina e a humana, não confundidas, mas unidas na única Pessoa do Filho de Deus. Sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Cristo tem inteligência e vontade humanas, perfeitamente concordantes e submetidas à inteligência e vontade divinas, das quais Ele também é possuidor, em comum com o Pai

e o Espírito Santo. A Encarnação é, portanto, o mistério da admirável união da natureza divina e da natureza humana em Jesus Cristo.

3 – A VIDA E ATOS DE JESUS

Toda a vida de Cristo foi um contínuo ensinamento. Seus gestos, silêncios, oração, amor ao ser humano, cuidado com os pequenos e pobres, seus milagres, a aceitação do sacrifício total na cruz pela redenção do mundo e sua Ressurreição constituem o cumprimento da Revelação e a atualização da Palavra. Pela sua submissão a Maria e José, assim, como pelo seu humilde trabalho, durante longos anos em Nazaré, Jesus nos dá o exemplo da santidade na vida cotidiana da família e do trabalho. Desde o início de sua vida pública, após o batismo no Jordão, Jesus é o Servo, inteiramente consagrado à obra redentora, que se realizará pelo batismo da sua Paixão. A tentação no deserto mostra Jesus, o Messias humilde, que triunfa sobre satanás, pela sua total adesão ao desígnio de salvação querido pelo Pai. O Reino do céu foi inaugurado na terra por Cristo, que o manifestou, lucidamente, por suas palavras e obras. A Igreja é o germe e o começo deste Reino. As suas chaves são confiadas a Pedro. A entrada de Jesus em Jerusalém significou a vinda do Reino, que o Rei-Messias, acolhido na sua cidade pelos humildes de coração, vai realizar, através da Páscoa de sua morte e ressurreição.

Jesus realizou atos - como o perdão dos pecados - que demonstraram ser Ele o próprio Deus Salvador. Alguns judeus, não reconhecendo o Deus feito homem, mas vendo nEle *“um homem que se faz Deus”* (Jo 10, 33), julgaram-no blasfemador. *“Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras”* (1Cor 15, 3). A nossa salvação deriva da iniciativa de amor de Deus para conosco, pois *“foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados”* (Jo 4, 10). *“Foi Deus que, em Cristo, reconciliou o mundo consigo”* (2Cor 5, 19). Jesus ofereceu-se livremente pela nossa salvação. Este dom, Ele o significa e o realiza, por antecipação, durante a última ceia: *“Isto é meu corpo, que será dado por vós”* (Lc 22, 19). Nisto consiste a redenção de Cristo: Ele *“veio dar a sua vida em resgate por muitos”* (Mt 20, 28), isto é, amar os seus até o fim para que sejais libertados da vida fútil, que herdastes dos vossos pais (cf. 1Pd 1, 18).

Em benefício de todos, Jesus experimentou a morte. Foi verdadeiramente o Filho de Deus, feito homem, que morreu e que foi sepultado. Na

expressão “*Jesus desceu à mansão dos mortos*”, o símbolo dos apóstolos (Credo) confessa que Jesus morreu realmente e que, pela sua morte por nós, venceu a morte e tirou o poder do demônio, que reina por meio da morte (cf. Hb 2, 14b).

A fé na Ressurreição tem por objeto um acontecimento, ao mesmo tempo, histórico - atestado pelos discípulos que encontraram o Ressuscitado verdadeiramente - e, misteriosamente, transcendente, enquanto entrada da humanidade de Cristo na glória de Deus. Cristo, “*primogênito dentre os mortos*” (Cl 1, 18), é o princípio da nossa própria ressurreição, desde já, pela justificação da nossa alma e, mais tarde, pela glorificação do nosso corpo.

A ascensão de Cristo assinala a entrada definitiva da humanidade de Jesus no domínio celeste de Deus, donde voltará, mas que, até lá, o esconde aos olhos dos homens. Jesus Cristo, cabeça da Igreja, nos precede no Reino glorioso do Pai, para que nós, membros de seu corpo, vivamos na esperança de estarmos um dia, eternamente, com Ele. Tendo entrado, uma vez por todas, no santuário do céu, Jesus Cristo intercede sem cessar, por nós, como mediador, que nos garante, permanentemente, a efusão do Espírito Santo.

Cristo Senhor já reina, pela Igreja, mas ainda não lhe estão submetidas todas as coisas deste mundo. No dia do Juízo, Cristo virá, na glória, para realizar o triunfo definitivo do bem sobre o mal, Ao vir, no fim dos tempos, julgar os vivos e os mortos, Cristo glorioso revelará a disposição secreta dos corações e retribuirá a cada um(a), segundo suas obras, conforme tivermos acolhido ou rejeitado a Graça.

4 - O CRISTO DE SÃO FRANCISCO

Dizendo “o Cristo de São Francisco”, não se tem em mira um Cristo diferente do Cristo, verdadeiro e real, da fé cristã. Talvez, não haja uma ideia ou uma consideração de Cristo, que tanto se aproxime da totalidade e integridade do real, quanto o de Francisco. Outros fundadores de Ordens quiseram imitar o Cristo-Sacerdote, outros se empolgaram pelo Cristo-Pregador, outros pelo Cristo-Bom-Samaritano, outros ainda pelo Cristo-Sofredor. Em São Francisco, todos estes aspectos e outros mais tem igual importância. São Francisco foi um perfeito discípulo de Cristo em tudo: desde o pobre nascimento em Belém, à crucifixão no Calvário e à glória celeste, através da vida oculta de trabalhos e orações, bem como pela vida pública de amor ao próximo e pregação.

Com todo o fogo de seu cavalheiresco afeto, o santo seráfico adorou

seu Senhor e seu Deus, mas o cultuou, também, de um modo intenso e teologicamente exato, na humanidade de Cristo.

Francisco tem um modo muito próprio de imaginar o Cristo, de falar dEle, falar com Ele e vivê-lo em sua vida. Por isso, dizemos: “o Cristo de São Francisco”.

Francisco vive um Cristo pobre, humilde e obediente. Ele mesmo diz a Clara: *“Eu Frei Francisco, pequenino, quero seguir a vida e a pobreza de nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima e nela perseverar até o fim”* (UV, 1).

São poucos os homens, ao longo da história da Igreja, que viveram literalmente a expressão de São Paulo: *“já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”* (Gl 2,20). São Francisco viveu de maneira impressionante essa identificação com Jesus e soube expressar seu amor a Cristo:

- pela devoção ao Menino Jesus, recém-nascido (mistério da Encarnação), que se faz em tudo igual a nós, exceto no pecado;

- pela Paixão e Morte na Cruz, como expressão máxima do amor de Deus para conosco, sendo ele, por sua vez, marcado com os sinais da Paixão de Cristo (mistério da Redenção);

- pela devoção à Eucaristia, onde Cristo se esconde na modesta aparência de pão, para ficar conosco até a consumação dos séculos (mistério da Ressurreição).

Francisco se esforçava por conformar sua vida, em tudo, à do Homem-Deus. Não é só a vida do Senhor que lhe fala, mas suas palavras, sua doutrina, seus conselhos; enfim, o Evangelho. Tudo está a lhe indicar o caminho a seguir. Ele escuta a voz de Deus a mandar-lhe que siga o exemplo de Cristo e viva segundo o Evangelho de seu Filho amado. A tais alturas o elevou esta graça, que o Papa Pio XII chegou a dizer: *“Francisco, um segundo Cristo”*.

O Concílio Vaticano II ensina que Cristo está presente conosco, em sua Igreja, na Eucaristia, na pessoa do sacerdote que celebra, nos outros sacramentos, na Sagrada Escritura, onde dois ou três rezarem juntos e em cada pessoa (cf. SC 7).

São Francisco diz: *“Quando vês um pobre, ó irmão, é-te proposto o espelho do Senhor e de sua Mãe pobre”* (2Cel LII, 85,7).

REFLEXÃO

01 – O que significa para você o nome Jesus?

02 – Porque o estudo da pessoa de Cristo deve ser feito a partir da fé?

03 – Você crê que Cristo virá julgar os vivos e os mortos? Justifique

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Responda:

a) Que significa o nome Jesus?

b) Que significa o nome Cristo?

c) Que significa o nome Filho de Deus?

02 - Complete:

No tempo determinado por Deus, _____, a Palavra Eterna, isto é, o Verbo, consubstancial ao Pai (da mesma essência do Pai) , se encarnou, sem perder a _____. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade da sua Pessoa Divina. Por isso, Ele é o único _____. Jesus Cristo possui _____: a divina e a humana, não confundidas, mas unidas na _____ Pessoa do Filho de Deus, sendo _____ e _____ homem.

03 - Copie da Bíblia:

a) Mt 1, 21

b) At 4,12

c) Lc 7,19

d) At 10,38

f) At 28,20

e) 1Cor 12,3

04 - Cristo foi o centro da vida de São Francisco. Mas, ele demonstrou um especial amor a Jesus em três circunstâncias. Leia 2Cel CLI, 199-201.203; 2Cel 10-11; Ad 1 e descubra as preferências dele. Comente suas descobertas.

VIVÊNCIA

01 – Releia o trecho “*O Cristo de São Francisco*”. Compare com o “*seu*” Cristo e descubra o que há de comum entre o Cristo de Francisco e o seu.

ORAÇÃO

Oração da Carta enviada a toda Ordem

Onipotente, eterno, justo e misericordioso Deus, dai-nos a nós, míseros, por causa de vós, fazer o que sabemos que quereis e sempre querer o que

vos agrada, para que, interiormente purificados, interiormente iluminados e abrasados pelo fogo do Santo Espírito, possamos seguir os passos de vosso dileto Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e, unicamente por vossa graça, chegar a vós, ó altíssimo, que em Trindade perfeita e unidade simples viveis e reinais e sois glorificado como Deus onipotente por todos os séculos dos séculos. Amém.

(Devocionário Franciscano - p. 46 e 433)



16 - A Oração

EXPOSIÇÃO

Rezar é falar com Deus. É ter uma conversa muito amiga com o Deus que mora em nosso coração. A oração é, pois, um íntimo, afável, quente colóquio com Deus nosso Pai, por quem sabemos que somos amados.

A oração nos leva a estar com Deus, a contemplá-lo para louvar, adorar, agradecer, aceitar todos os acontecimentos em nossa vida, viver em harmonia, reconciliar-nos com tudo e com todos, para construir a paz em nosso interior.

Podemos dizer também que a oração é uma experiência de comunicação com Deus em nós, diretamente, através do próximo ou através das realidades criadas. Não se realiza apenas através de palavras, mas pode realizar-se pelos demais sentidos: o ouvido, a vista, o olfato, o gosto, o tato e a ação.

A oração deve ser compreendida e inserida na vocação integral da pessoa humana, pois ela aparece como contínua procura dessa vocação, uma constante resposta a ela e como sua realização mais perfeita neste mundo. A vocação integral da pessoa humana é ser *santo e irrepreensível diante de Deus e servir à celebração de sua glória* (cf. Ef 1, 3-14).

1 - POR QUE REZAR?

1.1 - Porque Deus é nosso Criador e Pai e nós somos simples criaturas:

- Sem Ele nada podemos fazer (cf. Jo 15, 5).
- Não podemos nos salvar. *Eu sou a tua salvação* (cf. Sl 34, 3; At 4, 12).
- *Tudo o que é bom vem de Deus* (cf. Tg 1, 17).

Neste mundo, somos como os discípulos, naquela noite, no mar de Genesaré, agitado, varrido pelas ondas contrárias. Só podemos apelar para o Senhor: “*Salvai-nos, estamos perecendo*” (Mt 8, 25).

1.2 - É preceito divino. Falando de oração Jesus utiliza os imperativos.

- “*Vigiai e orai*” (Mt 26, 41).
- “*É preciso orar em todo o tempo e não cessar*” (Lc 18, 1).
- “*Pedi... Buscai... Batei...*” (Mt 7, 7).
- “*Orai... Levantai-vos e orai*” (Lc 22, 39-46).

1.3 - Jesus nos deu o exemplo.

Ninguém pode pretender viver o Evangelho sem, tomar a sério, o que Jesus disse sobre a oração e os exemplos que deixou a este respeito:

- *“Tendo despedido as multidões, Jesus subiu ao monte, a fim de orar a sós”* (Mt 14, 23).

- *“De madrugada, estando ainda escuro, Jesus se levantou e retirou-se para um lugar deserto. E ali orava”* (Mc 1, 35).

- Rezou diante do povo: *“Pai, rendo-te graças”* ... (Jo 11, 41-42).

Nenhuma prática foi tão recomendada por Jesus como a oração.

1.4 - Os documentos da Igreja continuam a recomendar a oração.

- *“A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo orante”* (PB 933).

- *“Todos os dias devemos orar: Perdoai-nos as nossas ofensas”* (LG 40).

1.5 - Leva-nos à conversão.

“A oração deflagra em nós um processo de contínua conversão. Minha oração destrói o meu orgulho, minha inveja, minha preguiça, minha impiedade, meu egoísmo, meu rancor, minha mesquinhez, minha hipocrisia, minha inautenticidade” (Pe. Mohana).

Acreditamos que Deus pode intervir, diretamente, na marcha dos acontecimentos da vida de uma pessoa. Se assim não for, não tem sentido rezar. Se nós, criaturas, podemos modificar o curso dos acontecimentos sem transtornar as leis da natureza e sem fazer milagres, por que Deus, nosso Criador, não pode fazer outro tanto?

Sugere o bom senso que se deve admitir:

- que Deus, de fato, atua, diretamente, no mundo, com ou sem milagres;

- que Deus, conhece e ama a cada ser humano, individualmente;

- que nossa relação com Deus é, estritamente, individual.

Se assim é, então, Deus não só pode, mas de fato, intervém, diretamente, na vida da pessoa, quando esta lhe pede ou lhe permite.

2 - COMO REZAR?

Vendo Jesus sempre a rezar, um dia os discípulos pediram: *“Senhor, ensina-nos a rezar”* (Lc 11, 1). E Jesus ensinou pelo seu exemplo, parábolas e por fórmulas, como o Pai-nosso. Pelo Evangelho sabemos que a oração é poderosa; é a grande força, que está a nossa disposição, capaz de transportar montanhas (cf. Mt 17, 20). *Tudo o que pedirdes ao meu Pai em meu nome, eu o farei...* (cf. Jo 16, 23). Mas, para ser tão eficaz a nossa oração tem

que ter certas qualidades, porque podemos pedir e não ser atendidos (cf. Tg 4, 3).

Jesus nos ensinou a rezar.

2.1 - Com fé.

- *“Tudo o que pedirdes ao rezar, crede que o recebereis e vos será dado”* (Mc 11, 4).

- *“Onde está a vossa fé”* (Lc 8, 25).

- *“Filha, a tua fé te curou, vai em paz”* (Lc 8, 48).

O Evangelho está cheio de curas maravilhosas operadas por Jesus e obtidas pela fé.

2.2 - Com humildade.

- O publicano, no templo, pela sua atitude humilde - *“Ó Deus tem piedade de mim, pecador”* (cf. Lc 18, 13) - voltou para casa justificado.

- O leproso de joelhos, suplica: *“Senhor, se quiseres, poderá limpar-me”* (Mc 1, 40). Jesus não resiste a tanta humildade, compadecendo-se dele: *“Eu quero, fica limpo”* (Mc 1, 40).

2.3 - Com simplicidade e confiança.

- *Quando rezares entra no quarto, fecha a porta e reza ao Pai que está no oculto... não faleis muitas palavras... o Pai já sabe das vossas necessidades* (cf. Mt 6, 6ss).

- *“Se um filho pede um pão, que pai dentre vós vai lhe dar uma pedra? Se vós, que sois maus, sabeis dar boas coisas aos filhos, quanto mais o Pai Celeste saberá dar o Espírito Santo aos que lhe pedirem”* (Lc 11, 11-13).

2.4 - Com perseverança.

- Jesus, no Horto do Getsemani, caído por terra pede ao Pai: *“Abba, Pai, tudo é possível: afasta de mim este cálice, mas não seja o que eu quero, senão o que tu queres”* (Mc 14, 36). Depois do diálogo com os discípulos, afastou-se de novo e orou dizendo as mesmas palavras (cf. Mc 14, 39). Para demonstrar a necessidade da perseverança, Jesus contou diversas parábolas, sendo uma a do amigo, que vai pedir um pão emprestado à meia noite e insiste até conseguir (cf. Lc 11, 5-8). Vejam Lc 18, 1-5 e Mt 15, 21-28.

2.5 - Em nome de Jesus.

Nossa oração deve chegar ao Pai, por Nosso Senhor Jesus Cristo.

- *“Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes ao Pai alguma coisa*

em meu nome, Ele vo-lo dará. Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis...” (Jo 16, 23-24).

- Pedro e João curam o paralítico, à porta do Templo, em nome de Jesus. Pedro ordena. *“Em nome de Jesus Cristo Nazarenopõe-te a caminhar!”* (At3,6).

- São Paulo afirma: *“Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo”* (Rm 10, 13).

3 - FORMAS DE ORAÇÃO

3.1 - Oração individual

- Espontânea: consiste em manifestar a Deus, com nossas próprias palavras, de maneira livre e pessoal, o que desejamos, o que sentimos, o que somos.

- Formulada: serve-se de fórmulas já existentes e conhecidas.

3.2 - Oração comunitária

Oração de todos, irmãos e irmãs, que se reúnem para juntos louvarem e agradecerem ao Pai.

3.3 - Oração Litúrgica

Oração oficial da Igreja, que revive os mistérios de Cristo. Ex.: Missa, Liturgia das Horas.

4 - REZAR FRANCISCANAMENTE

Junto com o dom da conversão, São Francisco recebeu a graça da oração. Não precisava de nenhuma técnica especial para entrar em comunicação com Deus. Seu refúgio seguro era a oração, oração longa, pelo espaço empregado, proveitosa pela devoção, serena pela humildade (cf. 1Cel XXVII, 71).

Transformado não só em orante, mas na própria oração, deixava impressionados os que o observavam. Quando rezava nos lugares desertos enchia os bosques de gemidos, derramava lágrimas, batia no peito, conversava muitas vezes em voz alta com o seu Deus (cf. 2Cel LXI, 95).

5 - SÃO FRANCISCO PEDE QUE REZEMOS E ENSINA A REZAR

Na Regra não Bulada, São Francisco prescreve que *“tanto clérigos quanto leigos, rezem como devem o Ofício Divino, os louvores e as orações”* (RnB III, 3). Pedes que seus frades rezem sempre a Deus com um coração puro (cf. RB X, 10). Queria que, de maneira alguma, os trabalhos

dos frades extinguissem o espírito de oração e devoção, ao qual todas as outras coisas temporais devem servir (cf. RB V, 2-3). O mesmo ele disse a respeito dos estudos na Carta a Santo Antônio.

Esta orientação aparece expressa na Regra da Ordem Franciscana Secular: “Façam da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio agir” (Regra da OFS, 8).

Deus deve ocupar a primazia na vida. “Portanto, nada mais desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite a não ser o nosso Criador, Redentor e Salvador” (RnB XXIII, 9). “Temei e honrai, louvai e bendizeis, rendei graças, e adorai o Senhor Deus onipotente na Trindade e na Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo” (RnB XXI, 2).

“Naquele tempo, os irmãos pediram que ele os ensinasse a rezar, porque, andando na simplicidade do espírito, ainda não conheciam o ofício eclesiástico. Ele lhes disse: Quando orardes, dizei o Pai-nosso e ‘Nós vos adoramos, ó Cristo, em todas as igrejas que há em todo o mundo e vos bendizemos, porque pela vossa santa cruz remistes o mundo’ ” (1Cel XVII, 45, 1-2).

6 - CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO

A oração de São Francisco centraliza-se no Evangelho ou, mais precisamente, na pessoa de Cristo.

- É afetiva: vibra mais com o coração do que com a inteligência.
- É penitencial: está ligada ao Mistério da Encarnação e Paixão de Cristo.
- É contemplativa: maravilha-se com a grandeza e bondade de Deus, manifestada pela obra, que Ele realiza em todos os tempos e lugares.
- É espontânea e criativa: inventa-se o próprio modo de rezar. É feita de palavras simples, mas no ardor do amor. Deixa-se conduzir pelo Espírito do Senhor e sua santa operação.
- É cósmica: canta a criação como sacramento de Deus. (LM VIII, 9).
- É unida à Igreja: recomendou vivamente a celebração da Liturgia das Horas (cf. RnB III, 3).
- É equilibrada entre o trabalho e a devoção (cf. RB V, 2-3).
- É principalmente oração de louvor, adoração e agradecimento, que abrange todos e tudo (cf. Cnt).

7 - PUREZA DE CORAÇÃO

Para São Francisco um pressuposto essencial para a oração é a pureza de coração, que nos torna verdadeiros(as) adoradores(as) de Deus.

É o Espírito Santo que lhe dá capacidade de oração com o coração puro e, reciprocamente, para a pureza de coração é indispensável à oração.

São Francisco recomenda a pureza de coração: *“Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dEle os vossos corações; humilhai-vos também vós, para serdes exaltados por Ele. Portanto, nada de vós retenhais para vós, a fim de que totalmente vos receba Aquele que totalmente se vos oferece”* (Ord 28-29).

REFLEXÃO

01 - Partilhe sua experiência de oração pessoal. Responda:

- a) Qual horário e duração?
- b) Usa a Bíblia?
- c) E a oração com a Igreja?
- d) Quais são as suas devoções?
- e) De que modo: fórmulas, meditações, silêncio, espontânea,...?

02 - Leia 2Cel LXI, 95 e 1Cel XXVII, 71 e descubra como era a oração de São Francisco.

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Como Jesus nos ensinou a rezar? Justifique com citações bíblicas.

02 - Complete de acordo com o texto:

- a) A oração individual pode ser _____ ou _____

b) A oração _____ é a oração de _____, irmãos e irmãs, que se reúnem para _____ louvarem e _____ ao Pai.

c) A oração _____ é a oração _____ da Igreja, que revive os _____ de Cristo.

03 - Dê o conteúdo e as características da oração de São Francisco:

VIVÊNCIA

01 - Ao avistar ou visitar uma Igreja, adore o Senhor como São Francisco nos ensinou. Decore esta oração.

“Nós vos adoramos, Santíssimo Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro e vos bendizemos porque pela vossa Santa Cruz remistes o mundo”.

02 - Tem conseguido rezar diariamente? Medite 1Ts 5, 17-18.

ORAÇÃO

Louvores a serem ditos a todas as horas (São Francisco)

Santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo-poderoso, que é, que era e que virá:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Vós sois digno, Senhor nosso Deus, de receber o louvor, a glória, a honra e a bênção:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Digno é o Cordeiro, que foi imolado, de receber a força e a divindade, a sabedoria e a fortaleza, a honra, a glória e a bênção:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Bendigamos ao Pai e ao Filho com o Santo Espírito:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Obras todas do Senhor, bendizeis o Senhor:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Louvai o nosso Deus, vós todos, os seus servos, e vós que temeis a Deus, pequenos e grandes:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Louvem-no glorioso, céus e terra:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

E toda criatura que há no céu e sobre a terra, que há debaixo da terra e no mar e as que nele existem:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo:

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Como era no princípio agora e sempre e pelos séculos dos séculos.

Amém.

- *E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus, todo o bem, sumo bem, bem total, que unicamente sois bom, nós vos rendemos todo louvor, toda glória, toda graça, toda honra, toda bênção e todos os bens.

Assim seja. Assim seja. Amém.

(Devocionário Franciscano - p. 433 e 491)

17 - RITO DE ADMISSÃO À ORDEM FRANCISCANA SECULAR

(Rito de Admissão ao Tempo de Formação)

Convém que o Rito seja feito dentro da Celebração da Palavra, presidida pelo Assistente e, na sua falta, por um sacerdote ou pelo(a) Ministro(a) da Fraternidade. (CCGG. Ritual da OFS. Parte I, Cap.II, Introd. 2)

RITOS INICIAIS

Presidente (PR): Assistente, Sacerdote ou Ministro(a)

Assembleia (As)

Pr.: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

As.: Amém.

Pr.: Paz e Bem!

As.: Paz e Bem!

Animador(a) - O Senhor chamou-nos à forma de vida evangélica que Ele mesmo revelou a Francisco de Assis, para ser vivida em Fraternidade. Ele congregou-nos hoje para recebermos aqueles que, impelidos pelo Espírito Santo, pediram para ser admitidos na Ordem Franciscana Secular e desejam começar o Tempo de Formação, que será coroado com a Profissão. Renovemos a nossa fé no Espírito Santo e imploremos-lhe a graça de bem promovermos e conseguirmos a adequada formação destes irmãos e destas irmãs, na Fraternidade.

Pr.: Oremos

(Todos rezam por alguns momentos em silêncio)

Senhor nosso Deus, enviastes o vosso Filho Jesus Cristo para que fosse para nós caminho, verdade e vida. Concedei aos que pedem a admissão na Ordem Franciscana Secular e a todos nós, que permaneçamos atentos às palavras do Evangelho e nos façamos dóceis na sua observância. Por Cristo, nosso Senhor.

As.: Amém.

CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Animador(a) - Ouçamos a Palavra de Deus no espírito do Pai São Francisco, que assim nos exorta: *“Eu, Frei Francisco, vosso servo menor, vos rogo e vos suplico na caridade que é Deus e com vontade de beijar-vos os pés, que, com humildade e caridade, recebais, coloqueis em obras e observeis estas e outras palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo”* (2Fi, 87).

Primeira leitura: Rm 6, 3-11 *“Andemos em novidade de vida”*.

Leitura da Carta de São Paulo aos Romanos:

Irmãos, ignorais que todos nós, batizados para Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Com Ele fomos sepultados pelo batismo na morte para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também andemos em novidade de vida. Pois, se estamos inseridos no solidarismo de sua morte, também seremos no da ressurreição. Sabemos pois, que nosso velho homem foi crucificado, para que fosse destruído o corpo de pecado e já não servíssemos ao pecado. Com efeito, quem morre está livre do pecado. Se morrermos com Cristo, cremos que também viveremos com Ele.

Pois sabemos que, ressuscitado dos mortos, Cristo já não morre; a morte já não tem poder sobre Ele. Mas, vivendo, vive para Deus. Assim, pois, considerai-vos mortos para o pecado, porém vivos para Deus em Jesus Cristo.

Palavra do Senhor!

As.: Graças a Deus.

Salmo Responsorial: Sl 24(23), 1-10:

R. É assim a geração dos que procuram o Senhor.

Ao Senhor pertence a terra e o que ela encerra,
o mundo inteiro com os seres que o povoam;
porque Ele a tornou firme sobre os mares,
e sobre as águas a mantém inabalável.

R. É assim a geração dos que procuram o Senhor.

Sobre este desce a bênção do Senhor
e a recompensa de seu Deus e Salvador.
É assim a geração dos que o procuram,
e do Deus de Israel buscam a face.

R. É assim a geração dos que procuram o Senhor.

“Ó portas, levantai vossos frontões!
Elevai-vos bem alto, antigas portas,
a fim de que o Rei da glória possa entrar!”
Dizei-nos: “Quem é este Rei da glória?”
“É o Senhor, o valoroso, o onipotente,
o Senhor, o poderoso nas batalhas!”

R. É assim a geração dos que procuram o Senhor.

“Ó portas, levantai vossos frontões!
Elevai-vos bem alto, antigas portas,
a fim de que o Rei da glória possa entrar!”
Dizei-nos: “Quem é este Rei da glória?”
“O Rei da glória é o Senhor onipotente,
o Rei da glória é o Senhor Deus do universo!”

R. É assim a geração dos que procuram o Senhor.

Evangelho: Mc 1, 12-15. *“Convertei-vos e crede no Evangelho”.*

Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos.

Naquele tempo, o Espírito levou Jesus para o deserto. Esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás. Vivia com os animais e os anjos o serviam.

Depois de João ter sido preso, Jesus veio para a Galiléia. Pregava o Evangelho de Deus, dizendo: “Completaram-se os tempos, está próximo o reino de Deus, convertei-vos e crede no Evangelho”.

Palavra da Salvação!

As.: Glória a Vós, Senhor!

(O presidente faz uma breve homilia. De acordo com as circunstâncias, pode convidar os irmãos a partilharem as palavras do Evangelho).

(Terminada a Liturgia da Palavra, tem lugar o Rito da Admissão.)

RITO DA ADMISSÃO

CHAMADA E INTERROGAÇÃO DOS(AS) INICIANDOS(AS)

(O(a) Ministro(a) coloca-se junto ao altar ou à mesa em lugar apropriado).

(O(a) Mestre(a) de Iniciandos(as) chama os(as) que foram aceitos pelo Conselho para se apresentarem diante do(a) Ministro(a) da Fraternidade).

MESTRE(A) - Foram estes os Iniciandos (estas as Iniciandas), que pediram a admissão para o Tempo de Formação ao Conselho da Fraternidade:

(Enumera os nomes).

(Ouvindo seu nome, o(a) Iniciando(a) levanta-se, exprimindo assim a sua prontidão).

MINISTRO(A) - Irmãos e irmãs, podeis fazer o vosso pedido.

(Os(as) candidatos(as) expressam o desejo de ingressar na Ordem Franciscana Secular).

INICIANDOS(AS) – Irmãos e irmãs, nós aqui presentes, pedimos a admissão nesta Fraternidade da Ordem Franciscana Secular, para vivermos, com maior cuidado e diligência, a graça e a consagração batismais e para seguirmos a Jesus Cristo, segundo a doutrina e o exemplo de São Francisco de Assis. Por isso, fazemos o propósito de, em nosso estado de vida, servir à glória de Deus e de realizar o seu plano de amor para com os homens.

MINISTRO(A) - A Fraternidade aceita o vosso pedido com grande alegria. Por isso, eu vos recebo para que iniciéis o Tempo de Formação e de experiência.

Pr.: A Igreja e a família Franciscana recebem e confirmam a vossa generosa disposição. O Senhor vos conceda a perseverança neste propósito para serdes fermento de vida evangélica no meio do mundo.

As.: Amém. Graças a Deus!

INSCRIÇÃO

MINISTRO(A) - Convido o(a) Irmão(ã) Mestre(a) de Formação para tomar a assinatura de cada um de vós no livro de Registros do Tempo de Formação. Desde agora ele(a) se responsabilizará pela vossa formação e adequada preparação para o compromisso de vida evangélica.

ENTREGA DO EVANGELHO E DA REGRA

(Entregando o Evangelho, o(a) Presidente diz:).

Pr.: Irmão(ã), a Regra e a vida dos Franciscanos Seculares é esta: Observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o exemplo de São Francisco de Assis.

(O(a) formando(a) recebe o livro dos Evangelhos e o beija)

(Entregando a Regra, o(a) Ministro(a) acrescenta).

MINISTRO(A) : Faze de Cristo o inspirador e o centro de tua vida com Deus e com os homens.

(O(a) formando(a) recebe a Regra e a beija)

PRECES

Pr.: Irmãos e irmãs, rezemos ao Senhor onipotente para que confirme nestes seus servos e servas o que operou pela graça de sua vocação.

1. Para que possamos viver com alegria a nossa vocação franciscana, rezemos ao Senhor.

As.: Senhor, atendei a nossa prece.

2. Por estes novos irmãos e irmãs, que o Senhor nos concede, para que Ele os(as) faça felizes, vivendo com alegria sua vocação franciscana, rezemos ao Senhor.

3. Para que possamos seguir São Francisco, vivendo como irmãos e irmãs, em Fraternidade, rezemos ao Senhor.

4. Para que possamos dar exemplo de alegria franciscana, de paz, simplicidade e de desapego dos bens materiais, rezemos ao Senhor.

5. Para que nos sintamos felizes em sofrer por Cristo, a exemplo de São Francisco, rezemos ao Senhor.

6. Para que tenhamos um grande amor a Jesus “*pobre e crucificado*”, a exemplo de São Francisco, rezemos ao Senhor.

7. Pelos nossos irmãos e irmãs franciscanos falecidos, para que contemplem a face do Senhor, na glória do céu, rezemos ao Senhor.

Pr.: Acolhei, ó Pai, estes pedidos que vos fazemos pela intercessão de São Francisco. Por Cristo nosso Senhor.

As.: Amém.

GESTO DE ACOLHIDA

MINISTRO(A) - Irmãos e irmãs, com grande alegria, a Fraternidade promete que vos ajudará, no vosso itinerário, com a amizade, com a oração e com o testemunho de vida. Da vossa parte, enriquecei, em número e em virtude, a nossa Fraternidade, com a vossa presença e com a vossa comunhão. Sejam bem-vindos e bem-vindas!

(Todos podem bater palmas)

RITOS FINAIS

Pr.: O Senhor vos abençoe e vos guarde.

As.: Amém.

Pr.: O Senhor vos mostre a sua face e se compadeça de vós.

As.: Amém.

Pr.: O Senhor volte o seu rosto para vós e vos dê a paz.

As.: Amém.

Pr.: O Senhor vos abençoe, o Pai e o Filho e o Espírito Santo.

As.: Amém.

Pr.: Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

As.: Graças a Deus.

01 - Um Pouco da Nossa História

EXPOSIÇÃO

A ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Ao estudar a História Franciscana vemos que Francisco e seus companheiros se apresentam como Penitentes de Assis, antes da aprovação pontifícia da sua Regra. (LTC 37, 7).

Sabemos que os agrupamentos de penitentes já existiam antes de Francisco. Alguns grupos praticavam uma religiosidade herética, viviam dispersos e afastados da Igreja. Outros eram acolhidos no seio da Igreja como Ordem dos Penitentes sob a direção espiritual de Ordens religiosas.

Os Penitentes eram cristã(o)s que se comprometiam a uma vida de conversão, que os(as) levava a uma série de renúncias e isenções, ao uso de um hábito penitencial, além de um rigor maior que os cristã(o)s comuns quanto aos jejus e frequência aos sacramentos.

Os Papas Inocêncio III e Honório III, sob a influência do Cardeal Hugolino, dão aos penitentes uma coerência maior e até uma personalidade canônica definida. Ao mesmo tempo, procuravam imunizá-los contra as heresias. Na verdade, este movimento penitencial estava adquirindo maior vigor sob a influência de Francisco e seus companheiros.

O(A) cristã(o) secular daquele tempo aspirava a um cristianismo mais radical e é, precisamente, essa nota de *secularidade*, que distingue os penitentes, com a marca “franciscana”, dos outros.

A Legenda dos Três Companheiros diz que “*também os casados, homens e mulheres, não podendo afastar-se da lei matrimonial, por conselho salutar dos irmãos menores, se comprometeram a mais estrita penitência em suas próprias casas*” (LTC 60, 7).

A primeira redação do *Memorial do Propósito* é considerada como a primeira Regra da Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência e orientava todos(as) os(as) penitentes. É considerada obra de Hugolino. Ela começa assim: “*Este é o memorial sobre a vida dos Irmãos e Irmãs da Penitência, que continuam vivendo em suas próprias casas*”. Data de 20 de maio de 1221.

Em 1230, Gregório IX (1227-41) (ex-Cardeal Hugolino), chamou-nos,

oficialmente, de Terceira Ordem de São Francisco e, em 1238, escreve à Bem-aventurada Inês da Boêmia e fala das três Ordens fundadas por São Francisco: a dos Irmãos Menores, a das Irmãs Reclusas e a dos Penitentes. Vejam que ele foi cardeal protetor da Ordem dos Frades Menores, portanto sabia do que estava falando.

Vemos em Fioretti 16 que, após Francisco pregar no castelo de Savurniano, os habitantes do lugar ofereceram-se para segui-lo. Contudo, o santo os conteve dizendo-lhes: “*Não tenhais pressa e não partais; ordenarei o que deveis fazer para a salvação de vossas almas. E então pensou em criar a Ordem Terceira para a universal salvação de todos*”.

Sem dúvida Francisco não inventou e nem fez aprovar, pela Santa Sé, a Ordem da Penitência (quem cuidou da aprovação da Regra foi o Cardeal Hugolino), mas sua decisiva influência, ao impulsionar o movimento penitencial, sua ação normativa e orientadora de um projeto de vida evangélica secular, é clara. Historiador algum põe isso em dúvida. Alguns consideram que a Carta aos Fiéis, escrita por São Francisco, é uma exortação aos Irmãos e Irmãs da Penitência e, se assim for, ela é o melhor testemunho da consciência de fundador que o santo tinha (cf. LM IV, 6, 1).

Aos poucos, as várias Fraternidades foram se unindo e, após 1257, já celebravam Capítulos Gerais. Estavam organizadas em províncias, governadas por ministros provinciais e se espalhavam por toda a Europa.

Em 1284, o Visitador, frei Caro de Florença, compôs uma Regra, que o Papa franciscano, Nicolau IV, impôs a todos os Irmãos e Irmãs da Penitência. No dia 18 de agosto de 1289, com a Carta Apostólica *Supra Montem* reconhecia São Francisco como fundador da Ordem da Penitência e dispunha que todos os *visitadores e formadores* deviam ser dos Irmãos Menores. Assim, a Ordem da Penitência ficou definitivamente ligada a Ordem Primeira.

Em nada se apresenta tão bem a grandeza do movimento franciscano, no século XIII, como na propagação e importância alcançada pela Ordem da Penitência. O ideal evangélico, mensagem de amor e paz, santifica a vida familiar, o trabalho, irmanando, num plano de igualdade cristã, o rei e o vassalo, o nobre e o plebeu, o letrado e o artesão. As diferenças sociais são esquecidas em favor de um único ideal: *a vivência evangélica*. Tinham consciência de pertencerem a uma milícia de âmbito universal, a uma Ordem, com privilégios e isenções.

Em primeiro lugar vinha a isenção que se relacionava com o “juramento

de fidelidade” ao senhor feudal ou ao prefeito do município, privilégio de grande importância na estrutura daquela sociedade fundada nas relações de benefício e vassalagem. O juramento de fidelidade levava consigo a obrigação de pegar em armas em favor do senhor ou do município. Junto com esta isenção ia o afastamento de certos cargos públicos que se julgavam incompatíveis com a situação religiosa dos penitentes.

A eficácia da Ordem vinha da santidade de seus membros e do elevado grau dos seus ideais. A prova mais eloquente nos oferece a lista esplêndida dos santos de todas as classes e profissões que cingiram o cordão franciscano nos três primeiros séculos.

No século XV, alcança grande difusão na Espanha e Portugal e em seus domínios. Também alcança o Japão e as Filipinas.

Nos séculos XVI e XVII, a Ordem Terceira se torna moda aristocrática, apresentando uma lista brilhante de pessoas ilustres.

No século XVIII, a Ordem Terceira foi duramente atingida com a supressão da Ordem decretada por José II, Napoleão e outros. Com o sectarismo radical da Revolução Francesa, a Ordem viu seus bens nacionalizados e muitos terceiros pagaram com a vida ou a prisão sua fidelidade à Igreja. Na Espanha e Itália também foram atingidos, mas continuaram vivendo adaptados aos novos tempos e, posteriormente, se reorganizaram, começando vida nova.

Na segunda metade do século XIX, a Ordem Terceira ressurgiu com nova força, fazendo uso da imprensa, com personalidades insígnies em suas fileiras e muitos santos.

O Papa Leão XIII, com a Carta Apostólica *Misericors Dei Filius*, promulgou uma nova Regra, em 1884. Ele colocou na Ordem Terceira suas esperanças e exortou, calorosamente, que a propagassem por toda parte. E, novamente, a nossa Ordem floresceu.

Em 1966, a Sagrada Congregação dos Religiosos concedeu à Ordem Terceira a possibilidade de *por-se em dia*. A partir daí, os próprios terceiros começaram a assumir a sua renovação e a se colocarem dentro do espírito do Concílio Vaticano II, que revalorizou o papel do(a) leigo(a) na Igreja.

No Brasil, a partir de 1972, foi criada uma única OFS, com um único Conselho em nível nacional e os diferentes Conselhos Regionais e Locais. Não se falava mais nas várias obediências, mas numa só Ordem Franciscana Secular.

Isto só foi possível graças ao trabalho pioneiro do inesquecível Frei Mateus Hoepers OFM, que, por dez anos, conduziu os trabalhos, que culminaram na unificação.

Entre os seculares o grande expoente da renovação da nossa Ordem é o irmão Paulo Machado da Costa e Silva, que, enquanto membro do Conselho Nacional, participou, desde a elaboração da Regra até a reforma das nossas Constituições Gerais, colaborando, ativamente, com a OFS em todos os níveis.

O acontecimento máximo da renovação da OFS foi o surgimento da Regra renovada, confirmada por Paulo VI, em 24 de junho de 1978. Esta Regra foi elaborada pelos franciscanos seculares de todos os países. É um texto breve, simples, profundamente evangélico e legitimamente franciscano, tendo como característica principal, além da vida de penitência, a *secularidade*. Desde então, a Ordem Terceira passou a chamar-se Ordem Franciscana Secular. *Amai, estudai e vivei esta nova Regra*, é a recomendação que nos faz o Papa João Paulo II.

REFLEXÃO

- 01 – Quem eram e a que se comprometiam os Penitentes?
- 02 – Você vê no mundo de hoje a necessidade de Penitentes?
- 03 – De que modo vamos fazer penitência hoje?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Complete de acordo com o texto:

a) O(A) cristã(o) secular daquele tempo aspirava a um _____ mais radical, e é precisamente essa nota de “ _____ ” que distingue os penitentes com a marca “ _____ ” dos outros.

b) A Legenda dos Três Companheiros diz que se tratava de homens e _____, que não podendo afastar-se das leis do matrimônio, _____ a uma vida de _____ em suas casas, sob a orientação dos Irmãos Menores. (LTC 60, 7).

c) Vemos em Fioretti 16, que após Francisco pregar no castelo de Savurniano, os habitantes do lugar ofereceram-se todos para _____. Contudo, o santo os conteve dizendo-lhes: “*não tenhais _____ e não partais; ordenarei o que deveis fazer para _____ de vossas almas. E, então, pensou em criar a _____ para a universal salvação de todos*”.

02 - Responda:

a) Qual era o conteúdo da mensagem do movimento franciscano no século XIII?

b) De onde vinha a eficácia da Ordem?

c) Em que data e quem aprovou a última Regra da Ordem Franciscana Secular?

VIVÊNCIA

01 – Procurar conhecer, com mais profundidade, a história da OFS.

ORAÇÃO

Espírito de amor, que tudo em nós seja em grande escala: a busca da verdade e a devoção a ela; a prontidão para o sacrifício de nós mesmos, até a cruz e a morte. Tudo, finalmente, seja segundo a última oração do Filho

ao Pai Celeste e segundo o vosso dom, ó Espírito Santo de amor, que o Pai e o Filho desejaram que fosse derramado sobre toda a Igreja, sobre as almas de homens e mulheres, sobre todas as nações. Amém.



02 - Os Mandamentos de Deus e da Igreja

EXPOSIÇÃO

Imagine-se numa estrada escura, sem indicação do caminho a seguir. Essa era a situação da humanidade até, aproximadamente, 1250 anos antes do nascimento de Cristo. Para auxiliá-lo, nessa longa estrada, contava apenas com os faróis de sua consciência, como placas e indicadores do trajeto. Embora, por sermos imagem e semelhança de Deus, contemos com consciência, capaz de discernir e escolher qual caminho seguir, esta se apresenta, muitas vezes, obscurecida pelo pecado.

Para fortalecer a lei natural, já plantada na consciência humana, Deus enviou para a humanidade um auxílio, ou seja, tornou a lei natural, que a natureza humana já continha em si, uma norma positiva, revelando a Moisés, no Monte Sinai, o *Decálogo ou Dez Mandamentos*.

Antes de ser um peso sobre os ombros dos homens e mulheres, a Lei é dom de amor de um Pai ansioso por ver seus filhos e filhas no caminho reto e seguro da eterna felicidade (cf. CIC 2070 a 2072).

“*Se queres entrar para a vida, guarda os mandamentos*” (Mt 19, 17). O caminho da luz passa pela observância dos mandamentos, porque significa conformar nossa vontade à de Deus; significa realizar em nós o fim último de nós mesmos, ou seja, o *Amor*. O amor que é o próprio Deus. “*Aquele que guarda os meus mandamentos permanece em Deus e Deus nele*” (1Jo 3, 24).

Jesus veio não para revogar a Lei, mas para confirmá-la e aperfeiçoá-la (cf. Mt 5, 17). Cristo resume toda a lei num grande mandamento: “*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*” (cf. Mt 22, 34-40).

Em Ex 20, 1-17 e Dt 5, 1-21, encontramos o texto dos Mandamentos da Lei de Deus. Por razões didáticas e para melhor compreensão, a Igreja usa de sua atribuição de ensinar e zelar pelo bem do povo de Deus, tornando o texto mais acessível, sem contudo, alterar-lhe o conteúdo, para que possamos entender e viver melhor essa proposta de amor (cf. CIC 2068).

Passaremos, agora, a ver cada um desses mandamentos. É importante ter em mente, que conhecer é comprometer-se, comprometer-se em edificar o Reino de Deus aqui e agora.

1 - OS MANDAMENTOS DE DEUS

1.1 - Amar a Deus sobre todas as coisas - (1º Mandamento).

Como criaturas devemos glorificar e adorar o nosso Criador, pois por obra dEle existimos. Sem o imenso amor de Deus não seria possível estar aqui, pois é nEle que vivemos, nos movemos e existimos (cf. At 17, 24-28). Ele é a causa única, verdadeira e eterna do nosso existir, por isso devemos adorá-IO.

Do texto de Dt 5, 6-9, podemos perceber que o primeiro mandamento se dividia em três, cujo núcleo gira em torno da idolatria. A idolatria consiste em prestar culto e adorar falsos deuses. É precisamente isso que Deus proíbe, porque só Javé é Deus e não existe outro, senão aquele que é a causa em si de tudo o que existe. São Francisco dizia: “*Meu Deus e meu Tudo*”, não poderia dizê-lo se não tivesse em consciência a existência de um Deus único, visto que se existissem outros deuses, teria de dizer: Minha parte do tudo.

Deus não precisa de nosso louvor e de nossa adoração, mas por amor e para não nos deixar na ignorância, o aceita. Deus se revela como a grande e única Verdade. Adorar outros deuses é permanecer na mais obscura ignorância. Deus é a verdade, não pode conviver com a mentira. Qualquer outro Deus que criarmos, será nossa criação e não nosso Criador. Às vezes, essa nossa criação se torna tão grande a ponto de nos esmagar. Quando Deus proíbe a construção de imagens, fala precisamente desses deuses construídos por nós e que sufocam o amor e a fraternidade. Nos dias atuais, muitas pessoas prestam cultos a deuses falsos: dinheiro, poder, prazer, artistas, objetos, etc.. Todo sistema injusto se apoia na mentira e acaba por entronizar falsos deuses, deuses que ajudam a perpetuar a injustiça e a opressão, porque conservam a ignorância.

Falamos, hoje, a palavra adorar em vários sentidos. Por exemplo, adoro sorvete, adoro passear, etc, mas, em sentido estrito e teológico, adoramos somente a Deus. Aos santos damos o culto de *dulia* (veneração). Maria cultuamos com a *hiperdulia* (maior veneração). E ao Deus Uno e Trino adoramos (*latría*).

1.2 - Não tomar seu santo nome em vão - (2º Mandamento).

O segundo mandamento manda respeitar o nome do Senhor. Ele “*pertence, como o primeiro mandamento, ao âmbito da virtude da religião e regula mais particularmente o uso que fazemos da palavra nas coisas santas*” (CIC 2142).

Entre todas as palavras da Revelação há uma, singular, que é a revelação do nome de Deus. Deus confia seu nome àqueles que creem nEle e se revela a eles no seu mistério pessoal. O dom do nome pertence à ordem da confiança, da intimidade. *“O nome do Senhor é santo”. Eis porque o homem não pode abusar dEle. Deve guardá-LO na memória num silêncio de adoração amorosa. Não fará uso dEle a não ser para bendizê-LO, louvá-LO e glorificá-LO”*(CIC 2143).

Nós, cristãos e cristãs, devemos respeito ao nome de Deus. Não apenas ao vocábulo, mas também ao próprio Ser e a Sua ação no mundo. Não quer Deus que o deixemos de invocar, mas lhe é devida a reverência própria de quem ama e quer bem ao amado. Ele mesmo diz: *“Invoca-me no dia da tribulação. Eu te salvarei, e tu me darás glória”* (Sl 50(49), 15).

Além do respeito ao nome de Deus, de Jesus Cristo, de Maria e dos santos, devemos honrar o nome de Deus, cumprindo os juramentos, votos e promessas feitos com reta intenção. Jurar por Deus ou pelas coisas sagradas significa tomá-los por testemunha, o que supõe verdade e justiça. No voto, fazemos uma deliberada promessa a Deus, particular ou pública, de um bem possível e melhor para nossa edificação.

Um pecado grave contra o segundo mandamento é a blasfêmia, ou seja, as palavras de ódio, ofensa, desafio, desprezo ou maldição contra Deus e as coisas sagradas (cf. CIC 2146-2149).

Veja o pensamento de São Francisco a respeito do nome de Deus. *“Os santíssimos nomes e palavras dEle escritos, se por acaso eu os encontrar em lugares inconvenientes, quero recolhê-los e rogo que sejam recolhidos e colocados em lugar honesto”* (Test 12).

1.3 - Guardar domingos e festas de guarda - (3º Mandamento).

Lembra-te do dia do sábado para santificá-LO. *“Trabalharás durante seis dias, e farás todas as tuas obras. O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nenhum trabalho”* (Ex 20, 9-10).

O agir de Deus é o modelo do agir humano (cf. CIC 2172). *“Este será um sinal perpétuo entre mim e os israelitas, porque o Senhor fez o céu e a terra em seis dias e no sétimo dia Ele cessou de trabalhar e descansou”* (Ex 31, 17). Se Deus descansou no sétimo dia, também nós devemos descansar e deixar que os outros descansem. *“Durante seis dias, farás o teu trabalho, mas no sétimo descansarás, para que descansem o teu boi, o teu jumento e respirem o filho de tua escrava e o estrangeiro”* (Ex 23, 12). *“O sábado faz*

cessar os trabalhos cotidianos e garante uma pausa. É um dia de protesto contra as escravidões do trabalho e o culto do dinheiro” (CIC 2172).

Já dissemos que a criatura deve render graças ao Criador por sua imensa bondade ao tê-la criado, é justo, pois que se dedique um dia por semana ao Criador. Deus em sua imensa bondade nos oferece a oportunidade.

A santificação do domingo, ao invés do sábado, foi instituída pelos apóstolos, porque foi no domingo que o Senhor Jesus ressuscitou e, também, no domingo aconteceu Pentecostes. Outro motivo é que domingo é a primícia da semana (cf. CIC 2174 e 2175).

Não devemos trabalhar aos domingos, se isto não é necessário a nossa sobrevivência. Reservemos este dia e também os dias santos de guarda, para irmos à igreja, participarmos ativamente da santa missa, fazermos leituras espirituais e trabalhos de caridade. A Constituição *Sacrossanctum Concilium* exorta os pastores a que instruam cuidadosamente os fiéis sobre a obrigação de participarem da missa inteira, sobretudo nos domingos e festas de guarda.

São dias de festa de guarda ou de preceito no Brasil, por determinação do Episcopado Brasileiro (CNBB), o Natal, Santa Mãe de Deus e Ano Novo, Santíssimo Corpo de Cristo e a solenidade da Imaculada Conceição de Maria.

1.4 - Honrar pai e mãe - (4º Mandamento).

“Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá” (Ex 20, 12).

“O quarto mandamento dirige-se expressamente aos filhos e filhas, em suas relações com seu pai e sua mãe, porque esta relação é a mais universal. Diz respeito também às relações de parentesco com os membros do grupo familiar. Manda prestar honra, afeição e reconhecimento aos avós e aos antepassados. Estende-se, enfim, aos deveres dos alunos para com seu professor, dos empregados para com seus patrões, dos subordinados para com seus chefes, dos cidadãos para com os que administram ou governam sua pátria. Este mandamento implica e subentende os deveres de: pais, tutores, professores, magistrados, governantes e todos os que exercem uma autoridade sobre os outros ou sobre uma comunidade de pessoas” (CIC 2199).

“Os pais, por terem dado a vida aos filhos, contraem o dever gravíssimo de educar a prole. Por isso, hão de se considerar como seus primeiros e

principais educadores ... Pertence a eles criar um ambiente de família tal, animado pelo amor e dedicação a Deus, que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos” (GE 3).

“... como membros vivos da família, os filhos colaboram, a seu modo, para a santificação dos pais. De coração agradecido, haverão de retribuir com piedade e confiança os benefícios que deles receberam e os assistirão, como convém a filhos, na adversidade e na solidão da velhice” (GS 48).

“A observância do quarto mandamento acarreta sua recompensa: ‘Honra teu pai e tua mãe para teres uma longa vida na terra, que o Senhor Deus te dá’. (Ex 20, 12; Dt 5, 16). O respeito a esse mandamento alcança os frutos espirituais e os frutos temporais de paz e prosperidade. Ao contrário, a não observância desse mandamento acarreta grandes danos para as comunidades e para as pessoas” (CIC 2200).

1.5 - Não matar - (5º Mandamento).

“A vida humana é sagrada, porque, desde a sua origem, ela encerra a ação criadora de Deus e permanece, para sempre, numa relação especial com o Criador, seu único fim. Só Deus é o dono da vida, do começo ao fim; ninguém, em nenhuma circunstância, pode reivindicar para si o direito de destruir diretamente um ser humano inocente” (CIC 2258).

A ninguém é lícito tirar a vida de outrem, a não ser em defesa da própria vida ameaçada. *“O amor a si mesmo permanece um princípio fundamental da moralidade. Portanto, é legítimo fazer respeitar o próprio direito à vida. Quem defende sua vida não é culpado de homicídio, mesmo se for obrigado a matar o agressor” (CIC 2264).*

Nossa sociedade atual cria várias situações de morte, seja pelo desemprego, seja pela humilhação dos mais pobres nas filas do SUS, entre outras. Matar não é só homicídio, aborto, eutanásia, mas também as injúrias, as ofensas e todos os atos que diminuem a outra pessoa em sua dignidade de ser criado à imagem e semelhança de Deus. Por isso, a sociedade também mata, quando discrimina, segrega e impede alguém de viver. É o pecado na dimensão social, como resultado do pecado individual e das situações de pecado criadas por cada um de nós.

Matar a vida espiritual do próximo pelo nosso mau exemplo, omissão, maus conselhos e escândalos implica em desrespeitar este mandamento (cf. CIC 2284 a 2287). A satisfação desenfreada dos próprios prazeres, à custa

da própria saúde e bem estar, através dos tóxicos, da luxúria e dos vícios atenta contra o quinto mandamento (cf. CIC 2288 a 2291).

Para cumprir integralmente o quinto mandamento é preciso amar incondicionalmente o próximo como ensina Jesus. “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*” (Jo 13, 34).

1.6 - Não pecar contra a castidade - (6º mandamento).

A tradição da Igreja ampliou o conceito do sexto mandamento, originalmente “*Não cometerás adultério*” (Dt 5, 18), para *não pecar contra a castidade*, atingindo todos os atos pessoais ou externos contra a pureza. Também desdobrou o nono mandamento, para atingir os atos internos e relativos ao matrimônio, separando a primeira parte do mandamento num outro mandamento (cf. Ex 20, 17).

Deus nos criou a sua imagem e semelhança, homens e mulheres, seres iguais na dignidade de filhos de Deus e na semelhança com o Pai. Homem e mulher têm dons complementares, que devem ser vividos com amor. O sexo, longe de ser uma coisa suja, deve ser a expressão mais pura e bela do amor concreto, vivido não só num plano espiritual ou platônico, mas no próprio plano físico e psíquico. Assim, o lar deve ser o ambiente especial para vivência plena desse amor em todos os planos. Para legitimar o lar temos o matrimônio, sinal da graça de Deus para aqueles que cooperam na grande obra do amor e da criação.

O sexo vivido fora dessa dimensão divina e humana torna-se, tão somente, fruto de prazer físico, insuficiente para realizar o ser humano plenamente. O ser humano tem necessidade de realizar-se como ser total, imagem do amor de Deus. Todo pecado contra a castidade será, quase sempre, um pecado contra o amor.

Pelo sexto mandamento devemos ser puros em nossas atividades diárias, nos nossos gestos e nas palavras, sem a malícia de querer um prazer desordenado. Fora do matrimônio o sexo será sempre incompleto, seria reduzir o amor, reduzi-lo aos estritos limites da posse. Portanto, fora do matrimônio é ilegítima e ilícita a prática sexual (cf. Mt 5, 28; 1Cor 6, 15-20).

Sabemos da dificuldade de guardar o sexto mandamento numa sociedade erotizada e pornográfica, mas Pio XII, em sua encíclica *Sacra Virginitas* nos dá alguns conselhos úteis.

São meios naturais:

a) evitar o ócio e as oportunidades de pecado;

- b) a mortificação dos sentidos;
- c) cultivar o pudor;
- d) cultivar a humildade e outras virtudes.

São meios sobrenaturais:

- a) a oração frequente,
- b) a confissão e comunhão frequentes;
- c) a devoção sólida e fervorosa a Santa Virgem Maria, etc.

“Todo batizado é chamado à castidade. O(A) cristão(o) ‘se vestiu de Cristo’ (cf. Gl 3, 27), modelo de toda castidade. Todos(as) os(as) discípulos(as) de Cristo são chamados(as) a levar uma vida casta segundo o seu específico estado de vida. No momento do batismo, o(a) cristão(ã) se comprometeu a viver sua afetividade na castidade” (CIC 2348).

1.7 - Não furtar - (7º mandamento).

É permitido ao ser humano a posse e o domínio dos bens terrenos. Vejamos Gn 1, 26. *“E que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu...”*. Mas, Deus condiciona a posse dos bens terrenos à realização integral do homem à sua imagem e semelhança. Devem os bens contribuir para a estabilidade e a segurança na busca do amor. Quando o homem dá outra destinação aos bens, surge a pobreza, decorrência natural do desequilíbrio causado pelo acúmulo de poucos em detrimento da miséria de muitos. Não é isso que Deus quer.

O direito de propriedade particular pertence à Lei Natural. A propriedade é necessária à autonomia da pessoa e da família na promoção do bem comum (cf. GS, 71).

“O sétimo mandamento proíbe tomar ou reter injustamente os bens do próximo ou lesá-lo, de qualquer modo, nos mesmos bens. Prescreve a justiça e a caridade na gestão dos bens terrestres e dos frutos do trabalho dos homens e mulheres. Exige, em vista do bem comum o respeito à destinação universal dos bens e ao direito de propriedade privada. A vida cristã procura ordenar para Deus e para a caridade fraterna os bens deste mundo” (cf. CIC 2401).

“O sétimo mandamento manda respeitar a integridade da criação ... O domínio dado, pelo Criador, ao ser humano sobre os seres inanimados e os seres vivos não é absoluto; é medido, através da preocupação pela qualidade de vida do próximo, inclusive das gerações futuras; exige um respeito religioso pela integridade da criação” (cf. CIC 2415).

Não basta a confissão para o perdão de pecados contra esse mandamento, é necessário, também, reparar o dano causado (cf. CIC 2412).

1.8 - Não levantar falso testemunho - (8º Mandamento).

“O oitavo mandamento proíbe falsear a verdade nas relações com os outros. Essa proibição moral decorre da vocação do povo santo a ser testemunho de seu Deus, que é e quer a verdade. As ofensas à verdade exprimem, por palavras ou atos, uma recusa de abraçar a retidão moral: são infidelidades fundamentais a Deus e, neste sentido, minam as bases da Aliança” (CIC 2464).

A verdade é o objeto desse mandamento. A verdade, como fonte de libertação, de vida nova, anunciada por Jesus, caminho, verdade e vida. Jesus ensina aos seus discípulos o amor incondicional à verdade. *“Seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não”* (Mt 5, 37).

A honra e a boa fama de cada indivíduo criam nele o saudável bem-estar de criatura digna da semelhança com Deus. Destruir esse sentimento de amor próprio e auto-estima significa matar, muitas vezes, a própria vontade de salvar-se, condenando o outro à perdição.

“O respeito à reputação das pessoas proíbe qualquer atitude e palavra capaz de causar um prejuízo injusto” (CIC 2477). A maledicência, o juízo temerário e a calúnia são atos contra este mandamento.

“A mentira consiste em dizer o que é falso com a intenção de enganar”. (CIC 2482). A mentira mata tanto quanto qualquer arma.

Nesse mandamento, Deus quer restabelecer o amor à verdade, como raiz da confiança entre os homens, geradora do diálogo, como construtora de uma nova sociedade fraterna e sem mentiras.

Ao levantar falso testemunho estamos escondendo os mais mesquinhos interesses pessoais, já por si, condenáveis.

A gravidade desses pecados está no dano causado à imagem do outro. Quando manchamos sua imagem maculamos a do próprio Deus que o(a) criou à sua imagem e semelhança.

Devemos, na medida do possível, interpretar bem os atos de nossos irmãos, nos limites da verdade, na busca incessante da verdade, que nos liberta.

Por que reparais o cisco do olho do(a) irmão(ã) e não vedes a trave que está no vosso (cf. Mt 7, 3).

1.9 - Não desejar a mulher do próximo - (9º mandamento).

“Não cobiçarás a casa de teu próximo, não desejarás sua mulher, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo” (Ex 20, 17). “Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5, 28) .

“O coração é a sede da personalidade moral: ‘... é do coração que procedem as más intenções, assassínios, adultérios, prostituições, roubos, falso testemunho e difamações’ (Mt 15, 19). A luta contra a concupiscência da carne passa pela purificação do coração e a prática da temperança” (CIC 2517).

1.10 - Não cobiçar as coisas alheias - (10º mandamento).

“São João distingue três espécies de cobiça ou concupiscência: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. Conforme a tradição catequética católica, o nono mandamento proíbe a concupiscência carnal; o décimo proíbe a concupiscência dos bens alheios” (CIC 2514).

“O décimo mandamento desdobra e completa o nono, que se refere à concupiscência da carne. Proíbe a cobiça dos bens dos outros, raiz do roubo, da rapina e da fraude, que o sétimo mandamento proíbe. A ‘concupiscência dos olhos’ leva à violência e à injustiça, proibidas pelo quinto preceito. A cupidez tem sua origem, como a fornicção, na idolatria, proibida nas três primeiras prescrições da lei. O décimo mandamento se refere à intenção do coração e resume, junto com o nono, todos os preceitos da Lei” (CIC 2534).

“O décimo mandamento proíbe a avidez e o desejo de uma apropriação desmedida dos bens terrenos; proíbe a cupidez desmedida nascida da paixão imoderada das riquezas e de seu poder” (CIC 2536) e “exige banir a inveja”(CIC 2538), que é “tristeza sentida diante do bem do outro e do desejo imoderado de sua apropriação, mesmo indevida” (CIC 2539).

“O desejo da felicidade verdadeira liberta o homem do apego imoderado aos bens deste mundo, para se realizar na visão e na bem-aventurança de Deus. ‘A promessa de ver a Deus ultrapassa todas as bem-aventuranças. Na Escritura, ver é possuir. Aquele que vê a Deus obteve todos os bens que podemos imaginar’ ” (CIC 2548). Quem deseja ver a Deus cumprirá seus mandamentos.

2 - MANDAMENTOS DA IGREJA

“Jesus Cristo organizou os Apóstolos à maneira de um Colégio ou grupo estável, cuja presidência confiou a Pedro, escolhido dentre os mesmos. Enviou-os primeiramente aos filhos de Israel e depois a todas as nações para que, participantes de seu poder, fizessem discípulos dEle todos os povos, santificando-os e governando-os” (LG 19).

Jesus deu a sua Igreja o poder de governar e ordenou aos seus Apóstolos que apascentassem as suas ovelhas (cf. Jo 21, 15-17). A Igreja não se furtou a essa gravíssima função; exerceu e exerce o seu ministério de ensinar e governar o Povo de Deus que caminha neste mundo.

Os Mandamentos da Igreja são ensinamentos, ou melhor, normas que a Igreja instituiu para o bem de cada um de seus filhos. As normas da Igreja não se esgotam nos mandamentos, estando presentes, também, no Código de Direito Canônico, nas Constituições e nos Decretos promulgados pela legítima autoridade da Igreja, no exercício de seu dever de governar.

Ao longo do tempo, essas normas variaram de formas e modos.

“O caráter obrigatório dessas leis positivas, promulgadas pelas autoridades pastorais, tem como fim garantir aos fiéis o mínimo indispensável no espírito de oração e no esforço moral, no crescimento do amor de Deus e do próximo” (CIC 2041).

Hoje, são cinco os mandamentos da Igreja:

2.1 - Participar da missa inteira nos domingos e festas de guarda e abster-se de ocupações de trabalho - (1º mandamento).

O primeiro mandamento da Igreja *“ordena aos fiéis que santifiquem o dia em que se comemora a Ressurreição do Senhor e, também, as festas em honra dos mistérios do Senhor, da santíssima Virgem Maria e dos santos, em primeiro lugar, participando da celebração eucarística, em que se reúne a comunidade cristã e, ao mesmo tempo, abstenendo-se de trabalhos e negócios, que possam impedir a santificação desses dias”* (cf. CIC 2042).

2.2 - Confessar ao menos uma vez por ano - (2º mandamento).

O segundo mandamento *“assegura a preparação para a Eucaristia pela recepção do sacramento da Reconciliação, que continua a obra de conversão e perdão do Batismo”* (CIC 2042).

A Igreja nos diz, ‘ao menos’, porque acredita que queremos manter a paz de espírito e a certeza da graça. Portanto, espera que façamos uso desse sacramento para restabelecermos a graça e evitarmos novas quedas.

2.3 – Receber o sacramento da Eucaristia ao menos pela Páscoa da Ressurreição - (3º mandamento).

O terceiro mandamento *“garante um mínimo na recepção do Corpo e Sangue do Senhor em ligação com as festas pascais, origem e centro da liturgia cristã”* (CIC 2042).

Como o corpo sente necessidade de alimento para não definhar, assim também a nossa alma necessita do mais poderoso alimento espiritual, o Santíssimo Corpo e Sangue de Jesus Cristo, Nosso Senhor e Mestre.

2.4 - Jejuar e abster-se de carne, conforme manda a Santa Mãe Igreja - (4º mandamento).

“Determina os tempos de ascese e penitência, que nos preparam para as festas litúrgicas; contribuem para nos fazer adquirir o domínio sobre os nossos instintos e a liberdade de coração” (CIC 2043).

2.5 -Ajudar a Igreja em suas necessidades - (5º mandamento).

“Recorda aos fiéis que devem ir ao encontro das necessidades materiais da Igreja, cada um conforme as próprias possibilidades” (CIC 2043).

CONCLUSÃO

Todos os mandamentos são instrumentos ou meios que ajudam a nossa santificação. São Francisco, unido e obediente à Igreja recomenda: *“Ouvi, senhores filhos e irmãos meus, prestai atenção às minhas palavras. Inclinaí o ouvido de vosso coração e obedecei à voz do Filho de Deus. Guardai em todo o vosso coração os seus mandamentos e cumpri os seus conselhos com a mente perfeita. Proclamai-o, pois ele é bom, e exaltai-o em vossas obras”*. (Ord 5-8).

REFLEXÃO

01 – Nós criamos falsos deuses. Identifique esses ídolos e descubra como eles substituem Deus em sua vida.

02 - Quais são suas maiores dificuldades na vivência dos mandamentos? O que você vai fazer para vencê-las?

03 - Para você qual o mandamento mais difícil de seguir?

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01 - Ligue corretamente:

Culto a Deus	Hiperdulia
Culto aos Santos	Idolatria
Culto a Maria	Latria
Culto a falsos deuses	Dulia

02 - Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|---|---|
| (1) Amar a Deus sobre todas as coisas | () Resultado do pecado individual e das situações de pecado criadas por nós. |
| (2) Mentira, maledicência, calúnia | () 4º Mandamento |
| (3) Blasfêmia | () 1º Mandamento |
| (4) Santificação do domingo e dias santos de guarda | () Contra o 10º Mandamento |
| (5) Pecado social | () Contra o 2º Mandamento |
| (6) Matar, prejudicar o próximo | () 3º Mandamento |
| (7) Prostituição, impureza | () Contra o 8º Mandamento |
| (8) Causar prejuízo ao próximo em seus bens | () Contra o 7º Mandamento |
| (9) Desejar de maneira desregrada o que é do outro | () Contra o 6º Mandamento |
| (10) Mandamento que trata sobre a autoridade | () Contra o 5º Mandamento |

03 - Responda:

a) Quais são os Mandamentos da Igreja?

b) Quais os dias de Festa de Guarda no Brasil? Quais as datas em que são celebradas?

c) Quais os motivos naturais e sobrenaturais aconselhados por Pio XII para termos uma vida casta?

VIVÊNCIA

01 - Medite estas palavras de São Francisco e descubra a quais mandamentos elas podem ser aplicadas.

a) *“Portanto, rogo-vos com reverência, como posso, que não vos esqueçais do Senhor por causa dos cuidados que tendes e das preocupações deste mundo e não vos afasteis de seus mandamentos, porque todos aqueles que d’Ele se esquecem e se afastam de seus mandamentos são amaldiçoados e serão por Ele destinados ao esquecimento”* (Gv 3).

b) *“Bem-aventurado o servo que tanto ama e respeita seu(sua) irmã(o) quando [este] estiver longe dele como quando estiver com ele; e não disser por trás dele o que, com caridade, não pode dizer diante dele”* (cf. Ad XXV).

ORAÇÃO

Salmo 119(118), 1-8

Felizes aqueles cuja vida é pura e seguem a lei do Senhor.
Felizes os que guardam com esmero seus preceitos
e o procuram de todo o coração:
E os que não praticam o mal, mas andam em seus caminhos.
Impusestes vossos preceitos, para serem observados fielmente;
Oxalá se firmem os meus passos na observância de vossas leis.
Não serei confundido, se fixar os olhos nos vossos mandamentos.
Louvar-vos-ei com reto coração,
uma vez instruído em vossos justos decretos.
Guardarei as vossas leis; não me abandoneis jamais.



03 - Bíblia e Tradição

EXPOSIÇÃO

1 - BÍBLIA

A Bíblia é uma coleção de livros, onde está registrada a história que Deus fez com seu Povo. Estes livros, embora escritos por pessoas, são palavra de Deus. Essas pessoas que os escreveram, inspiradas por Deus, pretendiam nos dizer determinadas coisas. *Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça...*” (2Tm 3, 16).

Normalmente, usamos dois termos para nos referirmos à Palavra de Deus: Sagrada Escritura e Bíblia.

O termo Escritura é usado no Novo Testamento. Algumas vezes, os Apóstolos se referem à Palavra de Deus, chamando-a de Escrituras (cf. Rm 15,4). No século IV, os Padres da Igreja começam a usar o termo Sagrada Escritura.

Bíblia é uma palavra de origem grega que significa livros. Ela passa a ser usada, para designar a Palavra de Deus, no início da Idade Média.

Todos os livros que compõem a Bíblia formam uma unidade. No entanto, costumamos dividir a Bíblia em duas grandes partes:

Antigo Testamento.

Expressa, sobretudo, a fé que o povo de Israel tem em Deus, como Salvador. É a história de Deus com um povo escolhido e a resposta desse povo a Deus. O Antigo Testamento é composto por 46 livros.

Novo Testamento.

Expressa a experiência, que a comunidade primitiva tem da Salvação, através da pessoa de Jesus Cristo Ressuscitado. Apresenta, também, os feitos dos Apóstolos e o desenvolvimento das primeiras comunidades. O Novo Testamento é composto por 27 livros.

A palavra Aliança substitui melhor o termo Testamento. Aliança significa o pacto de amor que Deus fez com o seu povo. A Aliança exige o compromisso, a responsabilidade, tanto de Deus, como do povo. Assim sendo, podemos falar de uma Antiga Aliança (que Deus fez com o povo

judeu) e uma Nova Aliança (que Deus fez com toda a humanidade, através de seu Filho Jesus).

Na Bíblia estão presentes vários gêneros literários, isto é, diferentes modos de contar os fatos acontecidos. Entre estes gêneros destacam-se:

Históricos: Utilizando o gênero narrativo, contam tradições, histórias de família, clãs e tribos reunidas, modificadas e interpretadas, a partir da transmissão oral, tentando seguir uma ordem cronológica, com a finalidade de servir de testemunho de fé no Deus Libertador. Ex.: Gênesis, Josué, Juízes.

Proféticos: Narram a vida dos profetas e as suas profecias. Ex.: Isaías, Samuel, Jeremias.

Sapienciais ou Poéticos: Geralmente, apresentam forma poética e são pouco narrativos. Neles é apresentada sabedoria do povo judeu. Ex.: Provérbios, Sabedoria.

Epistolar: É mais próprio do Novo Testamento. É usado pelos Apóstolos para exortar e para ajudar no crescimento das comunidades primitivas. Ex.: Carta aos Romanos, aos Coríntios.

Podemos dizer que a Bíblia nasceu de uma espécie de mutirão, onde muita gente ajudou. Pessoas de todas as classes e diferentes graus de instrução deram sua contribuição, com uma mesma preocupação, que era construir um povo irmão, onde reinasse a fé e a justiça, o amor e a fraternidade, a verdade e a fidelidade e onde não houvesse opressor nem oprimido.

Antes de ser escrita, a Bíblia já existia de forma oral. O que Deus tinha realizado com o povo era passado de pai para filho. Nas reuniões e festas o povo contava as histórias do que Deus realizava no seu meio.

Num determinado tempo, pessoas inspiradas por Deus começaram a colocar esta história por escrito. Cada livro da Bíblia deixa transparecer muito do pensamento da pessoa que o escreveu. Isto porque a inspiração divina não elimina aquilo que é próprio da pessoa humana.

A Bíblia levou mais de mil anos para ficar pronta. O primeiro livro foi escrito por volta do ano 1000 a.C. e o último por volta do ano 100 d.C. A maior parte da Bíblia foi escrita na Palestina, a terra onde o povo vivia, por onde Jesus andou e onde nasceu a Igreja. Algumas partes do Antigo Testamento foram escritas na Babilônia, onde o povo estava exilado. Outras partes foram escritas no Egito. O Novo Testamento tem vários autores e foi

escrito na Síria, Ásia Menor, Grécia, Itália e em comunidades visitadas ou fundadas pelo apóstolo Paulo.

A Bíblia não foi escrita numa única língua, mas em três línguas diferentes. A maior parte do Antigo Testamento foi escrita em hebraico. Uma parte bem pequena foi escrita em aramaico e o Novo Testamento em grego.

O assunto da Bíblia não é só doutrina. Os assuntos bíblicos abrangem tudo aquilo que diz respeito à pessoa humana. Por isso, encontramos na Bíblia: histórias, provérbios, doutrinas, profecias, cânticos, salmos, lamentações, cartas, sermões, meditações, filosofia, romance, canto de amor, biografias, genealogias, poesias, parábolas, comparações, regras alimentares, regras de higiene, leis para organizar o povo, coisas alegres, coisas tristes, etc. Enfim, podemos dizer que na Bíblia encontramos a fé misturada com a vida e a vida misturada com a fé. Por isso, não podemos ver a Bíblia como um livro desligado da vida.

A Bíblia é, fundamentalmente, vida feita história, lida com fé. Deus falou, proclamou sua Palavra, no meio do povo que escolheu. Além disso, a Bíblia não é um livro que se lê como qualquer outro; para compreendê-lo é preciso ler com a ótica da fé.

Para termos certeza de que a Bíblia que lemos é uma Bíblia católica, observamos se a mesma contém a palavra IMPRIMATUR (imprima-se) e a autorização de um bispo católico.

2 - TRADIÇÃO

Toda a revelação de Deus para a humanidade não está presente somente na Bíblia. O “Depósito da Fé” que os Apóstolos receberam de Jesus e nos transmitiram não está codificado apenas na Bíblia. Este depósito de fé chegou até nós por outro meio que chamamos de Sagrada Tradição (cf. 2Tm 1, 13-14 e 1Tm 6, 20).

Para nós, católicos, existem dois meios para conhecer a plenitude da revelação de Deus: A Bíblia e a Tradição.

A Bíblia é a palavra de Deus escrita, sob a inspiração do Espírito Santo, que chegou até nós.

A Tradição transmitiu, aos sucessores dos Apóstolos e a todos(as) os(as) cristã(o)s, de viva voz, a Palavra de Deus (não escrita), conservada pela Igreja em seus ensinamentos, na liturgia e na disciplina (cf. 2Ts 2, 15 e Jo 21, 25).

No Concílio Vaticano II a Igreja nos diz que: “*a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura formam um só sagrado depósito da Palavra de Deus confiado à Igreja; apegando-se, firmemente ao mesmo, todo o povo santo, unido a seus pastores, persevera, continuamente, na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações*” (DV 10).

Bíblia e Tradição são fontes da revelação de Deus, por isso, não entram em contradição. Entre ambas existe uma relação comunicante. É, através das duas, que temos a revelação completa de Deus. As duas realizam-se dentro da Igreja.

Concluindo este tema, podemos dizer que para nós, católicos, o importante não é só a Bíblia. Devemos estar atentos à Palavra de Deus que se encontra, tanto na Bíblia como na Tradição da Igreja.

3 - OS EVANGELHOS

Os quatro evangelistas são: Mateus, Marcos, Lucas e João. Marcos e Lucas não fazem parte dos Doze Apóstolos. Conforme uma profecia de Ezequiel (1, 4-10), os evangelistas são representados por símbolos ou figuras, da seguinte maneira:

01 - Mateus é apresentado pela figura de um *homem*, porque começou a escrever seu Evangelho dando a genealogia de Jesus.

02 - Marcos é representado pela figura de um *leão*, porque começou a narração de seu Evangelho no deserto, *habitat* do leão.

03 - Lucas é representado pelo *touro*, porque começou o Evangelho falando do templo, onde eram imolados os bois.

04 - João é representado pela *águia*, por causa do elevado estilo de seu Evangelho, que fala da Divindade e do mistério altíssimo do Filho de Deus.

REFLEXÃO

01 - O que significa dizer que a Bíblia é uma mistura de fé e vida?

02 - A Igreja de Cristo, apesar das muitas religiões e seitas fundadas por homens, continua sua caminhada através da história. Há uma razão para isto? Procure descobrir em Mt 16, 13-19.

03 - Leia 2Cel LXVIII, 102.

Descubra e comente como São Francisco lia Palavra de Deus.

“Embora este homem bem-aventurado não tivesse sido instruído em nenhum estudo da ciência, no entanto, aprendendo a sabedoria que do alto provém de Deus e iluminado pelos fulgores da luz eterna, tinha não pouca compreensão sobre as Sagradas Escrituras. Pois a inteligência purificada de toda mancha penetrava nas realidades escondidas dos mistérios, e, onde a ciência dos mestres está fora, entrava o afeto de quem ama. De vez em quando, lia nos livros sacros e escrevia indelevelmente no coração o que uma vez lançara dentro do espírito. Tinha a memória em lugar de livros, porque o afeto ruminava com contínua devoção o que uma vez o ouvido captava não em vão. Dizia que este é o modo frutuoso de aprender e de ler: não vagar por milhares de tratados. E considerava verdadeiro filósofo quem nada antepunha ao desejo da vida eterna. E afirmava que facilmente passará da ciência de si à ciência de Deus aquele que, dedicando-se à Escritura, pesquisa com humildade e não com presunção. Frequentemente resolvia por palavras as dúvidas das questões e, embora imperito nas palavras, exprimia com clareza a compreensão e a força [delas]”.

FIXAÇÃO

01 - Numere corretamente a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|--------------|--|
| (1) Bíblia | () Pacto de amor que Deus fez com seu povo. |
| | () Palavra de Deus escrita. |
| (2) Tradição | () Depósito da fé. |
| | () Sagrada Escritura. |
| (3) Aliança | () Palavra de Deus em forma oral. |

02 - Leia 2Tm 3, 14-17 e escreva a função da Palavra de Deus para o cristão.

03 - Pesquise e dê o que se pede:

a) Divisão da Bíblia

b) Nome dos quatro Evangelistas

c) Número de livros do Novo Testamento

d) Dois livros históricos

e) Dois livros sapienciais

f) Inspirador dos autores da Bíblia

g) Língua em que foi escrito o Novo Testamento

h) Livro que conta os feitos dos Apóstolos

i) Primeiro livro da Bíblia

j) Último livro da Bíblia

l) Alguns dos assuntos de que trata a Bíblia

VIVÊNCIA

01 - Segundo 2 Cel LXVIII, 102, São Francisco lia a Bíblia e guardava a Palavra de Deus não só na cabeça, mas no coração.

Como e quanto você lê a Bíblia?

Procure adquirir o hábito da leitura e meditação diária da Palavra de Deus.

02 - Pessoas de todas as classes e diferentes graus de instrução deram sua contribuição para o mutirão do surgimento da Bíblia.

O que você está fazendo para construir - em seu ambiente - um povo irmão, onde reine a fé, a justiça, o amor e a fraternidade?

ORAÇÃO

Oração da Bíblia

Obrigado(a), Senhor, pela tua Palavra, que por amor de nós se fez carne e habitou entre nós.

Obrigado(a), porque nos destes ouvidos para percebê-la, olhos para perscrutá-la e coração para amá-la.

Obrigado(a), porque por ela, não vivemos mais na escuridão, não mais andamos sem esperança, não mais teremos que lutar sozinhos.

Obrigado(a), porque ela nos dá a certeza que tu nos amas e nos espera em tua casa.

Senhor, se é em tua Palavra que devemos lançar as redes e construir aqui na terra teu reino de justiça, dá-nos entendê-la e vivê-la em plenitude.

Envia o teu Espírito para que nos explique tudo o que disseste e nos dê força para cumpri-lo.

Que tua Palavra, Senhor, mostre aos poderosos, os limites de seus poderes, para que não se atrevam a violar o direito dos fracos. Indique aos humildes o caminho certo para conseguir pão, justiça, paz e trabalho.

Encaminhe os pecadores para o arrependimento e a conversão, disponha os ofendidos ao perdão, firme a coragem dos perseguidos, deixe brilhar para os pobres uma esperança de tempos melhores.

Tua Palavra faça todos entenderem que, só pelo amor voltará a justiça, só pelo perdão será encontrada a paz, só pelo trabalho será realizada a reconstrução do mundo, só pelo sacrifício se chegará à transformação dos corações e só pela morte se nasce para a vida eterna. Amém.

04 - Francisco Modelo de Amor, de Amizade e de Fraternidade

EXPOSIÇÃO

1- AMOR

Amor! Palavra mágica e equívoca.

Que é o amor? Emoção? Convicção? Ideal? Energia? Êxtase? Impulso? Vibração? Tem mil significados, veste-se de mil cores, confunde como um enigma, fascina como um mistério. O que se vive, não se define.

Então, o que é amar?

1.1 - Amar é respeitar.

O respeito implica duas atitudes, uma interior e outra exterior. Pressupõe, em primeiro lugar, que se venere o mistério da(o) irmã(o) como quem venera algo sagrado. Em segundo lugar, implica não se intrometer na vida da(o) outra(o). Em forma negativa: pensar mal, falar mal. Em forma positiva: reverência interior e cortesia.

1.2 - Amar é adaptar-se.

Adaptar é relacionar-se com outros(as) sem dominar e sem ser dominado(a), é deixar-se questionar pelos(as) outros(as). É a capacidade de sair do próprio círculo e de se abrir ao mundo do próximo. Numa palavra, é um processo de integração e de ajustamento ao meio humano em que se vive.

1.3 - Amar é perdoar.

Perdoar é extinguir o rancor, o ódio, o ressentimento, a inveja, ciúmes e antipatia. É quebrar esses vínculos e soltar-se.

1.4 - Amar é aceitar.

Aceitar é mais do que respeitar e menos do que acolher. É admitir, em paz, que a(o) irmã(o) seja como é. É sair de si mesma(o), colocar-se no lugar da(o) outra(o), o quanto possível na interioridade dela ou dele, para analisar *a partir* dela mesma ou dele mesmo e não a partir da nossa perspectiva.

1.5 - Amar é comunicar-se.

Comunicar-se encerra um sentido mais profundo e pessoal: entregar algo que é substancialmente meu, alguma coisa que faz parte do meu ser.

Na medida em que a pessoa humana se abre e se dá, ela é livre e, nessa mesma medida, amadurece e ama.

1.6 - Amar é acolher.

Acolher é permitir que o(a) outro(a) entre no meu recinto interior. É preciso colocar-se em estado de escuta diante das outras pessoas. Pressupõe despojamento de preconceitos e falsas imagens.

1.7 - Amar é dialogar.

O diálogo não é um debate de ideias, trata-se de buscar a verdade entre duas pessoas, ou em um grupo. Sempre que se busca a verdade, a primeira e elementar atitude é a humildade.

1.8 - Amar é assumir a(o) irmã(o) “difícil”.

Assumir quer dizer: receber e tratar a(o) irmã(o) com compreensão, carinho e estímulo.

Amar o que é amável é fácil e natural, mas para amar o difícil precisamos de uma coragem pouco comum, de uma natureza especial ou de um dom infuso do alto.

Daí, deduz-se que amar e gostar não são sinônimos. Nem na gramática, nem na psicologia, nem na vida. Gostar não admite renúncia, sacrifício. Mas, amar admite renúncia ao prazer; sacrifício do prazer. Quem gosta quer bem. Por exemplo, eu não amo a laranja, porque não quero o bem dela. Se quisesse, não a reduziria a bagaço. Eu apenas gosto da laranja, porque quero o meu bem.

Não existe, necessariamente, incompatibilidade entre amar e gostar. Temos em nós o instrumental do prazer e a capacidade de amar. O fundamental é não dar prioridade ao gostar sobre o amar e, menos ainda, exclusividade.

Por isso, além do amor é necessário força de vontade para sermos coerentes no amor. Medroso(a) pode amar. Preguiçoso(a) pode amar. Inconstante pode amar. Mas, se não tem força de vontade, jamais transformarão o amor, de que estão cheios, em comportamento. Esta é a tragédia de muitos(as), cujo amor não funciona.

Só o ser humano ama, porque só ele pode querer livremente o bem do(a) outro(a).

Amar é o teste de maturidade humana e afetiva.

2 - SÃO FRANCISCO E O AMOR

Muitos já disseram que o amor é a principal característica de São Francisco. Afirmativa verdadeira, pois São Francisco possui uma capacidade de amar superior ao comum, não só dos seres humanos, mas até dos santos. Todavia, afirmar que o amor é sua principal característica é pouco, pois o amor é o fundamento do cristianismo e somos todos chamados a viver o amor. O que distingue São Francisco é o seu modo de amar. Modo esse aprendido na oração, na contemplação, na reflexão do Evangelho, na vida fraterna e na obediência a Deus e a Igreja. Amor centrado na Encarnação, Eucaristia, Paixão e Morte de Jesus, que no Monte Alverne o levou a fazer esse estranho pedido:

“Ó Senhor, meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que, em vida, eu sinta na alma e no corpo, tanto quanto for possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima Paixão; a segunda, é que eu sinta, no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual Tu, Filho de Deus, estavas inflamado, para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores” (Fior 3ª CSE). Recebeu as duas graças.

Francisco ama com tal intensidade ao seu Senhor e quer tanto se assemelhar a Ele em tudo, sendo, por isso, chamado de Seráfico. Esse seu amor se revelou:

2.1 - Aos doentes (cf. 2Cel CXXXIII, 175-176; CXXXIV, 177)

“Tinha muita compaixão para com os doentes e muita solicitude pelas suas necessidades” (2 Cel CXXXIII, 175). Quando seculares piedosos lhe mandavam remédios, embora precisasse mais que os outros, dava a outros doentes. Assumia os sofrimentos de todos os que padeciam, dizendo-lhes palavras de compaixão quando não podia ajudar de outra maneira. Chegava até a comer nos dias de jejum, para que os doentes não ficassem com vergonha de comer. E não se envergonhava de pedir, publicamente, pela cidade, carne para um irmão doente. Mas, admoestava os doentes a sofrer as privações com paciência e a não dar escândalo por não terem sido satisfeitos em tudo.

2.2 - Aos pobres (cf. LM VIII, 5).

Seu coração enchia-se de compaixão à vista dos pobres... e, quando não podia socorrê-los, esforçava-se para, ao menos, mostrar-lhes seu amor.

2.3 - Aos angustiados (cf. 2Cel CXXXIV, 177).

Francisco tinha maior clemência e suportava com mais paciência os doentes que sabia serem jogados como criancinhas frágeis, de um lado para outro, angustiados por tentações e desanimados.

2.4 - Aos pecadores (RnB V, 7-8).

“E cuidem todos os irmãos, tanto os ministros e servos como os demais, para não se perturbarem ou se irritarem por causa do pecado ou do mal do outro, porque o demônio quer, por causa do pecado de um só, corromper a muitos; mas ajudem espiritualmente, como melhor puderem, aquele que pecou, porque não são os sadios que precisam de médico, mas os enfermos” (cf. Mt 9, 12; Mc 2, 17).

2.5 - Aos sacerdotes (Test 6-9).

“Depois, o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa Igreja romana - por causa da Ordem deles - que, se me perseguirem, quero recorrer a eles. E se eu tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão e encontrasse sacerdotes pobrezinhos deste mundo, não quero pregar nas paróquias em que eles moram, passando por cima da vontade deles. E a eles e a todos os outros quero temer, amar e honrar como a meus senhores. E não quero considerar neles o pecado, porque vejo neles o Filho de Deus e eles são meus senhores”.

2.6 - As criaturas (cf. 1Cel XXIX, 80-81).

Quem poderia contar o afeto que tinha para com todas as coisas de Deus? Quem seria capaz de mostrar a doçura que sentia quando contemplava nas criaturas a sabedoria do Criador, seu poder e sua bondade? Na verdade, enchia-se, muitas vezes, de uma alegria admirável e inefável, quando olhava para o sol, a lua, as estrelas e o firmamento. Que piedade simples e que simplicidade piedosa! ... Afinal, chamava todas as criaturas de irmãos e, de uma maneira especial, por ninguém experimentada, descobria os segredos do coração das criaturas, porque na verdade parecia já estar gozando a liberdade gloriosa dos filhos de Deus.

2.7 - Aos irmãos (cf. 2Cel CXXXI, 172-173; CXXXII, 174).

Já que a força do amor tinha feito dele um irmão das outras criaturas, não nos admiraremos de que a caridade de Cristo tenha feito dele um irmão ainda maior daqueles que foram distinguidos pela semelhança com o Criador. ... Mas amava de maneira especial, profunda e de todo o coração

os próprios irmãos, por conviverem na mesma fé e co-participarem da herança eterna.

Francisco é o santo do amor. Nas suas lendas vamos encontrar narrativas de seu amor, mas nunca devemos esquecer que São Francisco é o santo do amor, porque compreendeu em profundidade o amor de Deus por nós e quis viver em plenitude o novo mandamento. *“Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”* (Jo 13, 34-35).

3 - AMIZADE

As ciências humanas e a própria teologia nos ensinam que ninguém pode desenvolver-se sozinho. *“O homem é por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros não pode nem viver nem desenvolver seus dons”* (GS 12). A exigência básica do ser humano é realizar-se, para ser feliz. Mas ninguém consegue realizar essa tarefa sozinho. Aí entra o valor da amizade.

Tudo isso vem corroborar a sabedoria do Evangelho: *“Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai”* (cf. Jo 15, 15). É preciso crer nessa revelação evangélica. Cristo quer que tenhamos vida e vida em abundância (cf. Rm 5, 20). Ele nos doa essa vida como doação de amigo. Isso nos garante a vida em plenitude, que se desenvolve pela amizade com ele. Da parte de Jesus vale a afirmação: *“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”* (Jo 15, 13).

A verdadeira amizade, em seu essencial, é dom de Deus. É dádiva quase-sacramental. *“Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade”* (Jo 17, 23). Essa presença de Deus-amor em nós é o segredo de um amor inesgotável. E todo o verdadeiro amor humano só pode nascer dessa fonte divina. A amizade autêntica parte dessa verdade.

O modelo de toda amizade humana deve ser a amizade de Cristo para conosco. Ter um amigo ou amiga é trazer a presença dessa pessoa em si. A presença viva e constante, amorosa, tranquila, pacífica, plenificante, que faz crescer sempre.

Viver uma grande amizade é ser portador de um segredo. É trazer alguém no seu íntimo. Uma verdadeira presença. Presença que nos acompanha quando oramos, trabalhamos, descansamos e até dormimos.

É uma presença que não sufoca, não é melosa, pegajosa, não atrapalha e não atropela. Não gera ciúmes, rivalidade, desconfiança. É uma presença suave, pacificadora, dinâmica. É presença fecundante. Estimula a vida e potencializa o trabalho. É presença inspiradora. É o segredo da vida em plenitude.

A amizade supõe certa semelhança, um número determinado de interesses comuns e o diálogo. Além disso, existe um elemento emocional, uma chama, uma resposta instintiva, espontânea. A amizade é um dom, um tesouro. Amigos(as) se comportam como irmã(o)s, mas, além da fraternidade, sentem admiração, satisfação e enriquecimento mútuo pelo fato de estarem juntos(as). É algo espontâneo. É prazerosa. Na amizade, o amar e o gostar andam juntos. Sendo assim, devemos amar a todos(as) e ter alguns por amigo(a)s.

4 – SÃO FRANCISCO E A AMIZADE

Um dos maiores valores na vida é a amizade. Portanto, é um valor que não podia faltar na vida de São Francisco. Ele elevou a amizade a uma dignidade impressionante. Soube vivê-la, até as últimas consequências, numa expressão afetivo-humana tão sublime, que o homem e a mulher de hoje dificilmente entendem. Francisco despojou-se do homem velho, para revestir-se do homem novo (cf. Ef 4, 22-24). Conseguiu de fato entregar-se tão completamente a Deus, que Este lhe arrancou do corpo o coração de pedra, para substituí-lo por um coração de carne (cf. Ez 11, 19), capaz de cultivar amizades profundamente espirituais.

Francisco assume o ser amigo, com uma ternura maternal. Manifesta-o ao amigo mais íntimo, Frei Leão: *“Assim te digo, meu filho, como mãe ...”* (Le 2). E, na mesma carta, mostra que ama o amigo com amor maternal, mas o deixa livre: *“E se te for necessária outra consolação para tua alma e se quiseres vir a mim, Frei Leão, vem”* (Le 4).

Frei Leão, por ser o amigo mais íntimo, participou dos acontecimentos mais marcantes da vida de São Francisco. Para Francisco, ele era a *“ovelhinha de Deus”* (cf. Fior 8).

Cultivou ainda uma relação de amizade com o Cardeal Hugolino e com o bispo Guido.

Uma amizade, incrivelmente profunda, que cresceu, enquanto os dois viveram, foi a amizade de Francisco e Clara. De tão simples, transparente e bela, que ela é, sempre atrai. Muito já se escreveu sobre essa amizade, que é o amor plenamente humano, brotando, no entanto, de corações convertidos.

Outra amizade, delicadamente afetuosa, é cultivada com a senhora Jacoba de Settesoli. Era “*viúva e considerada entre os mais nobres e mais ricos de Roma*” (1EP 112, 4). Ela foi convertida pelos méritos e pregações de São Francisco. São Boaventura conta um detalhe curioso sobre esta amizade de São Francisco: que ele, Francisco, deu a Jacoba um cordeirinho, que se tornou um companheiro inseparável dessa senhora e que a seguia até mesmo à igreja (cf. LM VIII 7, 8-9). Jacoba descobriu o que seu amigo apreciava comer. Era um doce “...*feito de amêndoas, açúcar ou mel*” (CA 8, 5; 2EP 112, 3). Francisco pediu que ela fosse avisada de sua morte iminente e que trouxesse um pano para sua mortalha e “*também aquele doce, que me preparou tantas vezes, quando eu ia Roma*” (cf. CA 8, 5).

São Francisco viveu a amizade levada à quase perfeição, à quase sacramentalidade.

5 – SÃO FRANCISCO E A FRATERNIDADE

A fraternidade é para São Francisco, a base de sua maneira de viver. Estabelece laços fraternos não só com os seres humanos, mas também com todas as criaturas criando a fraternidade universal, cósmica. No mundo, ele quer ser uma presença clara e transparente do novo mandamento, por isso, ama toda a criação e ama os seus irmãos com entranhado amor e quer que se amem com recíproco amor materno. “*Quero que todos se mostrem como filhos duma mesma mãe*” (2Cel CXXXVI, 180, 2). “*Se a mãe nutre e ama a seu filho carnal, quanto mais diligentemente não deve cada um amar e nutrir seu irmão espiritual?*” (RB VI, 9).

5.1 – Na união (Ad III, 9 e 2Cel VI, 32-33).

“*Pois, quem prefere sofrer perseguição a separar-se de seus irmãos permanece verdadeiramente na perfeita obediência, porque expõe a sua vida em favor dos seus irmãos*” (Ad III, 9).

“*Havia um outro irmão, célebre pela reputação diante dos homens, mais célebre pela graça diante de Deus. Invejando-lhe as virtudes, o pai de toda inveja pensa em cortar a árvore que já tocava os céus e arrancar-lhe a coroa das mãos; rodeia, gira, sacode e expõe ao vento as coisas que lhe são próprias, para de algum modo colocar um obstáculo adequado ao irmão. Portanto, sob pretexto de maior perfeição, sugere-lhe o desejo de isolamento para, finalmente, caindo sobre ele só, fazê-lo cair mais facilmente e, quando ele tiver caído só, não tenha quem o levante. O que mais? Ele se afasta da*

Religião dos irmãos, andando como peregrino e hóspede pelo mundo. Da túnica do hábito fez uma pequena túnica, trazendo o capuz não costurado à túnica e, assim, ia pelas regiões, desprezando-se em tudo. E, enquanto andava desta maneira, aconteceu que, sendo retirada bem depressa a consolação divina, era sacudido por procelosas tentações. Entraram as águas até à alma e desolado, interior e exteriormente, caminha como ave que corre para a armadilha. Era arrastado rapidamente, como que pelo sorvedouro, ao precipício, quando o olho da providência paterna, compadecendo-se, olhou para o mísero com bondade. Na verdade, recebendo o aprendizado pelo sofrimento, voltando finalmente a si ele diz, assim: ‘Volta, ó mísero, à Religião, porque lá está a tua salvação’. Não deixa para mais tarde, levanta-se imediatamente, corre ao regaço da mãe” (2Cel VI, 32, 1-10).

“Ó obras do Senhor, grandes no conselho e na assembleia dos justos! Nela, [na Fraternidade] na verdade, os tentados são apoiados, os caídos são levantados, os tíbios são estimulados; nela, o ferro é afiado com ferro e o irmão, ajudado pelo irmão, estabelece-se como cidade inabalável” (2Cel VI, 33, 8-9).

5.2 – Na unidade (2Cel CXLIV, 191, 1-2).

“Ele sempre teve o constante desejo e o vigilante esforço de preservar entre os filhos o vínculo da unidade, para que fossem afagados em paz ao colo de uma única mãe os que foram trazidos pelo mesmo espírito e gerados pelo mesmo pai. Queria que os maiores se unissem aos menores, que os sábios se ligassem aos simples com afeto de irmão de sangue, que os distantes se associassem entre si pelo laço do amor”.

5.3 – Acolhendo com alegria os irmãos que o Senhor lhe dá

“Naquele tempo, São Francisco e seus irmãos tinham, realmente, alegria muito grande e júbilo especial, quando alguém - quem quer e qualquer que fosse - fiel, rico, pobre, nobre, sem nobreza, desprezado, benquisto, sábio, simples, clérigo, iletrado, leigo no povo cristão, levado pelo espírito de Deus, vinha para receber o hábito da santa Religião” (1Cel XII, 31, 3).

5.4 – No respeito ao outro (RnB VII, 15).

“E, onde quer que estiverem e em qualquer lugar em que se encontrarem, devem os irmãos espiritual e diligentemente cuidar uns dos outros e honrar-se mutuamente sem murmuração”.

5.5 – Na caridade verdadeira (Ad XXV e 2Cel XV, 22, 1-9)

“Bem-aventurado o servo que tanto ama e respeita seu irmão quando [este] estiver longe dele como quando estiver com ele; e não disser por trás dele o que, com caridade, não pode dizer diante dele” (Ad XXV).

“Numa noite, estando todos a dormir, uma das ovelhas grita: ‘Estou morrendo, irmãos, eis que estou morrendo de fome!’ O egrégio pastor levanta-se imediatamente e apressa-se em auxiliar com o devido remédio a ovelha doente. Manda que se prepare a mesa, embora abastecida com iguarias rústicas, onde a água supria a falta do vinho, como [aconteciam] frequentemente. Ele próprio começa a comer primeiro e convida os demais irmãos ao ofício da caridade, para que aquele irmão não se envergonhe. Tendo tomado o alimento no temor do Senhor para que nada faltasse ao ofício da caridade, o pai teceu uma longa parábola aos filhos sobre a virtude da discrição. Manda oferecer o sacrifício a Deus sempre temperado com sal e admoesta atentamente a que cada um considere as próprias forças no serviço de Deus. Afirma que subtrair sem discernimento o que é devido ao corpo é pecado semelhante a fornecer-lhe o supérfluo, imperando a gula. E acrescenta: ‘Sabei que o que fiz ao comer, caríssimos, foi feito por solidariedade e não por vontade, porque a caridade fraterna o mandou. Sirva-vos a caridade como exemplo, não o alimento, porque este serve à gula, aquela ao espírito’ ”(2Cel XV, 22, 1-9).

REFLEXÃO

01- Amar é respeitar, adaptar-se, perdoar ... Encontre sinais de amor no meio em que você vive.

02 – Amizade é o amor em sua forma mais dinâmica. Encontre sinais de amizade no meio em que você vive.

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

01- Preencha os espaços vazios com a palavra ou expressão adequada que se encontra entre parênteses:

- a) O amor da amizade é _____
(natural, fruto de uma convicção).

b) O amor da amizade é _____
(universal, particular).

c) Gostar é _____ e
amar é _____
(querer o bem, querer bem).

02 - Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- (1) Respeitar () É abrir um espaço para que o(a) outro(a) o ocupe.
(2) Adaptar-se () É receber e tratar o(a) irmão(ã) com compreensão, carinho e estímulo para melhorá-lo(a).
(3) Perdoar () É admitir, em paz, que o(a) irmão(ã) seja como é, ou seja, diferente.
(4) Aceitar () É buscar a verdade entre duas pessoas ou em grupo. Exige humildade.
(5) Comunicar-se () É venerar o mistério do(a) outro(a) e não se intrometer em sua vida.
(6) Acolher () É quebrar os vínculos do ódio, rancor, ressentimento e soltar-se.
(7) Dialogar. () É entregar algo que é substancialmente meu, alguma coisa que faz parte do meu ser
(8) Assumir o () É relacionar-se sem dominação ou
irmão difícil submissão.

03- Leia os trechos citados a seguir e identifique em cada um deles os sinais de amizade:

a) Jo 11, 1-44.

b) 1Sm 18, 1-4.

c) Jo 15, 12-17.

d) 3Cel VI, 37-39.

e) Le

f) 1Cel XXVII, 73-75

g) 1Cel V, 100-101

h) Fior 15

VIVÊNCIA

01- Leia 1Cor 13, 4-7. Substitua a palavra caridade pelo seu próprio nome. Repita esse exercício de vez em quando e verifique seu crescimento no amor.

02- Leia Eclo 6, 14-17. Faça uma lista dos seus amigos e descubra, em cada um, três qualidades. Escreva uma pequena oração agradecendo ao Senhor por eles.

ORAÇÃO

Senhor, tu que és o Amor, ensina-nos a amar à tua maneira, isto é, sem limite algum, a exemplo de seu Filho Jesus, que doou sua vida por nós.

Senhor, tu que és a Amizade, liga-nos pelo coração aos nossos amigos, para que a amizade seja sinal da eternidade.

Senhor, tu que és a Fraternidade Perfeita, pois não vives na solidão, mas, numa comunhão de amor com o Filho e o Espírito Santo, faze com que as nossas vidas sejam um sinal do Amor-Amizade-Fraternidade da Trindade.

Por Cristo nosso Senhor. Amém.

Bibliografia

01 - A VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

- ROSSI, Pietro OFM. *O Santo de Quem eu Gosto*. Tradução de Fr. Urbano Plentz OFM. Cadernos Franciscanos do Centro de Formação de Minas Gerais.

02 - A FAMÍLIA FRANCISCANA

- CAMPOS, Celina Braga OFS e PLENTZ, Urbano OFM. *A História da OFS*. Tradução adaptada da obra de Lázaro Iriarte OFM. Cadernos Franciscanos do Centro Franciscano de Formação de Minas Gerais.
- SCHNITKER, Fernando OFM (Compilação). *OFS Espírito e Vida*. CEFEPAL NE II.

03 - A ORDEM FRANCISCANA SECULAR

- FERREIRA, Daisy Lúcia Martins. *Espiritualidade Franciscana Secular: uma vanguarda e esperança do laicato* - Monografia apresentada ao Departamento de Teologia da PUC-RIO, 2010.
- FREZZA, VICENZO OFM Cap. *Ordem Franciscana Secular: Uma Forma de Vida Evangélica*. Petrópolis.Vozes/CEFEPAL.
- Cartilha da OFS Região Centro.
- Revista Paz e Bem. *Oração*. Nº 5. RJ, 1993.

04 - ORGANIZAÇÃO DA OFS

- FERREIRA, Daisy Lúcia Martins. *Espiritualidade Franciscana Secular: uma vanguarda e esperança do laicato* - Monografia apresentada ao Departamento de Teologia da PUC-RIO, 2010.
- FREZZA, VICENZO OFM Cap. *Ordem Franciscana Secular: Uma Forma de Vida Evangélica*. Petrópolis.Vozes/CEFEPAL.
- Cartilha da OFS Região Centro.

05 - A VOCAÇÃO FRANCISCANA SECULAR

- PLENTZ, Urbano OFM. *A Vocação*. Cadernos Franciscanos do Centro Franciscano de Formação de Minas Gerais.
- Apostila elaborada por Rosalvo Gonçalves Mota OFS.
- Revista Paz e Bem. Artigo de J. Fernandes de Oliveira. Nº 5. RJ, 1993.

06 - O EVANGELHO NA VIDA DE SÃO FRANCISCO

- DICIONÁRIO FRANCISCANO. Coordenação geral de Ernesto Caroli. Tradução Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis. FFB/Vozes, 1993.

07 - A APRESENTAÇÃO DA REGRA E SUA EVOLUÇÃO NOS SÉCULOS

PRANGENBERG, Egberto OFM. *Francisco entre os Seculares*. Petrópolis. Vozes, 1996.

- PEDROSO, José Carlos OFM^{Cap}. *Evolução da Espiritualidade Franciscana Secular - OFS*. Petrópolis. FFB.

08 - A FRATERNIDADE-COMUNIDADE

- LARRAÑAGA, Inácio OFM^{Cap}. *Suba Comigo*. São Paulo. Paulinas.
- *Formar para uma Nova Sociedade* - Equipe de Formação-Regional Sul 3. Caxias do Sul. Editora São Miguel.
- Caderno Franciscano Oração e Silêncio. Nº 1. MG. CEFEPAL, 1994.

09 - DEUS SE REVELA A NÓS, DEUS PAI CRIADOR

TAQUES JUNIOR, Dewet Virmond. Coleção Evangelização Fundamental, Vol I. 1ª edição. São Paulo. Loyola, 1986.

10 - JESUS O SALVADOR, DEUS FILHO REDENTOR

- TAQUES JUNIOR, Dewet Virmond. Coleção Evangelização Fundamental, Vol I. 1ª edição. São Paulo. Loyola, 1986.

11 - VIDA NOVA, ESPÍRITO SANTO, O SANTIFICADOR

- TAQUES JUNIOR, Dewet Virmond. Coleção Evangelização Fundamental, Vol I. 1ª edição. São Paulo. Loyola, 1986.

12 - CRISTOLOGIA

- ROSER, Antonio Gonzalez. *A verdade sobre Jesus Cristo*. Brasileira, 1993.
- COSTA, Paulo Cezar (Dom). Apostila de Cristologia do Curso de Teologia PUC-RIO, 2010.
- Cartilha para Tempo de Formação NE 5 - Bahia /Sergipe.

13 - A ORAÇÃO

MOHANA, João. *Paz pela Oração*. Rio de Janeiro. Editora Agir.

14 - RITO DE ADMISSÃO À ORDEM FRANCISCANA SECULAR

- DOCUMENTOS DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR: Regra. Constituições Gerais. Estatuto Nacional. Estatuto da Assistência Espiritual e Pastoral à OFS. Estatuto da Fraternidade Internacional. Ritual da OFS. 4ª edição. Rio de Janeiro. OFS do BRASIL, 2003.

15 - UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA

- CAMPOS, Celina Braga OFS e PLENTZ, Urbano OFM. *A História da OFS*. Capítulo *História Franciscana*. Tradução adaptada da obra de Lázaro Iriarte OFM. Cadernos Franciscanos do Centro Franciscano de Formação de Minas Gerais.
- FERREIRA, Daisy Lúcia Martins. *Espiritualidade Franciscana Secular: uma vanguarda e esperança do laicato* - Monografia apresentada ao Departamento de Teologia da PUC-RIO, 2010.

16 - OS MANDAMENTOS DE DEUS E DA IGREJA

- GALEA, José. *Síntese do Catecismo*. 2ª edição. Brasília, 1987.
- TRESE, Leo. *A Fé Explicada*. São Paulo. Edições Quadrante.
- *Conteúdo para uma Catequese Renovada*. Diocese de Osasco. 8ª edição. São Paulo. O Recado Editora, 1985.
- *O Novo Catecismo. A Fé para Adultos*. São Paulo. Loyola, 1990.

17 - BÍBLIA E TRADIÇÃO

- MESTERS Carlos. *Bíblia, livro feito em mutirão*. 9ª edição. São Paulo. Edições Paulinas, 1995.
- MORACHO, Félix. *Na Escola da Fé*. 3ª edição. São Paulo. Paulinas, 1983.

18 - FRANCISCO, MODELO DE AMOR, DE AMIZADE E DE FRATERNIDADE

- LARRAÑAGA, Inácio OFM cap. *Suba Comigo*. São Paulo. Paulinas.
- PLENTZ, Urbano OFM. *São Francisco e a Amizade*. Cadernos Franciscanos do Centro Franciscano de Formação de Minas Gerais. Nº2, 1990.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

A Bíblia e demais livros e documentos citados nos diversos temas são indispensáveis para as orações, consulta e estudo, especialmente, os relacionados abaixo:

Bíblia de Jerusalém. Revista e ampliada. São Paulo. Paulus, 2004.

Compêndio Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo. Paulus, 2001.

Documentos da OFS. 4ª edição. Rio de Janeiro, 2003.

Devocionário Franciscano. Petrópolis. Vozes, 2009.

Fontes Franciscanas e Clarianas. Apresentação Sergio M. Dal Moro. Trad. Celso Marcio Teixeira e outros. Petrópolis. Vozes, 2004.

A produção gráfica deste livro foi realizada na Letra Capital Editora. Utilizou-se a fonte Times New Roman corpo 12 com entrelinha 14,5. Impresso em papel offset 75g/m² na MCE Gráfica, no Rio de Janeiro, em março de 2011.